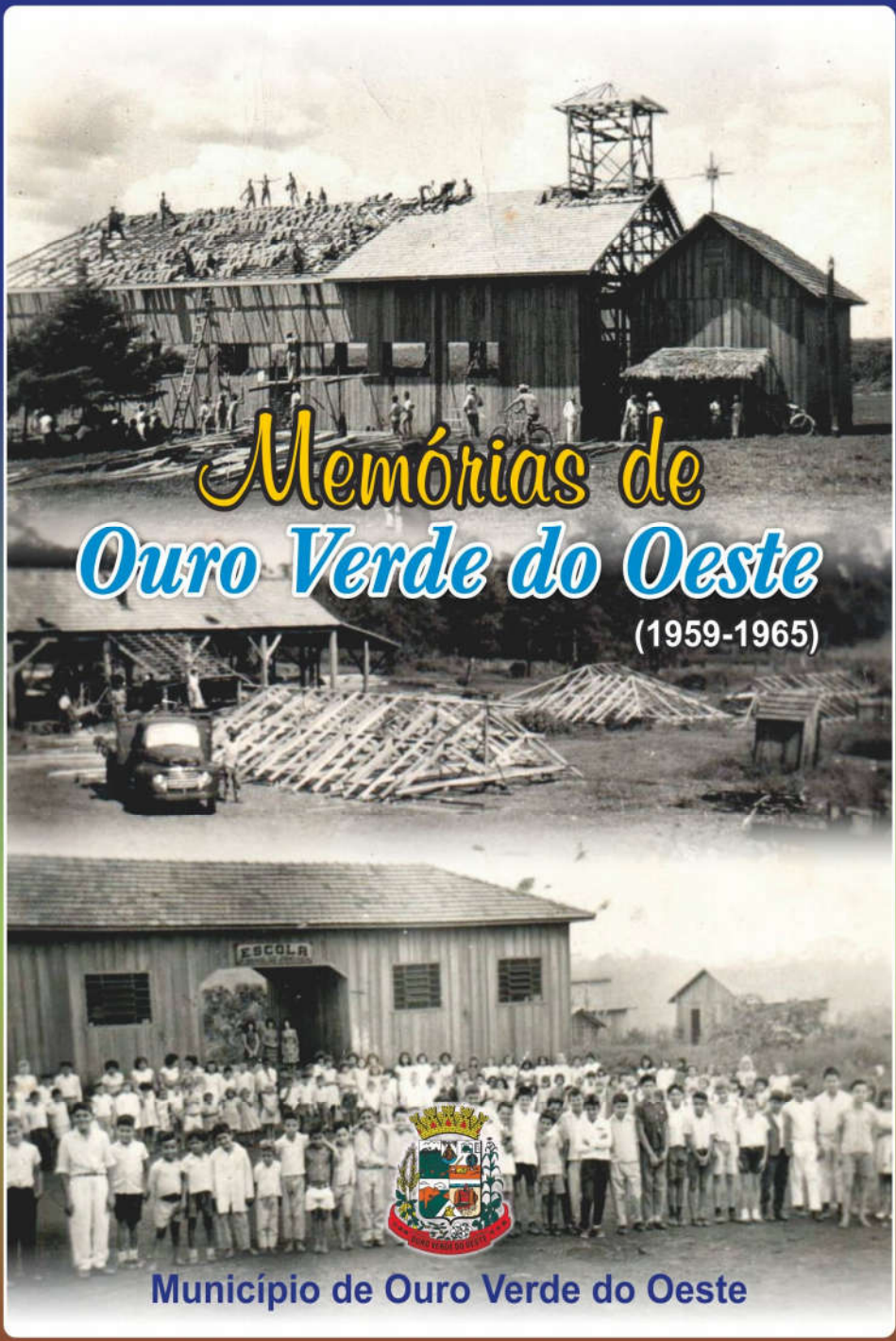

Memórias de
Ouro Verde do Oeste
(1959-1965)
ESCOLA
Município de Ouro Verde do Oeste

Memórias de Ouro Verde do Oeste

1959 - 1965

Encontros e Caminhos | 2017
Ações Socioambientais
OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Município de Ouro Verde do Oeste – Paraná
2017

© Município de Ouro Verde do Oeste

Impressão
Editora e Gráfica Benacchio
Crédito da capa
Editora e Gráfica Benacchio

Fotos da capa:
(*Frente*)
Primeira e segunda Igreja durante mutirão para construção da cobertura (Original: Família Borges dos Reis)
Primeira serraria de Osébio Sallet (Original: Família Sallet)
Primeira escola com as professoras ao fundo (Original: Família Torqueti)
(*Atrás*)
Ouro Verde em 1973 (Original: Família Borges dos Reis)
Acervo: Projeto Memória e História de Ouro Verde do Oeste

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P223 Paraná. Município de Ouro Verde do Oeste.
Memórias de Ouro Verde do Oeste: 1959 – 1965 / José Augusto Colodel (col.); Cleusa Heck; Jéferson Tiago Pontille, Luiza Lúcia da Cruz Alves (orgs.). -- Ouro Verde do Oeste: Editora e Gráfica Benacchio, 2017.
214p. : il. color.

Inclui Bibliografia
ISBN: 978-85-92925-00-0

1.Ouro Verde do Oeste . 2. História. I. Colodel, José Augusto. II. Heck, Cleusa. III. Pontille, Jéferson Tiago. IV. Alves, Luzia Lúcia da Cruz. V. Título

CDU 94(816.2)

Ficha catalográfica elaborada por Rute Teresinha Schio – CRB 9/1095

Realização
Município de Ouro Verde do Oeste e
Associação Comercial e Industrial de Ouro Verde do Oeste

Coordenação
Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes

Pesquisa histórica e texto:	**JOSÉ AUGUSTO COLODEL**
Idealizadores e organizadores:	Cleusa Heck Jéferson Tiago Pontille Luzia Lúcia da Cruz Alves
Equipe técnica:	Cleusa Heck Jéferson Tiago Pontille Luzia Lúcia da Cruz Alves Marlene Inez Zorzo Cedência de textos: Adélia Aparecida Silva Copetti e Lourdes Aparecida Negrini Gasparoto Filmagem e Fotografia: Amarildo Valentim Ribeiro, Bianca De Martini Ribeiro, Débora Gozzi Fernandes, Ivete De Martini Valentim Ribeiro, Jaime Lira Leal Filho e Thais Helena Hallgren Brito Edição de áudio e vídeo: Giselle de Souza Alves
Auxiliares de pesquisas e revisão de textos:	José Augusto Colodel Cleusa Heck Jéferson Tiago Pontille Luzia Lúcia da Cruz Alves
Digitação e redação final:	José Augusto Colodel Jéferson Tiago Pontille
Fotos/Ilustrações:	Prefeitura Municipal de Ouro Verde do Oeste, Projeto Memória e História de Ouro Verde do Oeste e Famílias Entrevistadas
Composição:	Editora e Gráfica Benacchio

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5
PREFÁCIO 7
INTRODUÇÃO 9
1 Os primeiros donos da terra 13
2 A oeste de Toledo um lugar chamado Ouro Verde 17
3 Migrantes iniciais 23
MEMÓRIA E HISTÓRIA SOCIAL 25
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA 33
A HISTÓRIA DE OURO VERDE DO OESTE CONTADA POR ALGUNS DE SEUS PERSONAGENS 35
Família Taborda (1959) 37
Família Borges dos Reis (1960) 42
Família Moraes (1960) 50
Família Taraczuk (1960) 55
Família Almeida (1961) 59
Família Ancelmo/Pereira (1961) 62
Família Azarias (1961) 66
Família Boiko (1961) 70
Família Dal Pozzo (1961) 75
Família Janning (1961) 81
Família Kopiecz (1961) 87
Família Montanari (1961) 91
Família Tessaro Alves (1961) 95
Família Torqueti (1961) 101
Família Boehm (1962) 105
Família Cruz (1962) 110
Família Gozzi (1962) 116
Família Hoffmann (1962) 121
Família Kleinübing (1962) 125
Família Montanha (1962) 134
Família Ranulfo de Souza (1962) 138
Família Sallet (1962) 143
Família Bortolussi/Theis/Silva (1963) 148
Família Gomes (1963) 155
Família Lucinda (1963) 160
Família Nascimento/Viana (1963) 163
Família Pastore (1963) 166
Família Rodrigues (1963) 169
Família Viana (1963) 172
Família Zorzo (1963) 175
Família Ferreira (1964) 179
Família Gurak (1964) 182
Família Medeiros (1964) 186
Família Souza (1964) 189
Família Moreira (1965) 192
ARQUIVO FOTOGRÁFICO 197
ENTREVISTAS 207
CONCLUSÃO 214

APRESENTAÇÃO

Relembrar o passado é reviver momentos de um tempo que já se foi, mas que deixou suas marcas registradas na história. É através do passado que o ser humano constrói para si um futuro melhor.

Conhecer o passado de Ouro Verde do Oeste é essencial para relacionar o legado dos muitos personagens que aqui primeiro chegaram. Muitos desses personagens já se foram, mas os que ainda estão presentes carregam na memória a herança deixada por eles e que também ajudaram a construir.

E este município contém uma história rica, cheia de detalhes e sentimentalismos. Os relatos apresentados neste Livro carregam diversas emoções transmitidas pelas Famílias Pioneiras.

Emoção em possuir seu próprio pedacinho de chão. A sensação alegre em colher a produção e garantir o sustento da família. A dificuldade em desbravar o mato para instituir as primeiras plantações. O susto ao se depararem com um obstáculo logo ao chegaram nessas terras. E muitas outras emoções que permanecem vivas até os dias de hoje ao serem recordadas nos muitos relatos apresentados.

No Livro Memórias de Ouro Verde do Oeste (1959-1965) constam 35 relatos das famílias que primeiro adentraram nas terras ouroverdenses. Este Livro é o resultado do Projeto Memória e História que, desde 2014, reúne entrevistas com os integrantes das primeiras famílias que aqui chegaram. O Projeto buscou respeitar a visão de cada uma dessas famílias e detalhar como se deu sua chegada nessas novas terras. Nem tudo foi fácil, aliás, dificuldade foi o que mais encontraram no início do desbravamento, pois tiveram que trabalhar firme num ambiente totalmente novo.

Alguns critérios foram formulados pela equipe do Projeto para inclusão das famílias no Livro, tais como:

- Ter chegado até o ano de 1965;
- Ao menos um integrante deve estar residindo no município;
- Caso os anfitriões sejam falecidos ou incapacitados de participar da entrevista, seus filhos poderão representá-los desde que tenham chegado nessas terras com idade mínima de 12 anos.

"Quem diria que jovens na busca de conquistar independência, formarem uma família, conquistarem um lar, iriam procurar um lugar no meio da mata, em meio à diversidade de animais, um lugar de dificuldades para o sustento, mas que lutaram para desbravar e conquistaram esse chão. Foram histórias de sofrimento, histórias de alegria, de emoção, mas histórias vividas com garra e determinação formando um lugar, comunidade, vila, distrito e hoje o município chamado Ouro Verde do Oeste, uma cidade no Paraná".

Cleusa Heck

"Ouvir as diversas histórias dos pioneiros de Ouro Verde do Oeste foi como reviver aqueles tempos. Foram tempos difíceis no início, mas a perseverança daquele povo ajudou no desenvolvimento do município que vemos hoje. E como foi gratificante participar de algo tão grandioso e importante. Mais gratificante ainda foi olhar o sorriso no rosto de cada pioneiro e ouvir deles que esses relatos lhes representam, que esses relatos são a verdadeira história da família".

Jéferson Tiago Pontille

"Visitar e conversar com as famílias pioneiras ouroverdenses foi muito gratificante. Contar com a confiança dos envolvidos, que acreditaram na ideia, ver tanta vontade de ajudar e ter sua história em um livro demonstra a importância de deixar registradas essas memórias que, com o tempo, iam se perder. É um legado pequeno, mas que vai permitir que muitos conheçam as durezas da época, que foi vencida com muita garra, determinação e luta. Os pioneiros se orgulham muito disto e eu de ter ajudado a trazer todas essas lembranças à tona".

Luzia Lúcia da Cruz Alves

PREFÁCIO

Esse Livro é um pequeno reconhecimento da grande contribuição de vocês, Pioneiros, que ficará na história para as futuras gerações. Com certeza muitos irão se maravilhar com tantas histórias de superação e levarão para si os ensinamentos deixados pelos antepassados.

Para alguns este será apenas um Livro, mas para muitos este será como uma reunião de fatos que narram com exatidão a vida de muitas famílias que chegaram por aqui nos primórdios dessas terras, quando tudo era mato e as dificuldades imperavam para o desenvolvimento das atividades do cotidiano.

Por isso, a nossa gratidão aos Pioneiros que enfrentaram muitas dificuldades na época que aqui chegaram, mas que não foram empecilhos para a grande bravura, coragem e determinação de um povo que venceu a luta através de muito trabalho até o surgimento deste município que tanto amamos, Ouro Verde do Oeste.

Aldacir Domingos Pavan
Prefeito de Ouro Verde do Oeste

A Secretaria de Educação do Município de Ouro Verde do Oeste tem imensa satisfação de expressar em nome de toda sua equipe o sentimento de respeito, o reconhecimento ao relevante trabalho prestado à comunidade e a admiração a todos os valorosos Pioneiros, que desbravaram a nossa terra, apesar de tantas adversidades e acreditaram em um futuro promissor, em dias melhores, sem esmorecer. Com muita dificuldade criaram seus filhos e sedimentaram muito bem os caminhos que serviram de base para o desenvolvimento deste município.

Certamente os pioneiros são nosso orgulho e servem de exemplo e de inspiração para que a nossa geração continue lutando para dar continuidade ao progresso da nossa comunidade. Você, Pioneiro, receba de todos nós, com muito carinho e orgulho, o mais sincero Parabéns e Obrigado. Saiba que graças ao seu trabalho, sua coragem, sua persistência destemida e o firme desejo de desbravar a terra, fez de Ouro Verde do Oeste o que ele é atualmente.

Marlene Inez Zorzo
Secretária Municipal de Educação, Cultura e Esportes

INTRODUÇÃO

O passado não está morto; ele sequer passou. Nós nos separamos dele e, com isso, nos alienamos.

Christa Wolf

O Município de Ouro Verde do Oeste decidiu avançar no projeto que tem por objetivo maior resgatar, preservar e divulgar aspectos tidos como relevantes sobre sua história. É o *Projeto Memória e História*, coordenado pela Administração Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação Cultura e Esportes. Iniciativa que conta com o apoio e participação da comunidade local, sem os quais o projeto não teria nenhuma razão de ser.

O antigo distrito de Toledo, criado em 1965 e elevado à condição de município em 1989, julga ser necessário conhecer e valorizar sua cultura material e imaterial nos mais variados ambientes. Vem daí a decisão de levar ao conhecimento público toda uma série de depoimentos orais realizados com diversos homens e mulheres que se estabeleceram na região a partir do início da década de 1960, período histórico esse marcado pela venda de grandes áreas de terras numa base territorial que daria origem ao município de Ouro Verde do Oeste.

Nesse livro constarão os depoimentos de pessoas que aqui chegaram até 1965, que podem ser caracterizados como o marco inicial do povoamento de Ouro Verde.

A equipe técnica do Projeto Memória e História optou enveredar pelos caminhos da memória oral, instrumentalizada por meio de entrevistas dirigidas. A partir desses depoimentos foi construído um arquétipo inicial que possibilitou a reconstrução de parte das chamadas memória comunicativa [1]e cultural[2], com vistas a tornar inteligível um passado razoavelmente distante.

[1] A memória comunicativa diz respeito à transmissão difusa de lembranças no cotidiano, através da oralidade.

[2] A memória cultural relaciona-se às lembranças objetivadas e institucionalizadas, que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo das gerações. A memória cultural é constituída, assim, por heranças simbólicas materializadas em textos, ritos, monumentos, celebrações, objetos, escrituras sagradas e

Lacunas obviamente existirão. A tarefa de preenchê-las dar-se-á com o surgimento de novas pesquisas, no seio de novas abordagens. Esperamos sinceramente que tais iniciativas venham acontecer.

Entraram então em cena os depoimentos de dezenas e dezenas de homens e mulheres inseridos em uma conjuntura histórica específica; cada qual com sua trajetória de vida, com suas perspectivas e suas motivações. Reside aí a riqueza maior de seus depoimentos.

São migrantes vindos dos mais diversos rincões, muitos deles saídos do Norte do Paraná, que se estabeleceram e se encontraram num dado espaço geográfico. Espaço esse que foram modificando com o passar dos anos. Modificaram-no e foram modificados por ele.

Ao chegar a Ouro Verde encontraram uma paisagem já inicialmente transformada pela ação humana desde há muito tempo. A presença do sistema obrageiro foi poderosa nesse sentido a partir do momento que a exploração da erva-mate e madeira nativas foi a base econômica desse sistema. Paisagem essa transformada e que se encontra em contínua transformação.

Ressalte-se que não se tem a pretensão de simplificar ou reduzir presença humana em Ouro Verde do Oeste como um embate entre o homem e a natureza, como se essa fosse o obstáculo maior a ser vencido. As dificuldades encontradas pelos colonos migrantes nos primeiros anos de moradia e o tipo de intervenção frente ao ambiente que encontraram se deram em razão do tipo de exploração econômica então em voga. A derrubada da mata para a abertura de grandes espaços destinados às atividades agrícolas era absolutamente necessária. Uma questão de sobrevivência. Espaços que foram sendo ampliados com o passar dos anos, tendo em vista a sua integração com o restante da economia regional. Processo esse que se acelerou com a introdução da mecanização da agricultura a partir de meados da década de 1970, coincidindo com o trauma causado pela geada negra de 1975.

Durante o transcorrer dos textos falaremos sobre homens, pessoas em sociedade. Sim, o homem, o homem em sociedade, principal objeto de investigação do historiador, peça chave de seu ofício, de sua inatingível curiosidade, sua paixão.

---

outros suportes mnemônicos que funcionam como gatilhos para acionar significados associados ao que passou.

Para tanto, devemos considerar também, é claro, a natureza, que é o ambiente maior, substrato indispensável para qualquer realização humana. Para tanto, devemos ter na devida conta que existe uma relação intrínseca entre o homem e a natureza e que o entendimento dessa relação foi construído historicamente e ideologicamente transmitido.

A essas primeiras pessoas inseridas em um dado ambiente, numa dada base territorial, como foi o caso de Ouro Verde do Oeste, convencionou-se chamar de *pioneiros* ou *migrantes iniciais*, ou seja, aqueles que estariam entre os primeiros que penetraram ou colonizaram a região. Desbravadores por assim dizer.

É claro que antes desses chamados pioneiros, os quais nos deixaram neste livro depoimentos tão importantes, viessem para onde é hoje o território de Ouro Verde do Oeste, a região já havia abrigado outros tantos homens e mulheres que permaneceram na área temporariamente, sem a intenção de aqui fixar-se.

Eles tinham outros interesses. Era outra época. É uma história bem antiga. É sobre eles que iremos falar agora.

Lembremo-nos também que a história da Região Oeste do Paraná, onde se inclui o Município de Ouro Verde do Oeste, é parte integrante da história paranaense e diretamente afetada por todas as suas movimentações e desdobramentos.

Portanto, ao tecermos alguns comentários sobre a história do Oeste paranaense, principalmente no que se refere ao processo multissecular de ocupação, acomodação e povoamento de seu território, pensamos também em contribuir no preenchimento de uma lacuna para a formação educacional dos estudantes de Ouro Verde e da nossa população em geral.

José Augusto Colodel

1
Os primeiros donos da terra

O espaço geográfico onde hoje está localizado o município de Ouro Verde do Oeste, em âmbito maior na Mesorregião Oeste do Paraná[3], foi palco da presença de grupos populacionais muito antes de sua chamada "colonização branca". Essa, tida como definitiva, tomou impulso a partir da segunda metade do século XX com a chegada de milhares de famílias de colonos migrantes vindos preferencialmente dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Migrantes esses que vieram ao Oeste paranaense atraídos em sua grande maioria pela ação de empresas particulares de colonização, interessadas na comercialização lucrativa das áreas de terras que haviam adquirido.

A ocupação humana na Mesorregião Oeste do Paraná – Ouro Verde do Oeste incluso – não é recente, não vem de agora. Diferentemente do que parte da historiografia tentou frisar, inserindo-a historicamente a partir da chegada das milhares de famílias de colonos migrantes a partir da década de 1930, ela é muito mais antiga, ela é multimilenar.

De acordo com o renomado arqueólogo paranaense Igor Chimyz (2007) comprovou-se a existência de registros arqueológicos em muitas dezenas de sítios abertos sob as linhas de transmissão de eletricidade de Furnas e que datam de dez mil anos. Sem nos aprofundarmos, essas investigações demonstraram que o clima foi determinante nos processos de ocupação e êxodo na região.

Sbardelotto (2007) alinha os grupos mais antigos como coletores e caçadores. Porém, aproximadamente nos últimos dois mil anos, as evidências arqueológicas mostram a ocupação por gru-

[3] O termo "mesorregião" se constitui num espaço com identidade regional *e* [...] *uma área individualizada, em uma unidade da Federação, que apresente formas de organização do espaço definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante, o quadro natural, como condicionante e, a rede de comunicação e de lugares, como elemento de articulação espacial* (IBGE apud Peiruccini; Bulhões, 2002, p.72). Cada mesorregião abrange "microrregiões" representadas por núcleos urbanos polos. Estes conceitos passaram a ser empregados no Paraná a partir de 1997, como resultado de uma revisão das divisões estaduais definidas em 1968. A partir desta reorganização, a mesorregião Oeste do estado do Paraná compreende três microrregiões: microrregião de Cascavel, microrregião de Foz do Iguaçu e microrregião de Toledo, totalizando cinquenta municípios e com área total de aproximadamente 22.811.242 km². (PIERUCCINI; BULHÕES, 2002).

pos ceramistas. Os primeiros eram exploradores da natureza, os segundos, além disso, plantavam e produziam parte da alimentação, geralmente denominados horticultores.

> Assim, de dois mil anos até hoje, temos dois grandes grupos se revezando alternadamente no território que hoje compreende a Mesorregião Oeste do Paraná, em movimentos migratórios e ocupacionais distintos. Um grupo preferia a fixação e a movimentação às margens do rio e nas florestas densas, o outro preferia as matas mais rarefeitas e os campos. Um ligado ao tronco linguístico Tupi-Guarani e o outro ao Macro-Jê, Caingangue, que ocupavam o território em um processo milenar de povoamento. Processo este que foi modificado pela introdução dos europeus e pela criação das reduções jesuítas a partir do século XVI. Tratava-se de verdadeiros núcleos de povoamento interligados onde grupos de indígenas cediam seus bens e terras à administração dos jesuítas em troca da proteção e da gestão da produção (SBARDELOTTO, 2007, p.28).

Muitas vezes a literatura confere aos guaranis[4] uma característica errônea, rotulando-os como povos nômades[5]. Tratando-os dessa maneira contribui-se para excluí-los de uma dada territo-

[4] Segundo a teoria mais aceita pelos estudiosos, os povos indígenas da América são procedentes de migrações de povos asiáticos, que alcançaram a América através do Alasca. De lá, eles provavelmente desceram ao longo do continente americano até atingir o extremo sul da América do Sul. Um desses povos diferenciou-se dos demais e desenvolveu uma língua proto-tupi, no sul da Amazônia, por volta do século V A.C. (provavelmente na região do atual estado brasileiro de Rondônia). De lá, ele se expandiu no início da era cristã pelo leste da América do Sul, dividindo-se em várias tribos falantes de línguas derivadas desse idioma proto-tupi e que constituiriam o tronco linguístico tupi: tupinambás, potiguares, tabajaras, temiminós, tupiniquins, caetés, carijós, guaranis, chiriguanos, dentre outros.

[5] São chamados "povos", pois sua ampla população encontra-se dividida em diversos subgrupos étnicos, dos quais os mais significativos, em termos populacionais, são os caiouás, os embiás, os nhandevas, os ava-xiriguanos, os guaraios, os izozeños e os tapietés. Cada um destes subgrupos possui especificidades dialetais, culturais e cosmológicas, diferenciando, assim, sua "forma de ser" guarani das demais.

rialidade. São vistos tão somente como personagens históricos ausentes, por serem nômades, a um dado espaço geográfico.

Esse pretenso nomadismo não é exato, pois os guaranis são itinerantes ou caminhantes por excelência. De acordo com Ribeiro (2005) essa peculiaridade não impediu que a prática da agricultura fosse disseminada entre eles e tivesse grande importância para a sua sobrevivência. Para essa pesquisadora a procura por áreas onde o solo fosse fértil era significativa, muitas vezes mais do que a busca por áreas onde a caça e a pesca fosse abundantes.

Durante o transcorrer dos séculos XVI, XVII e XVIII os europeus investiram e destruíram impiedosamente os aldeamentos indígenas espalhados pelo Oeste do Paraná. Enquanto espanhóis e portugueses representavam os interesses de seus reis, escravizando-os pura e simplesmente; a Igreja Católica, de maneira mais sutil, representada pela ação dos missionários e suas Reduções Jesuíticas, procurava convertê-los à fé cristã. A eficiência dessas ações violentas e multisseculares foi imensa e culminou no século XIX quando a sua conquista ocorreu em nome da nação brasileira. A usurpação paulatina dos territórios indígenas foi justificada em prol da questão nacional e do perigo externo. No século XX o que sobrou dos territórios indígenas foi suplantado, em nome do progresso, em prol de um planejado (re)povoamento.

Vem daí que os povos indígenas devem ser integrados à análise do processo de colonização do Oeste do Paraná, para que se tenha uma visão daqueles que já estavam na região quando esta passou a ser (re)ocupada. Como todos os homens que vivem em sociedade, eles também devem fazer parte da história da região. Mesmo que não tenham deixado registros escritos, seu relato foi e continua sendo feito oralmente. Seus descendentes são a expressão viva da existência destes povos que pertencem à nossa história e que continuarão presentes tanto quanto nós.

José Augusto Colodel

2
A oeste de Toledo um lugar chamado Ouro Verde

O empreendimento fundiário idealizado pela Colonizadora Maripá obteve grande sucesso desde sua implantação, ocorrida em 1946. Os lotes e colônias colocados à disposição foram comercializados num ritmo bastante acelerado e centenas de famílias migraram para a região que seria a base territorial do futuro município de Toledo e dos demais que dele se desmembraram. Todavia, todo esse processo emancipatório ainda demoraria alguns anos para ter início.

Primeiramente se fez necessário a criação do próprio Município de Toledo, ocorrida já em 1951, cinco anos apenas após a Maripá ter iniciado suas atividades, o que é um fato notável. Devemos ter na devida conta que essa rapidez também se deu em razão das dificuldades financeiras e logísticas encontradas por Foz do Iguaçu (o município foi criado em 1914) para administrar a contento seu imenso território[6].

Após ter sido criado e instalado, Toledo passou a se defrontar com os aspectos administrativos inerentes à sua condição de município. Num primeiro momento se fez necessário que o território municipal fosse organizado internamente em vilas e distritos, os quais nasciam em função da própria ocupação das terras que haviam sido colocadas à venda. O fato é que além dessas, em sua grande maioria legais, escrituradas, existiam também áreas em litígio, como foi o caso da existente no futuro Distrito de Ouro Verde.

Eram glebas que estavam situadas fora do perímetro de terras compreendido pela Fazenda Britânia e, portanto, suscetíveis de demandas fundiárias onde se interpunham um ou mais proprietários que se diziam donos.

Sob a égide da Colonizadora Maripá surgiram os seguintes núcleos de povoamento, na seguinte ordem cronológica: Toledo, Porto Mendes, Porto Britânia e Porto Rio Branco (em 1946); Dez de Maio, Cerro da Lola e Novo Sarandi (1949); Vila Nova, Esquina Ipiranga, Linha São Paulo, Dois Irmãos e Nova Concórdia

[6] A emancipação da Vila Iguaçu ocorreu em 10 de junho de 1914, tendo como primeiro prefeito Jorge Schimmelpfeng e sendo criada também a primeira Câmara de Vereadores da cidade. O município passou a se chamar Foz do Iguaçu quatro anos depois, em 1918.

(1950); Sede Curvado, Vila Margarida, Quatro Pontes, Novo Sobradinho e São Miguel (1951); General Cândido Rondon, Vila Maripá, Nova Santa Rosa, Mercedes e Novo Três Passos (1952); Ouro Preto (1953); Pérola Independente (1954); Entre Rios (1959); São Roque (1960); Santa Fé (1961); São Luís do Oeste (1964) e Boa Vista, em 1971 (Prefeitura Municipal de Toledo, 1988, p.91).

Além desses, surgiram outros sem a intermediação da Maripá, organizados de maneira espontânea. Foram eles: Ouro Verde, São Francisco e São Sebastião (1960); Luz Marina (1961) e São Pedro, em 1963.

O futuro Distrito de Ouro Verde estava localizado na porção oeste do território do município de Toledo e suas terras não faziam parte daquelas adquiridas inicialmente pela Colonizadora Maripá. Em razão disso a ocupação das mesmas aconteceu mais tarde e ficou a cargo de empreendedores particulares e corretores de imóveis, sendo alguns deles não bem intencionados e interessados tão somente em vender as terras a eles disponibilizadas.

Os trabalhos de demarcação dos lotes urbanos e dos primeiros sítios foram realizados com rapidez, mesmo porque já no final daquele ano começaram a chegar os primeiros interessados em adquirir as terras. No ano seguinte, 1961, a procura se intensificaria sobremaneira e se prolongaria pelos anos seguintes, pelo menos até meados da década.

E quanto ao nome Ouro Verde?

Pelos depoimentos colhidos não se encontra uma relação direta do nome com o cultivo do café na área, gleba, colonizada. Todavia, não podemos nos esquecer de que o café era a cultura dominante no Norte do Paraná desde a segunda década do século XX.

Num contexto mais abrangente, era fato que a quantidade e fertilidade das terras existentes e disponíveis e o preço mais módico fez com que muita gente se dispusesse a migrar para o Oeste paranaense. A maioria das companhias de colonização oferecia terras cercadas de todas as garantias legais, escrituradas, e os colonos interessados em adquiri-las tinham condições vantajosas para o seu pagamento. É claro que na Região Oeste também existiam áreas de litígio, sendo disputadas por um ou mais supostos proprietários, o que causava um clima de permanente tensão nas mesmas. E não foram poucos as violências perpetradas contra aqueles que eram rotulados como intrusos ou invaso-

res. Capangas e pistoleiros fizeram parte da paisagem oestina durante as décadas de 1950 e 1960.

No que se refere à situação fundiária observada na região do distrito de Ouro Verde na época da chegada das primeiras famílias para a área, ela bem reflete o que vinha acontecendo em diversas glebas do Oeste paranaense.

Em Ouro Verde o acesso à terra era dificultoso. Nas proximidades da atual localidade da Sanga Funda, quando começou a chegar a colonada que havia comprado terra na área, essa deu de cara com um portão que servia como barreira a todos aqueles que quisessem adentrar. Saliente-se que o tal portão não ficava desprotegido, longe disso. Ele era guarnecido diariamente por homens armados que faziam dar marcha ré a todos que por ali quisessem passar. Não tinha discussão, pois os guardas afirmavam em alto e bom tom que aquelas terras tinham dono e ponto final.

Mas porque o portão foi colocado?

Rudolfo Frederico Kleinübing, em depoimento colhido em 2001 pelas pesquisadoras Adélia Aparecida Silva Copetti e Lourdes Aparecida Negrini Gasparoto, assim explicou.

> Qual era a explicação para a existência desse portão?
> *Era porque em São Pedro tinha duas famílias, os Atovan e os Canaro, que viviam brigando entre si, por uma gleba muito grande de pinheiros que lá havia, acontece que para chegar até lá (de Toledo a São Pedro) o caminho era o mesmo que para vir de Toledo a Ouro Verde. Então com o intuito de proibir essa passagem o portão foi colocado na bifurcação da estrada, não por causa das terras ouroverdenses, mas sim pelas de São Pedro* (KLEINÜBING, Rudolfo Frederico. Depoimento).

Em seu depoimento, Pedro Cruz, que chegou a Ouro Verde em 1962, relata que o portão não era propriamente um portão aos moldos do que estamos acostumados. Deixemo-lo falar.

> *Esse portão não era mesmo assim um portão. Eles enfiaram um pau lá e aparafusaram ele lá e atravessa na estrada, que nem nesses lugar de pedágio. Era aquele pau no meio da estrada, mas não era assim*

> *um portãozão. Era um portão, mas era um pau. Então quando o povo vinha eles pegavam ele e rabeavam ele, então a turma passava e aí fechava. Aquele lá eles rodavam ele. Eles rodavam, tirava da estrada, passava, eles fechavam de novo* (CRUZ, Pedro. Depoimento).

Impedidos como estavam de seguir adiante em direção aos seus lotes muitos colonos usavam de artifícios para driblar a vigilância. Muitos não tinham condições ou recursos para ficar em outro lugar. Tinham que seguir em frente. Vem daí que geralmente cruzavam o dito portão na calada da noite, quando não havia vigilância ou transportavam sua mudança encoberta por maravalha.

> *Quando meu pai* [Rudolfo Frederico Kleinübing] *veio teve a mudança do Afonso Hoffmann e não abriram o portão porque não deixaram passar o caminhão. Teve que ficar um caminhão de um lado e outro de outro pra passar a mudança porque o caminhão não deixou passar. Um caminhão encostou de ré em cima da ponte e caminhão do Seu Osébio encostou de ré que estava aqui, pra passar mudança de um caminhão pro outro* (KLEINÜBING, Joana. Depoimento).

Mas paciência tem limite.

> *Já cansadas, 23 pessoas reuniram-se e resolveram arrancar o portão. Num domingo, para lá seguiram todos armados. Amarraram correntes no caminhão do senhor Osébio Sallet e vieram trazendo o portão arrastado. Ao chegar em Ouro Verde foi aquela festa na rua onde é hoje a Avenida Belo Horizonte. A alegria durou pouco. No dia seguinte foram intimados a comparecer na Delegacia de Toledo, para depor sobre o acontecido. Lá compareceram 40 pessoas. O delegado, vendo tanta gente, levou-os para Cascavel para conversarem com o coronel. Ele, após ouvi-las, telefonou para o governador, o senhor Nei Braga, que autorizou a liberação do portão. Com as madeiras do portão foram construídas as traves do campo de fu-*

tebol (Prefeitura Municipal de Toledo, 1987, p.44-45).

A derrubada do portão teve lugar no dia 13 de junho de 1962. Dia de Santo Antônio. Os moradores residentes em Ouro Verde se divertiam jogando bola no lugar chamado de "pracinha". Em dado momento souberam que havia duas famílias e suas respectivas mudanças retidas no portão: a de Afonso Hoffmann, cunhado de Osébio Sallet, e a de Antônio Monteiro. Mulheres e crianças estavam entre os retidos. Foi a gota d'água!

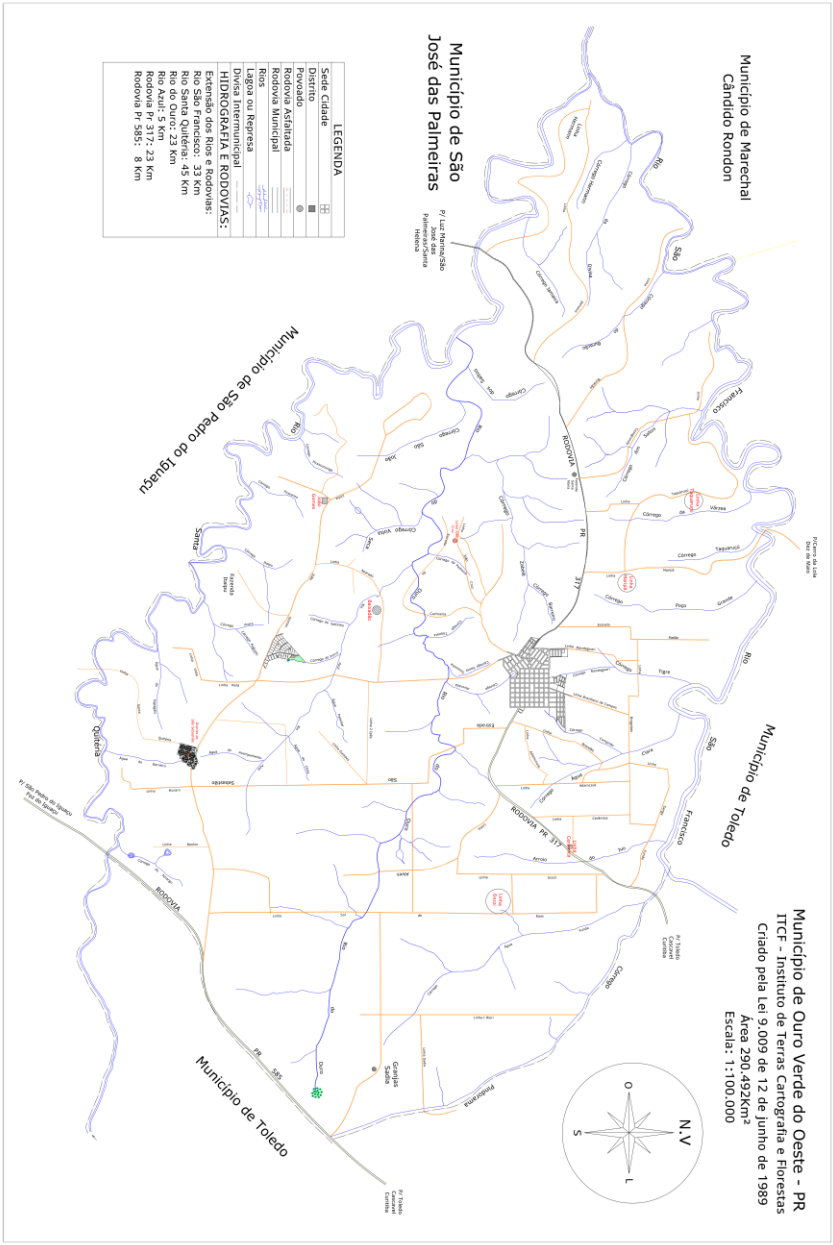
O fato é que o portão foi derrubado, mas logo depois outro tomou seu lugar. E não demorou nadinha e os envolvidos receberam uma intimação para prestar depoimento e esclarecimento do ocorrido na Delegacia de Toledo.

Três pessoas foram intimadas, dentre as quais José Souto, que era uma espécie de subdelegado do local. Mas eles não foram sozinhos. Dezenas de outros moradores resolveram acompanhar os intimados. Juntos queriam sensibilizar as autoridades sobre tudo o que vinha acontecendo desde a colocação do famigerado portão.

Permanece a questão do por que foi construído o portão. Algumas especulações podem ser feitas a respeito. Talvez a mais pertinente seja aquela que o relaciona com o desejo dos proprietários da gleba impedir a entrada de pessoas que não tivessem firmado contrato de compra e venda com os corretores ditos oficiais.

José Augusto Colodel

Figura 1
Mapa do Município de Ouro Verde do Oeste



Fonte: Prefeitura do Município de Ouro Verde do Oeste, 2017.

3
Migrantes iniciais

Quando nos debruçamos sobre as regiões de origem das primeiras famílias que se fixaram em Ouro Verde percebemos que a maioria delas migrou de outras regiões do próprio Estado do Paraná, especialmente da Região Norte, onde atuavam vários corretores de terras. Também temos aquelas oriundas dos estados de São Paulo, de Minas Gerais e do Nordeste do Brasil, além, é claro, daqueles migrantes que vieram do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, acompanhando o fluxo migratório que provinha em massa do Sul do país durante aqueles anos.

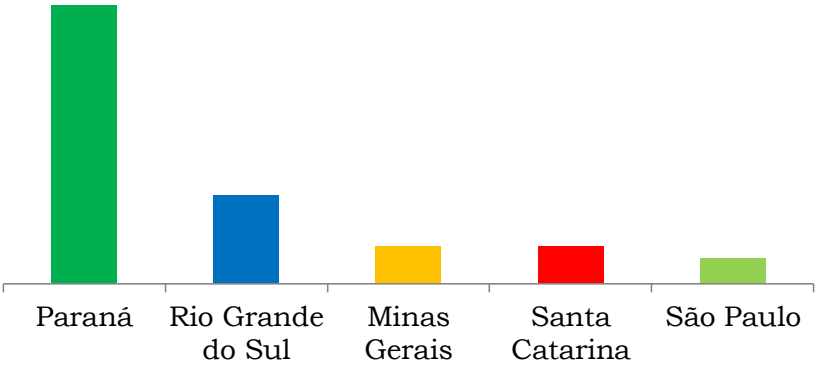
O que atraiu toda essa gente foi a qualidade e o baixo preço dos lotes postos à venda. Terra de boa qualidade com bom preço quase ninguém recusava. Além do mais, nos locais de origem a propriedade estava ficando pequena para as famílias e seus descendentes. Não tinha espaço para todos e a repartição da propriedade, por herança, na medida em que os filhos iam se casando, diminuía ainda mais as possibilidades de uma vida digna. Soma-se a tudo isso a propaganda que era feita pelos corretores e pela imprensa sobre o Oeste paranaense, visto como um novo Eldorado, como um lugar de grandes oportunidades para se fazer na vida. Muitos colonos vieram de visita para a região, se encantaram, voltaram e alardearam sobre o novo lugar que estava crescendo do nada.

Em 1987 para a confecção do livro *Com licença, somos distritos de Toledo* encontramos nos depoimentos colhidos junto a alguns dos primeiros moradores de Ouro Verde indícios da distribuição geográfica sobre os seus locais de origem. É tão somente uma amostragem, mas é reveladora.

Com a realização de mais entrevistas, agendadas e realizadas pelo Projeto Memória e História, pôde-se ter uma visão mais nítida sobre quais seriam os locais de origem dos moradores que se estabeleceram em Ouro Verde até 1965. É claro que necessitaríamos de uma série bem mais extensa para podermos ter uma visão mais clara a respeito dos espaços geográficos de onde migraram aqueles que dariam origem ao núcleo populacional organizado de Ouro Verde do Oeste.

José Augusto Colodel

Gráfico 1
Migrantes em Ouro Verde do Oeste: Locais de origem
Amostragem – 1959-1965



Fonte: Projeto Memória e História. Depoimentos orais.

Memória e História Social

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989, p.4).

No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 1990,p.51).

A ideia central que move a publicação deste livro é a de se trazer à tona e ao conhecimento público local parte das experiências vivenciais de antigos moradores de Ouro Verde do Oeste, alguns deles estabelecidos em seu território até o ano de 1965, quando porções de terras foram disponibilizadas à venda e o lugar ainda era parte integrante do município de Toledo.

Tendo essa tarefa em mente, a ferramenta escolhida para se atingir tal meta foi a realização de entrevistas gravadas em vídeo com o objetivo de colher e perpetuar os depoimentos orais dessas pessoas.

> A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade (ALBERTI, 2005, pág. 167).

Para tanto, dezenas de entrevistas foram feitas, obedecendo a um roteiro aberto previamente confeccionado pelos pesquisadores do município através do *Projeto Memória e História* da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes que teve sua gênese dentro das ações do programa "Encontros e Caminhos 2014" da Itaipu Binacional.

Oportuno atentarmos que a história de Ouro Verde do Oeste não pode ser dimensionada ou interpretada tendo-se em vista uma sequência linear de acontecimentos através do tempo. Muito pelo contrário! Ela é na verdade o produto do entrechoque de determinados valores presentes em esferas distintas. Daí o entendimento de que a história de Ouro Verde do Oeste não pode ser compactada em ações individualizadas, como se ela tivesse a cada momento que passar pelo crivo de certos personagens indispensáveis ou não.

Alguns acontecimentos ou datas devem ser destacados porque servem de balizamento temporal para que um período histórico possa ser entendível aos olhos da cronologia usualmente adotada, como é o caso, por exemplo, da derrubada do portão que se localizava nas proximidades da atual localidade de Sanga Funda e que impedia o acesso dos primeiros moradores às terras a eles destinadas, no início da década de 1960.

Salientamos ainda que, quando da utilização de documentos pertinentes aos interesses da pesquisa, a preocupação foi com a assimilação dos ensinamentos de Jacques Le Goff[7].

Em vista disso tem-se a premissa que o documento é testemunha e os ensinamentos que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente.

O documento, a bem da verdade, resulta do esforço das sociedades ou de seus setores hegemônicos, dominantes, para impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente, determinada imagem que desejam deixar de si próprias. No limite, não existe um documento verdade.

> [...] qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro e falso [...]. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos (LE GOFF, 1992, p.547-548).

Feitas tais considerações iniciais, faz-se necessário que discorramos um pouco sobre alguns conceitos julgados fundamentais para uma melhor compreensão do que se pretende com o Projeto Memória e História.

Vamos a eles.

Durante o transcorrer do trabalho proposto optou-se pela utilização de depoimentos orais como a principal fonte de pesquisa.

Grosso modo a história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Ela começou a ser utilizada nos anos 1950, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, na Europa e no México, e desde então se difundiu bastante. Ganhou também cada vez mais adeptos, ampliando-se o intercâmbio entre os que a praticam: historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e outros.

---

[7] Jacques Le Goff, nascido em Toulon, França, em 1º de janeiro de 1924, foi um historiador especialista em Idade Média. Autor de dezenas de livros e trabalhos, é membro da Escola dos Annales, se empregou na antropologia histórica do ocidente medieval.

Compartilharemos também dos ensinamentos emanados de Paul Thompson (1935-)[8], para o qual o uso de evidências orais é de extrema importância, pois possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores.

Com essa ideia, Paul Thompson credita a história oral como uma história com a pretensão de ser mais democrática e social. Vislumbra ainda uma história voltada para a compreensão do passado e que se relaciona com o presente, gerando uma mudança de enfoque histórico e propiciando a abertura de novas áreas de investigação.

O depoimento (fonte) oral foi utilizado como um instrumento metodológico voltado ao resgate da vida cotidiana a partir da memória. Memória essa, que de acordo com Maurice Halbwachs, pode sofrer alterações conforme as experiências vividas, individualmente ou coletivamente. Vale dizer que a memória também pode ser entendida como um elemento de resgate da realidade objetivando a construção da narrativa histórica feita pelo historiador.

Vem daí que os depoimentos colhidos pelo Projeto Memória e História de Ouro Verde do Oeste foram e serão considerados como material de onde se permitirá conhecer os processos sociais sob a ótica dos seus agentes. Sob esse aspecto os depoimentos não são fatos, mas uma fonte para se escrever a história. Dessa forma, a rememoração e a lembrança não estão isoladas pura e simplesmente no passado. Pelo contrário, elas se relacionam com outras experiências de vários tempos e do presente, e são formadas no interior dos grupos sociais.

Assim, com a divulgação das entrevistas que realizamos com antigos moradores de Ouro Verde do Oeste procuraremos, à medida do possível, transmitir uma história que grosso modo poderíamos chamar de história do cotidiano, transmitida pelo depoimento daqueles que a fizeram.

Para nós de Ouro Verde do Oeste a história oral busca registrar e, portanto, perpetuar, impressões, vivências, lembranças daquelas pessoas que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

---

[8] Paul Thompson, é um professor aposentado de sociologia da Universidade de Essex, é um dos pioneiros da história oral na Grã-Bretanha, e hoje uma das autoridades mundiais na reflexão e na utilização desse método para o registro histórico.

Temos que ressaltar que cada um de nós percebe a sociedade em que está inserido de uma maneira que lhe é específica. Portanto, falar de uma história verdadeira seria ingenuidade de nossa parte.

A história oral pode ser entendida como um relato de um narrador ou de vários, como é o caso da história das famílias elencadas neste livro, sobre sua existência através do tempo. A história oral é desse modo uma recriação do passado.

Num primeiro momento devemos ter na devida conta que a história oral está baseada na memória humana e na capacidade que todos nós possuímos de rememorar o passado à medida que tenhamos testemunhado os acontecimentos vividos. Nesse sentido, a memória deve ser entendida como a presença do passado que assimilamos e que guardamos conosco. Não do passado em sua totalidade, isso seria impossível, mas fragmentos representativos do mesmo.

No entender de Jön Rüsen é a memória que torna o passado significativo.

> [...] o mantém vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural da vida presente. Essa orientação inclui uma perspectiva futura e uma direção que molde todas as atividades e sofrimentos humanos. A história é uma forma elaborada de memória, ela vai além dos limites de uma vida individual. Ela trama as peças do passado rememorado em uma unidade temporal aberta para o futuro, oferecendo às pessoas uma interpretação da mudança temporal. Elas precisam dessa interpretação para ajustar os movimentos temporais de suas próprias vidas (RÜSEN, 2009, p.164).

Queremos deixar claro que a memória não consiste somente na lembrança de um indivíduo, isolado de toda uma realidade subjacente, mas a desse indivíduo inserido num contexto familiar ou social. Um indivíduo em contato com outros indivíduos. Isso é fundamental.

A memória é importantíssima, pois é essencial para a nossa identidade, para a percepção que possuímos de nós mesmos e dos outros.

É através da memória que nós realizamos um processo de filtragem das nossas lembranças, trazendo à tona aquilo que nos é relevante.

Peter Burke descreve a memória como uma reconstrução do passado. Isso porque uma vez que lembrá-lo e escrever sobre ele não são atividades ingênuas e inocentes. Identificamo-nos com acontecimentos públicos relevantes para o nosso grupo e que por nós passam a ser incorporados. Portanto, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado.

Memórias individuais e coletivas se confundem. Isso acontece porque não vivemos isolados no mundo. Somos seres sociais e, portanto, somos sujeitos a todos os tipos de interferências aos grupos aos quais pertencemos ou nos identificamos. Somos influenciados e influenciamos.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945) propôs que as lembranças poderiam ser organizadas de duas maneiras: agrupadas em torno do ponto de vista de uma só pessoa, ou se distribuindo no interior de uma determinada sociedade.

Em razão disso os indivíduos poderiam participar destes dois tipos de memória, e no caso da chamada Memória Coletiva seriam capazes de se comportar como membros de um grupo de modo a evocar lembranças interpessoais. Halbwachs salientou que a Memória Individual podia reforçar algumas de suas lembranças, ou mesmo preencher lacunas, apoiando-se na Memória Coletiva. Do mesmo modo, a Memória Coletiva conteria as memórias individuais, mas não se confundiria com elas, ou sequer com o seu somatório, pois evoluiria segundo suas próprias leis.

Finalizando. O conceito de Memória Social tem origem no pensamento de Maurice Halbwachs e trata de uma abordagem da memória como um substrato de conhecimento coletivo e culturalmente conhecido por determinado grupo em certo contexto social.

José Augusto Colodel

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.

COLODEL, José Augusto. **Cinco séculos de história**. In: PERIS, Alfredo Fonseca (org.) Estratégias de Desenvolvimento regional. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

COLODEL, José Augusto. **Matelândia: história & contexto**. Matelândia, Prefeitura municipal; Assoeste, 1992.

COLODEL, José Augusto. **Obrages & companhias colonizadoras**: Santa Helena na história do Oeste paranaense até 1960. Santa Helena, Prefeitura Municipal; Assoeste, 1988.

GREGORY, V. **Colonização e fronteiras:** o caso do Estado do Paraná. In: LOPES, Marcos A. (org.). Espaços da memória: fronteira. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000.

GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no Oeste do Paraná (1940-70). Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

GREGORY, Valdir. **Porto Britânia a Pato Bragado**: memórias e histórias. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. In: História e memória. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3.ed. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 475-476.

LOPES, Sergio. **O Território do Iguaçu no contexto da "Marcha para o Oeste".** Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

NICHOLLS, Willian H. A fronteira agrícola na história recente do Brasil: o Estado do Paraná, 1920-65. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n.26, 19-53, 1971.

PERIS, Alfredo Fonseca. **Trilhas, rodovias e eixos**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TOLEDO. **Com licença, somos distritos de Toledo**. Toledo, 1987.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. **Memórias do concreto**: vozes na construção de Itaipu. Cascavel: Edunioeste, 2002.

RÜSEN, Jörn. **Como dar sentido ao passado**. Questões relevantes de meta-história. In: História da historiografia. Rio de Janeiro, número 2, mar. 2009.

SBARDELOTTO, Denise Kloeckner. **História da criação do Colégio Estadual Bartolomeu Mitre, o primeiro grupo escolar do Oeste do Paraná**. Contexto histórico (1889-1930). Cascavel: Unioeste, 2007.

SERRA, E. **Processos de ocupação e a luta pela terra agrícola no Paraná**. 394p. 1991. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1991.

SOUZA, Lucimara de. **Ouro Verde do Oeste**. Santa Helena: Editora e Gráfica Benacchio, 2003.

WACHOWICZ, Ruy Christovan. **Obrageros, mensús e colonos: história do oeste paranaense**. Curitiba, Editora Vicentina, 1982.

WESTPHALEN, Cecília Maria et al. **História documental do Paraná: primórdios da colonização moderna na região de Itaipu**. Curitiba, SBPH, 1987.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná Moderno**. In: Boletim da Universidade Federal do Paraná, nº 7, 1968.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **Política paranaense no século XIX**. In: Revista Paranaense de Desenvolvimento, Ipardes (12): 81-96, mai./jun. 1969.

A HISTÓRIA DE OURO VERDE DO OESTE CONTADA POR ALGUNS DE SEUS PERSONAGENS

FAMÍLIA TABORDA (1959)

Sebastião Taborda e Ana Rosa de Souza com a filha Edinéia
Acervo: Projeto Memória e História

Sebastião Taborda (*in memoriam*) e sua esposa, Ana Rosa de Souza, já estavam em Ouro Verde por volta de 1959, quando o local ainda era dominado pela mata nativa e era habitado por poucas pessoas. Na época alguns paraguaios trabalhavam para desbravar o mato, abrindo clareiras, e era Ana Rosa quem tinha que fazer comida para eles. Aliás, ela também fazia as refeições para todos os peões que trabalhavam na Fazenda 2 Pês que ficava ao lado da Fazenda Pareja onde moravam. Essa grande área de terra pertencia à família Pareja, estabelecida em Rio Bom, próximo à Apucarana no Norte do Paraná.

E era em Rio Bom que a família Taborda morava antes de vir para Ouro Verde. O convite para cuidar da fazenda com mais de oitocentos alqueires veio dos próprios Pareja.

Na Fazenda Pareja se dedicavam ao plantio de milho, de abóbora e de batata. A criação de porcos era no meio do mato mesmo. Terminada a colheita era costume soltar a porcada para se alimentarem dos milhos que sobravam na roça. Os porcos eram vendidos pela família Taborda para os Borato, lá de Ponta Grossa.

Mas a morada na fazenda não durou muito tempo. Os jagunços tomaram conta da região e Sebastião e Ana Rosa tiveram que se mudar às pressas. Venderam os porcos, mais alguns animais e a colheita para comprarem um sítio em Três Bocas, onde permaneceram por três anos. O tempo passou e em 1961 decidiram retornar para Ouro Verde.

Quantas lembranças da paisagem antiga. As perobas eram enormes e o palmital sumia das vistas. Como não tinha motosserra, o jeito era derrubar o arvoredo a machado e desbravar com traçador.

Agora a família Taborda trabalhava em terra própria. Sebastião e Ana Rosa, que tinham chegado com José, Alzira, Lurdes, Lauri e Antônio, começaram a contar com uma família numerosa: Jorgina, Afonso (*in memoriam*), Jorge, Laudecir, Laudemiro (*in memoriam*), Edinéia e Emanuel (*in memoriam*).

Quando chegaram não tiveram problemas em cruzar a barreira, chamada por José de cancela. Na verdade o temido portão citado por muitos pioneiros. Ele estava localizado onde hoje é a Sanga Funda e só passava ali quem tinha permissão.

Os Taborda foram uma das primeiras famílias a se instalar em Ouro Verde. Outras que chegaram com eles foram o Clemente, o João Cardoso, os Gozzi, o João Gregório, o Joãozinho Clemente, os polacos, os Montanha, entre outros. O primeiro armazém de Ouro Verde foi do José Souto e o segundo foi do José Moraes.

Primeiro Clube do Osébio Sallet durante formatura do 4º ano de Lauri Taborda de Souza
Acervo: Projeto Memória e História

Era o Osébio Sallet, que tinha um caminhão lá pelo ano de 1962, quem levava o pessoal da vila para fazer compras em Toledo e mais tarde tinha a Kombi do João Leonardi. Carro tinha, mas era um sofrimento nos dias de chuva. A própria pequena Kombi azul ficava atolada no barro e os passageiros tinham que descer para empurrar. Foi lá pelo ano de 1966 que a comunidade passou a contar com um ônibus que passava por Ouro Verde logo cedo e seguia até Umuarama.

José lembra que tinha uma carroça que facilitava o trajeto. Era só colocar dois cavalos e seguir até Toledo, onde pousava no casarão de madeira do Ivo Welter. Só voltava para casa no outro dia, com a carroça cheia de compras.

O dia de natal era muito esperado por todos da família, pois era a única data do ano que podiam comer carne de boi em razão de seu alto preço, tomar sodinha e comer balas.

Mas de um modo geral comida não faltava. Sebastião construiu um forno de barro para Ana Rosa assar pão na folha de

bananeira. Já a carne de porco ficava suculenta quando era guardada na lata de banha e logo pela manhã era misturada no pilão com farinha de biju. Ana Rosa lembra e relembra que os peões da fazenda comiam a mistura e bebiam café com leite. Quanto à criançada, bem, adoravam um delicioso virado de feijão com torresmo e farinha.

Antônio nos conta que foi ver frutas apenas depois de rapaz. Era uma fartura de laranja e poncã. Ele e seus irmãos não tinham preguiça em andar uns trinta quilômetros para pegar um saco dessas frutas, porque por perto não tinham nem mudas.

Alguns filhos de Sebastião caçavam rotineiramente em razão da abundância de animais. Tinha macuco, porco do mato, uru[9], sabiá, papagaio e maritaca.

Roupa era uma pra sair e outra pra ficar em casa. Calçado era um luxo. Lauri conta que compravam um fardo de tecidos para confecção de roupas e por isso ele e os irmãos andavam quase sempre iguais. Parecia até uma banda musical! Era engraçado quando até os vizinhos vestiam a mesma roupa que eles. Mas divertido mesmo era o Daniel, um baiano, que podia estar o maior do calor e ele sempre estava vestindo um paletó sobre sua camisa branca. Certa vez houve uma briga num baile e seu paletó foi tirado. Descobriram o motivo que levava Daniel a usar o paletó: a camisa que usava não tinha as costas, era toda rasgada! Sem dinheiro para comprar outra roupa e agora sem paletó, ele ficou sumido por um bom tempo! Coitado do Daniel.

Uma outra história. Um primo da família foi visitá-los certo dia e estava com muita vontade de ir ao matinê para se divertir um pouco. Mas o jovem não tinha calçado, nem mesmo um chinelo. Mas, esperto que só ele, decidiu amarrar um pano em seus pés, prender bem, encaixar um arco e, pronto, estava preparado para dançar. A invenção realmente parecia um calçado, mas com o pisado das danças começou a se desmanchar. Não teve jeito, continuou a dançar, só que descalço.

Quem arrumava brigas nas festas tinha um lugar reservado: a cadeia. Era o Pedrão quem saía prendendo aqueles que faziam badernas. A cela era um lugarzinho apertado, de madeira. Muitas vezes a justiça se fazia na própria Avenida, hoje Avenida Belo Horizonte, onde quem tinha feito algo de ruim tinha que percorrê-la e dizer palavras de arrependimento.

---

[9] Uru é um pequeno galináceo florestal topetudo, também conhecido como urucapoeira, capoeira, uru-do-nordeste e piruinha.

José Taborda de Souza (no meio). Ao fundo, a primeira escola Padre Arnaldo Janssen
Acervo: Projeto Memória e História

Bem na esquina onde hoje fica a Igreja Católica morava um homem que tinha construído sua moradia com umas madeiras doadas pelo Osébio Sallet. O local era tão pequeno e apertado que o homem ficou conhecido como Geraldo da Toca. Ali ele dormia, comia, tomava banho e ainda fazia suas paçocas para vender. De vez em quando ele até tocava seu violão e contava algumas piadas, fazendo a alegria do pessoal.

Mesmo sem calçado as crianças ajudavam na roça. Descalços, até mesmo quando geava! O calçado que ganhavam deveria durar o ano todo e para conservá-lo andavam do sítio até a vila de Ouro Verde de pé no chão e só o calçavam, após lavar os pés, quando chegavam ao destino. Alzira conta que quando o irmão de algumas amigas chegou à vila na década de 70 foi lhe dar as boas vindas e se encantou pelos pés do jovem que eram brancos como a neve. Esse rapaz dos pés limpos viria a ser o seu futuro marido, Elis José Corveto.

José também se lembra de um fato que aconteceu com seu pai, Sebastião quando estava junto com Chico Baiano.

> *Outro dia ele foi pro Ouro Verde com o finado Chico Baiano. Chegaram e tinha aquela pinguela que passava ali por dentro. Era um pau, derrubaram um pau grosso, mas sem guarda mão, sem nada. E a nossa sanga que morava ali era uns 5, 6 metros. Nós pas-*

sava, ia pra Ouro Verde por cima daquele pau. [...] Trouxeram umas pingas e falou "e agora, Chico? Como nós vamos passar?". Aí o Chico falou que teve uma ideia "Vamos sentar e vamos se arrastando". Sentou um atrás do outro e segurava naquele pau e ia. Depois chegaram lá a calça não tinha mais fundo. Rasgaram.

Ana Rosa conta ainda que usava leite do peito para colocar no ouvido da criança quando esse doía. Para curar lombriga o licor de cacau era tiro e queda. Já para gripe o melhor era fazer um chá de casca de laranja com açúcar e alho. Fazia muito bem, mas se o chá não resolvesse o negócio era apelar para o conhaque São João da Barra misturado com leite quente. Quando alguém se cortava era só colocar terra no corte para cessar o sangramento. Eram ótimos remédios caseiros que ajudavam muito nos momentos difíceis.

Depois de tantas aventuras vividas pela família Taborda, faltam páginas para tantas boas histórias. Os filhos de Sebastião e Ana Rosa carregam no sorriso do rosto a coragem e a felicidade dos pais que iniciaram em terras que eram mato puro, mas que tiveram disposição para enfrentar as dificuldades e fundar essa grande família.

FAMÍLIA BORGES DOS REIS (1960)

Dorvalina Maria de Jesus e Joaquim Borges dos Reis
Acervo: Projeto Memória e História

Família Borges dos Reis com todas as filhas mulheres e apenas 4 filhos homens (2 ausentes)
Acervo: Projeto Memória e História

Joaquim Borges dos Reis (*in memoriam*) e sua esposa Dorvalina Maria de Jesus (*in memoriam*) migraram para Ouro Verde com os filhos Maria, Acácio, Nazira, César, Araci, Laércio, Eurico, Laura, Walter e Roseli. O filho José já residia em Ouro Verde, meses antes do restante da família se instalar, com a esposa Maria Nelsa dos Reis e dois filhos.

A caravana era composta por dois caminhões, uma mula e uma carroça, sendo que a viagem durou quatro longos dias desde o município de Califórnia, localizado na Mesorregião Norte Central Paranaense. Até então a família residia em Santa Rita, na região sul de Minas Gerais.

Em Califórnia eles se dedicavam à agricultura, plantando milho e feijão numa área de doze alqueires e meio. Mas, mesmo colhendo com certa fartura, a situação não melhorava, pois os produtos agrícolas tinham na época baixo preço.

Foi então que, lá pelo final de 1959, o Eliseu, o Antônio Fava e o Geraldo Barbosa conversaram com Joaquim sobre as terras que estavam sendo colocadas para a venda em Ouro Verde, no Oeste paranaense.

Joaquim se interessou pela prosa e decidiu conhecer o lugar. Foi até Toledo, sede da Colonizadora Maripá. Seguiu adiante, fazendo uso de um jipe até chegar a Ouro Verde por uma picada que havia sido aberta há poucos dias. Gostou do que viu e, em 1960, comprou dez alqueires de terra e um barracão. Com o

aumento das vendas de terras muitos caminhões carregados de colonos chegavam a Ouro Verde e ficavam instalados em seu barracão ou então debaixo de lonas ou casas de conhecidos.

Pensão de Joaquim como foi adquirida
Acervo: Projeto Memória e História

Conta o Joaquim que o famigerado portão foi colocado por ordem de um certo Doutor Canaro, que era Deputado Federal e queria grilar as terras de Ouro Verde. Para tanto, ele contou com a conivência de um juiz de Foz do Iguaçu que autorizou a colocação do portão proibindo a passagem dos colonos. Ele mesmo, embora tivesse toda a documentação das terras que havia adquirido, teve que pagar para poder passar pelo portão.

No dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, a família de Afonso e Eulália Hoffmann chegou a Ouro Verde e ficou com a mudança presa no portão. Foi a gota d'água! Os colonos se revoltaram, juntaram vinte e uma pessoas e foram de caminhão para colocar abaixo o dito portão. Alguns mais dispostos estavam armados, entretanto os guardas não reagiram. Depois do acontecido todos os envolvidos foram chamados a Toledo para responder sobre o acontecido diante das autoridades policiais. E para lá foram cerca de cinquenta homens. O delegado teve que desistir da ideia de abrir inquérito, pois seriam muitos os processos. No entanto ele insistiu. Queria saber o nome de pelo menos dois que haviam retirado o portão, mas os colonos presentes asseguraram que todos haviam tirado. Sem alternativa, o delegado determinou que todos fossem para Cascavel para prestar depoimento. Durante a audiência e diante dos fatos não restou alter-

nativa remeter-se a questão ao governo estadual, o qual determinou que o portão não mais fosse instalado. Caso encerrado.

Na época apenas o Joaquim tinha a escritura de suas terras, pois pagou a metade das terras no início e a outra metade foi paga depois de um ano. Foi o Antônio Fava que lhe deu a escritura. Os demais moradores compravam as terras por contrato e tinham quatro anos para pagar. Somente depois da terra ser paga integralmente é que era lavrada a escritura.

Família Borges dos Reis na pensão onde hospedavam os visitantes
Acervo: Projeto Memória e História

Joaquim comprou suas terras do Antônio Fava, que era um dos donos da Colonizadora Maripá, que administrava a região. Junto com as terras havia uma grande casa, mas que somente seria dele com uma condição: deveria fornecer comida e pousada para quem viesse ver as terras no loteamento. Foi dessa cláusula que se originou a famosa pensão do Joaquim Borges.

Fácil não foi, até porque a grande casa nem fogão tinha. O banheiro nada mais era do que uma patente improvisada nos fundos da pensão.

Dona Dorvalina, prendada como era, quase entrou em pânico quando se deparou com a cozinha, cujo piso era revestido de tijolo bruto. Não ficou parada! O jeito foi ajeitar um monte de tijolos, colocar uma chapa grande e começar a cozinhar.

No quintal só tinha pimentão. Era tanto que chegava enjoar. Carne, quase nem pensar! Era consumida quando alguém matava algum porco ou anta, mesmo porque não tinha açougue. Já a carne de frango era adquirida do Zé Eleutério, assim como os ovos.

Engraçada foi a reação da filha Araci, que na época tinha 20 anos de idade. Acostumada ao conforto no município de Califórnia, ela estranhou muito o local. Muitos estranhavam e, assim como tantos, só falava em deixar Ouro Verde. Angustiada, não podia nem ouvir o galo cantar que já entrava em pânico! E coitado de algum irmão que passasse escutando música no radinho de pilha. Ela só faltava pular no pescoço do infeliz. Mas, tal re-

volta foi passando com o tempo e a Araci foi se acostumando com o seu novo local de moradia.

Aniversário da Araci Borges (de saia branca e blusa preta)
na pensão de Joaquim (ao fundo)
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Torqueti)

Outra filha, Laura, após chegar e tomar um banho para relaxar da cansativa viagem se pôs na janela da casa para avistar a paisagem. Mas não foi só isso que viu. O olhar bateu direto num rapaz que caminhava com seus companheiros após um longo dia de trabalho. Era o Mauro Picini. Não deu outra, foi amor à primeira vista e, após um namoro de quatro anos, casou-se.

Laura nos conta que gostava muito de arrumar seu cabelo. Ela mesma cortava, enrolava, fazia permanente e penteava. Fazia até laquê para fixá-los. Lembra entre sorrisos que era fácil. Era só misturar breu, perfume e álcool. E para lavar os cabelos? Sabão feito com cinza de verdade e gordura de torresmo ou banha. Colocava palha de milho em volta para ele durar mais.

Quando Joaquim e sua família chegaram, a região era puro mato. Na futura vila somente a região central e mais duas quadras haviam sido desmatadas.

Na vila nada mais que alguns ranchos cobertos com folhas de coqueiro ou de palmito. A maioria era construída com lascas de coqueiro. Casa de madeira mesmo era só a do Joaquim, do Zé Eleutério e da família Torqueti.

Os Torqueti residiam em Toledo, mas vinham até Ouro Verde visitar o sítio dos familiares quase toda semana. Os moradores

sabiam ao longe quando eles estavam chegando pelo barulho característico da DKW, que era um dos únicos carros que se encorajavam vir por essas bandas. Depois de algum tempo chegou a Kombi do João Leonardi, que foi de muita serventia.

Joaquim conta que as compras eram inicialmente realizadas no comércio de Toledo. No que se refere ao abastecimento de gêneros diversos lembra-se do Gregório e do Reinoldo Janning. Eles tinham um carroção puxado a boi que trouxeram de Santa Catarina e uma vez por semana traziam alimentos para a vila. Não raro saía de Ouro Verde às quatro horas da madrugada para retornar lá pelas nove horas da noite. Depois de um tempo, tinha também a conhecida "Gerarda", um ônibus que a firma colocou para transportar as pessoas de Ouro Verde para Toledo. Ônibus velho que só funcionou durante pouco tempo. Em 1963, o João Leonardi já fazia esse transporte de Kombi.

Quando algum outro carro aparecia, podia saber: a pensão teria visitas. A família logo corria para providenciar a comida.

Falando em comida, o arroz era socado no pilão e limpo ali mesmo, pois não compensava ir a Toledo em função da porcentagem sobre o produto cobrada pelo moinho.

Por aqui era muito mato, lembram os entrevistados.

Onde hoje fica a Avenida Belo Horizonte era tão somente um picadão que foi aberto pelos animais que puxavam a carroça da família Janning.

Derrubada de árvores com machado
Acervo: Projeto Memória e História

O Walter relata que ajudou a abrir a Avenida. Durante um tempo arrancou tocos com uns colegas e, após uma semana, chegou um trator de esteira para fazer o serviço completo. Ficou um pouco desapontado, pois tinha dado um duro danado para abrir a passagem à base de enxada, mas sabia que era progresso que estava chegando.

Joaquim e amigos abrindo onde hoje é a Avenida Belo Horizonte
Acervo: Projeto Memória e História

Onde hoje é a Praça Walter Bonthen existia uma bonita plantação de hortelã. A planta era retirada dali e seguia para o alambique que fora construído na chamada "Rua da Lona" para que fosse retirado e processado o óleo. Esse alambique fechou suas portas logo que acabou a plantação de hortelã.

Joaquim também relata que havia, em 1960, uma fazenda que começou a plantar cana para formar uma usina de açúcar. Acontece que o dono contratou peões paraguaios para derrubar o mato e não quis pagá-los. Então eles o mataram. A viúva, enlutada e desacorçoada, foi embora e levou junto o engenho que já havia sido instalado.

Da esquerda para a direita: Iolanda (esposa de Carlos Riechel), Benvinda Barbosa, Terezinha e Elisa (filhas de Eliseu) e Maria (filha de Zé Eleutério)
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Torqueti)

O barracão/pensão do Joaquim centralizava os eventos sociais da comunidade ouroverdense, sediando festas e bailes que tinham como sanfoneira a Benvinda Barbosa, esposa do João Barbosa. A mulher era movida à alegria. Enquanto seus filhos dormiam num canto, ela divertia as festas da vila e alegrava a todos no outro.

Junto com ela, animavam as festas o Antônio Torqueti e o Rudolfo Kleinübing.

Trabalhava-se muito, mas diversão não faltava.

O tio do Mauro Picini, Antônio Torqueti, também tocava sanfona e seus amigos tocavam violão. Nos bailes, todo mundo ia e se divertia. Negociavam logo uma vaquinha para poder comprar alguns litros de Cinzano no armazém do José Borges. Um pouco de bebida alcoólica para animar.

José conta que esse seu armazém foi o segundo em Ouro Verde. Quem já tinha uma vendinha antes dele era o José Souto. As duas ficavam bem próximas, na esquina da Avenida Belo Horizonte com a Rua Cuiabá.

Outro lugar onde eram realizados animados bailes era lá na Fazenda 2 Pês. O Walter gostava muito de frequentar esse sítio que ficava a uns cinco quilômetros de distância. As mulheres faziam uma baciada de pipoca e de amendoim torrado. Divertiam-se a noite inteira e depois seguiam para casa.

Na propriedade da família não era raro que faltasse água para fazer a comida. Então a solução era buscá-la nos poços dos vizinhos. Ia-se então no sítio dos Picini, aos fundos da pensão, ou na mina perto do alambique. Também se recorria na vendinha do José Borges.

Essa vendinha foi vendida para o José Moraes e o Zé Borges passou a se dedicar apenas ao seu sítio. Mas, após um ano distante de Ouro Verde em um tratamento de saúde, logo que voltou começou a trabalhar na colonizadora de Antônio Fava, João Batista e Geraldo Barbosa. Era ele quem vendia os pedaços de terra nessa região, denominados datas, e recebia as prestações dos demais. Quando o Antônio Fava veio a falecer a colonizadora foi vendida e Zé Borges vendeu o remanescente dos lotes para o Doutor Ivo Rocha.

Quando alguém ficava doente o costume era se recorrer aos chás caseiros. Também havia algumas benzedeiras que ajudavam muitas crianças pequenas e até de colo. Só algum tempo depois é que chegou uma farmácia, lá por volta de 1963, sendo o farmacêutico o popular Carlinhos (Carlos Riechel).

Certa vez o Walter Borges armou uma arapuca no meio do mato para pegar algum passarinho. Ao entardecer, após trabalhar na roça, foi até a emboscada para ver se tinha pegado algo. Com passos lentos foi se aproximando e, se não fosse o grito salvador da irmã, teria pisado numa cobra cascavel. Foi por pouco. Então os irmãos saíram correndo para casa e trataram

de chamar um carpinteiro que estava hospedado na pensão. Queriam que ele desse um jeito no ofídio. Foi o que ele fez. Pegou a espingarda, matou o bicho e tirou a pele e o guizo. Através dele descobriu que a cobra tinha uns treze anos de idade.

Esse mesmo homem estava construindo algumas casas e foi o responsável por tirar muitas fotos que até os dias de hoje servem como lembrança da história de Ouro Verde.

O carpinteiro que matou a cobra, Mauro Picini, amigo Genésio e Eurico Borges em frente à pensão
Acervo: Projeto Memória e História

José Borges se lembra com orgulho das terras em que foi o primeiro e único subprefeito. A subprefeitura de Toledo em Ouro Verde foi instalada após o ano de 1969, na época em que Egon Pudell era o prefeito de Toledo.

No início, tudo era difícil e trabalhoso. Toda mudança gera um desconforto e não foi diferente com os Borges dos Reis que se viram no meio de uma nova terra, uma nova casa e um novo jeito de viver. A grande família foi se ajeitando nessas terras e ajudando a construir a história de Ouro Verde. História que leva a famosa pensão do senhor Joaquim Borges dos Reis na memória de muitos que por ali passaram.

FAMÍLIA MORAES (1960)

José Moraes e Ana Castoldi Moraes
Acervo: Projeto Memória e História

Juraci Moraes e Maria da Silva Moraes
Acervo: Projeto Memória e História

O ano era 1960, o mesmo ano da inauguração de Brasília, a nova Capital Federal.

Foram aproximadamente três dias de viagem para chegarem a Ouro Verde. A família Moraes havia saído do Município de Porecatu, Paraná, atraída pela promessa de terras férteis.

A mudança do casal José Moraes (*in memoriam*) e Ana Castoldi Moraes (*in memoriam*), com a filha Eliana Moraes, veio no caminhão do irmão de José, Manoel Moraes, conhecido na comunidade como Mané.

Na chegada logo uma complicação inesperada. Os Moraes tiveram que permanecer longe do pedaço de terra que haviam comprado porque foram impedidos de passar pelo portão que havia sido construído para impedir que novas famílias se instalassem em Ouro Verde. Foi um balde de água fria e José considerou seriamente a ideia de dar marcha à ré e voltar com a família para Porecatu. Não o fez. Resolveu esperar para ver o que acontecia. Determinado a não perder o que era seu, decidiu ir com a mulher e a filha para Toledo e ali aguardou. Somente após a liberação do portão, finalmente pôde adentrar e ocupar seu pedaço de terra.

Quando a família Moraes chegou, a região ainda era coberta pela mata nativa. Apenas algumas clareiras haviam sido abertas. Então iniciaram a derrubada para dar início aos primeiros cultivos voltado à subsistência familiar.

Por aqui havia poucas moradias, destacando-se as casas do Jocondo Dal Pozzo, do José Eleutério, do José Souto e a do carpinteiro Bernardo. Um tempo depois chegaram o Zé Pedro, o Eliseu, que tinha uma vendinha, o Joaquim Borges, que tinha um hotelzinho, o Osébio Sallet, os Taraczuk, o Afonso Hoffmann, a família Brandão, entre outros.

Como nada era fácil naqueles dias, a família se acomodou em um barraco de lona com toda a mudança amontoada. O barraco em si era bastante simples. Ana lembra que o fogão a lenha ficava do lado de fora, o que dificultava o preparo das refeições nos dias de chuva. Conta que era começar a chover e o caldeirão de feijão tinha que ser rapidamente recolhido para dentro, sendo que algumas vezes a comida das panelas ficava exposta ao apetite de patos e galinhas que se aproveitavam dos momentos enquanto Ana fazia outros afazeres.

Energia elétrica nem se cogitava e os moradores tinham que recorrer aos préstimos das lamparinas a querosene.

Tempos depois José Moraes construiu uma casa próxima à de Joaquim Borges.

José Moraes, à frente, no mutirão para construção da segunda Igreja
Acervo: Projeto Memória e História

A roupa era lavada em meio ao colonião em uma bica d'água. Era naquele local que as poucas mulheres da pequena vila de Ouro Verde se reuniam para colocar a prosa em dia. Quaravam as roupas na grama, lavavam e estendiam para secar. Quando necessitavam de água os moradores se serviam do poço existente na casa do José Eleutério, que a distribuía para todos.

Ana começou a buscar água na serraria após a chegada de Osébio Sallet. O caminho a pé era longo e percorrido com sua filha que ainda era nova e necessitava de colo. Nessas caminhadas, a lata para colocar a água era equilibrada na cabeça e a menina, como não tinha outro jeito, vinha agarrada à cintura de sua mãe. Havia um poço próximo à pequena escola, mas sua água era destinada apenas às crianças e todos respeitavam.

Próximo da casa havia muito mato e quando alguém gritava o som ecoava pelo meio da floresta. As crianças se reuniam pra ficar gritando e ouvir o eco com inocência, pois não sabiam de onde vinha aquele som. Certo dia, brincando, avistaram algumas pessoas saindo da floresta e uma delas carregava um animal muito grande. Era José Moraes com um tamanduá-bandeira, fruto da caça, em suas costas.

A caça era a forma para aquisição de comida, mesmo porque o único transporte que havia à disposição da comunidade era o caminhão do Osébio, que partia para Toledo de vez em quando levando os moradores às compras. Após alguns meses o José Moraes comprou um jipe e, aproximadamente em 1965, adquiriu um armazém de secos e molhados na esquina onde hoje é a Avenida Belo Horizonte com a Rua Cuiabá. Ele se abastecia de mercadorias em Toledo para suprir a comunidade com alimentos, roupas, calçados, ferramentas, armarinhos, entre outros. Arroz, feijão, farinha de mandioca e erva mate eram acondicionados a granel e vendidos por quilo em sacos de papel. Como ainda não havia rede elétrica, a geladeira utilizada no armazém era movida a querosene.

Juraci Moraes veio para Ouro Verde para trazer a mudança do irmão José. Depois retornou por volta do final de 1963, início de 1964. Ainda não havia mudado para o Oeste paranaense. Lá em Centenário do Sul o café era cultivado para o sustento da família.

A ideia era vir para Ouro Verde e continuar com o plantio de café. Mas, após a geada de 1975, toda a plantação foi devastada e a família obrigou-se a cultivar a chamada lavoura branca: milho, feijão, arroz e mais tarde o soja.

Durante os primeiros meses de residência em Ouro Verde, Juraci conta que morava com seus irmãos José, Mané e Mário numa casinha de madeira ao lado de onde atualmente fica a Casa Paroquial na Rua Goiânia. Os irmãos Antônio Filho, Maria e Aparecida e os seus pais, Antônio Moraes (*in memoriam*) e Joaquina de Carvalho (*in memoriam*), se mudaram para Ouro Verde em 1967 numa chácara ao lado onde hoje é o Parque de Rodeios. A filha Luzia continuou lá no Norte do Paraná, pois já era casada.

Antes de se radicar em Ouro Verde, seus irmãos já haviam passado por Céu Azul, mas não gostaram das terras. Foi o patriarca, Antônio Moraes, que falou dessas terras e o negócio foi concretizado através do Geraldo Barbosa, que era um administrador e do João Batista, que era um funcionário da Colonizadora Maripá.

Quando o Juraci se casou com a Maria da Silva Moraes, em 2 de janeiro de 1968, eles foram morar na zona rural.

O rugido de onça quando ouvido dava medo. Certa ocasião Juraci e Maria, com o filho Antônio em seus braços, vieram a Ouro Verde para ir à missa. Ao voltar para casa, já de noitezinha e banhados apenas com a claridade da lua, o casal ouviu o temido rugido vindo do mato. Foi de arrepiar! A sorte é que estavam próximos de casa e então apressaram o passo e se protegeram.

Padres e comunidade durante as Missões realizadas pela Igreja
Acervo: Projeto Memória e História

O que não faltava também era macaco, que volta e meia invadiam a plantação de milho e causavam estragos. Isso sem falar dos prejuízos feitos por aves como o uru, nhambu e jacu. Certa feita, o Mané armou uma arapuca e colocou milho para atrair algum passarinho. Sem pretensão de terem pegado algo com a armação, ele e seus irmãos foram verificar. A surpresa tomou conta quando se depararam com seis urus presos numa arapuca só. E não é história de pescador!

Os bailes eram a diversão preferida da pequena comunidade. Não tinha briga e reunia todos em harmonia ao som da sanfona. O Vital Rodrigues da Silva, irmão de Maria e cunhado de Juraci, era quem animava as chamadas matinês, tocando sua sanfona. Bailes e outras festas eram realizados onde hoje é a Avenida Belo Horizonte, em frente à atual Praça Walter Bonthen.

E quanto à saúde? Era remédio caseiro ou era procurar socorro na farmácia do Seu Carlinhos (Carlos Riechel). Hospital era só em Toledo.

O armazém de Zé Moraes é lembrado por muitos pioneiros que foram ajudados pelo seu honroso trabalho e de sua esposa Ana. Juraci Moraes e sua esposa Maria lembram com alegria da chegada nesse pedacinho de chão e de toda atividade que desenvolveram por aqui.

E foi a promessa de terras férteis que atraiu a família Moraes para essas terras e a sua memória permanece até hoje depois de muitas lutas e vitórias.

FAMÍLIA TARACZUK (1960)

Madalena e Basílio Taraczuk
Acervo: Projeto Memória e História

Era o ano de 1959 quando Lademiro Taraczuk (*in memoriam*) e o cunhado Cesáreo Sobota (*in memoriam*) vieram para Ouro Verde com o propósito de derrubar o mato da propriedade que a família havia comprado através do corretor João Batista, que era quem coordenava as vendas de terras na região. E eles eram hábeis no uso do machado, tanto que as árvores que existiam onde é hoje a Avenida Belo Horizonte foram abatidas pela dupla de lenhadores.

Como tinham comprado uma propriedade rural, a família ganhou um lote localizado na vila de Ouro Verde, onde permaneceu morando provisoriamente até que o sítio fosse limpo e pudessem se mudar.

E a mudança veio quase um ano depois, em dezembro de 1960, trazendo os pais: Basílio Taraczuk (*in memoriam*) e Madalena Taraczuk (*in memoriam*) e seus filhos Salvador (*in memoriam*), Paulo (*in memoriam*), Lademiro (*in memoriam*), Justino e Vitalino. Mais tarde veio Petrena (*in memoriam*) com o marido Cesáreo Sobota.

Os irmãos Taraczuk: Salvador, Paulo, Lademiro, Justino, Vitalino e Petrena
Acervo: Projeto Memória e História

Missa realizada no sítio da Família Taraczuk pelo Padre ucraniano vindo de Prudentópolis-PR
Acervo: Projeto Memória e História

A família é de descendência ucraniana, sendo que o patriarca Basílio havia emigrado da Ucrânia com seis anos de idade, em 1912.

Justino e Vitalino recordam que passaram uma noite inteira sacolejando por estradas de chão e quando chegaram a Ouro Verde lá pelas quatro horas da madrugada se depararam com o famoso portão, citado por eles como tranqueira, o qual impediu a passagem imediata da família para suas terras. Não teve jeito de seguir adiante. Tiveram que esperar o sol nascer para então seguir viagem. O caminhão não teve permissão de passar, tiveram que passar a mudança para outro caminhão e buscar os animais a pé um por um. Lembram ainda que na incipiente vila havia algumas poucas casas, no máximo seis, e que de conhecido tinha o Joaquim Borges e o José Souto.

Os cavalos permaneceram no sitio onde moravam, em Mato Rico, um Distrito pertencente ao Município de Pitanga, localizado na região Centro-Sul do Paraná. Para trazê-los a vila de Ouro Verde, os irmãos Paulo e Lademiro tiveram que ir até lá de ônibus e voltar com a carroça puxada pelos cavalos. Mas os dois não sabiam o caminho para voltar de Pitanga à Ouro Verde e tiveram que perguntar às poucas pessoas que iam encontrando pelas estradas.

Em Mato Rico, os Taraczuk se dedicavam à agricultura, priorizando o cultivo do milho. Queriam progredir, investir em algo novo, então a ideia inicial era vir para Ouro Verde e aqui passar a cultivar café, um produto que tinha ótima aceitação na época e que propiciava bons lucros para quem plantasse.

As coisas foram indo bem até meados da década de 1970, quando a geada negra de 1975 praticamente destruiu a lavoura cafeeira no Estado do Paraná.

Os irmãos Taraczuk recordam que durante os primeiros anos de residência em Ouro Verde havia muitos animais na região, muita historia de onça, muito mosquito e muitas cobras, que eram mortas aos montes por Justino. A vegetação era diversa e as árvores que eram mais encontradas eram o cedro, o marfim e o louro. Onde hoje é a Linha Três Marcos havia cinco perobas uma do lado da outra. Já o cedro estava escasso porque muitos deles já haviam sido derrubados em anos anteriores[10].

Justino em Ouro Verde onde hoje é a Rua Amazonas Acervo: Projeto Memória e História

Como em Ouro Verde não tinha assistência médica, quando alguém ficava doente ou sofria algum acidente mais sério o negócio era ir para Toledo, lá no hospital Campagnolo. O meio de transporte era um jipe do Antônio Torqueti que existia a serviço da comunidade ou a carroça trazida pela família.

A carroça em questão foi utilizada quando o filho de Petrena e Cesáreo, que havia acabado de nascer, ficou doente. Cesáreo permaneceu cuidando de Petrena enquanto Paulo, tio do menino, o levou ao Hospital Campagnolo. O médico disse que era apenas uma gripe, mas o internou. A avó Madalena ficou com a criança e Paulo voltou para Ouro Verde, mas quando estava saindo de Toledo, a criança veio a falecer.

A avó Madalena foi expulsa do hospital com a criança morta, pois alegaram que falecidos não podiam ficar ali dentro. Com muita tristeza, a mulher permaneceu na rua até que apareceu João Batista, homem que tinha vendido as terras para a família. O homem consolou a mulher e ajudou no velório do menino que foi realizado em sua própria casa.

Depois de algum tempo apareceu a Kombi do João Leonardi e as coisas foram ficando melhores. Mas antes da Kombi tinha

[10] Vale lembrar que o Extremo Oeste paranaense foi alvo da exploração obragera. As obrages eram imensas propriedades repassadas pelo governo paranaense a capitalistas estrangeiros, notadamente argentinos, cujo maior interesse não era a colonização mais sim a retirada da erva-mate e da madeira nativas existentes na região, as quais eram transportadas para a Argentina através do rio Paraná. A mão de obra era paraguaia, os chamados mensús, tratados praticamente como escravos.

um ônibus que era conhecido pela comunidade pelo nome de "Gerarda", que era admirada por Vitalino que nunca tinha visto um ônibus na vida e se encantava pelo corredor no meio e bancos de um lado e do outro.

A escola veio mais tarde, mas Basílio não colocava os filhos nela porque os queria trabalhando na propriedade da família. Somente quando Justino ficou doente é que pôde estudar por quinze dias, pois não tinha forças para trabalhar na roça. Após esse período, teve que ser hospitalizado. Quando melhorou teve que voltar direto para o trabalho na propriedade da família. Vitalino estudou por cinco meses e, com o pouco estudo, conseguiu ensinar os outros irmãos.

O restante das coisas foi aprendido em casa. E muito bem aprendido.

Peças antigas pertencentes à Família Taraczuk. À esquerda: Stupka (nome ucraniano dado ao equipamento para descascar arroz, milho para canjica e para tirar casca do trigo); No meio: jorna (nome ucraniano dado ao equipamento para fazer quirera feito de cedro em 1948); À direita: máquina de debulhar milho
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA ALMEIDA (1961)

Vicente e Judith no dia de seu casamento
Acervo: Projeto Memória e História

Em agosto de 1959 Vicente Emídio de Almeida (*in memoriam*) visitou as terras onde hoje é Ouro Verde do Oeste e se encantou pelo que encontrou. Porém, foi em 22 de julho de 1961 que ele e sua esposa Judith Amancio Pereira se mudaram em definitivo. Vieram com o casal os filhos Mariano, Antônio e Expedito. A filha caçula Maria Geni nasceu em Ouro Verde.

Vicente e Judith moravam em Santa Rita do Sapucaí, Estado de Minas Gerais. Seguindo a corrente migratória que ocupou o Norte paranaense, eles se mudaram para Califórnia, então um próspero distrito do município de Apucarana. Por lá ficaram durante algum tempo até o Vicente conhecer o Oeste paranaense.

O Antônio Fava, que tinha seus negócios em Londrina, tinha um corretor chamado Eliseu e o tal fazia propaganda de Ouro Verde na região onde moravam os Almeida. Vem daí que o Vicente ficou sabendo que estavam vendendo terras em Ouro Verde, que eram terras boas, baratas, mas era puro mato. Conversa vem conversa vai e o Vicente veio conhecer pessoalmente a região e se interessou. Voltou para Califórnia decidido! Então juntou as economias de anos de trabalho e comprou o primeiro pedaço de terra que seria realmente seu. Afinal de contas, durante toda sua vida somente havia trabalhado como empregado. Chega!

De Apucarana para Ouro Verde foram onze dias e meio de viagem. Uma agonia só! As estradas eram péssimas, mas os dois caminhões que traziam os pertences da família seguiam firmes adiante, de atoleiro em atoleiro.

Ao chegar a Ouro Verde morar onde? Quem estendeu a mão foi o vizinho Sebastião Virgílio, que cedeu um pequeno espaço no barracão usado para guardar o feijão de sua plantação. Foi na-

quele pequeno canto que a família se estabeleceu até que o rancho que estavam construindo ficasse pronto.

A família era previdente e trouxe junto com a mudança uma caixa bem grande, espécie de baú, e nela foram acondicionados roupas e mantimentos essenciais para os primeiros dias de moradia na nova terra como conta Judith:

> *Nós tínhamos trazido uma caixa bem grande e colocamos as coisas que não estragavam dentro dela como arroz, feijão, até roupa de cama. Colocaram uma lona em cima e deixaram no meio do mato. Conforme nós precisávamos pra comer nós íamos nessa caixa e pegávamos.*

Também trouxeram uma vaca e todas as manhãs o Vicente ia até ela tirar leite para alimentar os filhos. Já a banana acabou se perdendo porque madurou ao longo da viagem e apodreceu.

Filhos de Vicente e Judith: Antônio, Maria Geni e Mariano
Acervo: Projeto Memória e História

Como todo mundo que se mudou para Ouro Verde no início da década de 1960, eles tiveram que começar praticamente do nada. Era uma dureza! Um punhado de rama de mandioca que veio na viagem foi o que a família plantou logo que conseguiu abrir um pedaço de mato, derrubando as primeiras árvores do sítio. Demorou cerca de um ano até a colheita. Enquanto isso se viravam do jeito que podiam.

A construção da nova casa era tarefa de todos e Judith não ficou de fora, disposta a tudo, ajudando em tudo que fosse necessário. Quando o rancho ficou pronto tinha até fogão a lenha e, como não poderia deixar de ser, Judith ficou que era uma felicidade só.

E quanto ao bicharedo? Havia muitos animais é verdade, mas era de onça que todo mundo tinha medo, mais ainda quando se ouvia seu poderoso e inconfundível rugido à noite. Era de arrepiar. Então, nessas horas, lampião aceso. Sair de casa nem pensar!

Mas o que Judith não esquece era da égua na fazenda vizinha. E olha que o motivo era no mínimo peculiar, sendo o animal de grande utilidade nos reparos das casas. Como é que é? Simples assim. Todo mundo ficava de olho na égua famosa esperando que a mesma defecasse. Por quê? Era para pegar as fezes e misturar com barro para tampar os buracos do teto e das paredes. E saía um remendo de qualidade. Vejam só a utilidade da eguinha!

Eram tempos difíceis. No final de 1963 deu uma forte seca e perderam todo o feijão que haviam plantado. Pense no prejuízo! O pouco que se salvou da seca foi perdido quando veio uma chuva e apodreceu o restante.

Judith lembra que naquele tempo quando ficavam sabendo que estavam chegando novas famílias a Ouro Verde os moradores corriam para recebê-las, dar-lhes as boas vindas e se inteirar sobre o que estava acontecendo mundo afora.

Comunidade pequena, sofrida, mas unida. Todos se visitavam nos momentos de folga, proseando e tomando café no quintal da casa. União e solidariedade presentes mesmo nos momentos mais tristes. Assim, quando morria alguém, um vizinho ficava responsável pela coleta das doações para ajudar no enterro. Quando ainda não tinha cemitério em Ouro Verde o féretro tinha que seguir até Toledo. Judith conta que o João Leonardi levou muitos falecidos em sua Kombi, mas quando o veículo não estava disponível o defunto era transportado por cavalos. Não tinha outro jeito.

Essa Kombi do João Leonardi também era muito importante quando alguém ficava doente, mesmo porque o único médico da região, o Doutor Campagnolo, atendia em Toledo. Depois de algum tempo chegou também o Doutor Ivo e com o passar dos anos as coisas foram melhorando, ficando no passado os difíceis tempos de outrora.

Judith e Vicente
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA ANCELMO|PEREIRA (1961)

A carne assava no rancho coberto por folhas de palmito de José Souto enquanto o corretor Joãozinho Batista levava José Ancelmo (Ziquinho) para olhar as terras que haviam negociado. Depois do passeio eles se reuniram com o Zé Souto para celebrar com churrasco a vinda de mais uma família para Ouro Verde.

Espedita Pereira e seu marido José Ancelmo
Acervo: Projeto Memória e História

De origem mineira, José Ancelmo, com vinte e cinco anos, e sua esposa Espedita Pereira, saíram de Califórnia, perto de Apucarana, em 1961, em dois caminhões com as filhas Lurdes, Luzia e Iracema. Os filhos Maria Aparecida e Marcos nasceram aqui.

E pensem numa viagem difícil! A pequena Iracema, com muita sede durante o trajeto, confundiu um litro de gasolina com um litro da água e bebeu. A salvação foi o leite em pó que a mãe Espedita misturou com a água que estava guardada para as necessidades para a menina beber.

Demoraram onze dias para chegar! Com eles vieram o pai de Espedita, Antônio Amancio Pereira (*in memoriam*), e o casal Vicente Emídio de Almeida (*in memoriam*) e Judith Amancio Pereira, irmã de Espedita, com seus filhos.

Antônio Amancio Pereira
Acervo: Projeto Memória e História

Além da mudança de praxe, trouxeram um bom bocado de arroz e de feijão para sustentar a família nos primeiros dias na nova terra. Na carroceria também tinha que arrumar espaço para os porcos e para a vaca. Banha e leite garantidos!

Para cruzar o Rio Piquiri, que ainda não tinha ponte, fizeram uso de uma balsa puxada a muque, a exemplo do que se fazia no Rio Iguaçu e no Rio São Francisco.

Quando descarregaram a mudança na vila, os primeiros moradores que encontraram foram o Sebastião Virgílio, o José Eleutério, os Taraczuk e o José Souto.

Caso perguntado sobre os motivos que fizeram as famílias Ancelmo/Pereira migrarem para Ouro Verde a resposta é bem simples. Moravam inicialmente em Minas Gerais, mas a vida era difícil e eles eram obrigados a trabalhar muito em troca de muito pouco. Então se mudaram para Califórnia e passaram a se dedicar ao cultivo do café. Já lidavam com o café em Minas, tinham experiência. Além do que, no Norte do Paraná, todo mundo plantava café! Mas ainda não estavam contentes e resolveram vir para Ouro Verde, movidos pela vontade de ter uma vida melhor e atraídos pelas boas terras da região e ter um pedaço de terra que fosse seu.

Foi com o Sebastião Virgílio, um dos responsáveis por abrir a estrada onde hoje é a Avenida Belo Horizonte, onde primeiro se instalaram e onde permaneceram por uns quatro meses até que o sítio que haviam comprado fosse limpo. Por lá havia muita guajuvira e muita peroba, mas o cedro já tinha sido retirado e transportado pelo Rio Paraná até a Argentina. Isso foi ainda no tempo das obrages.

Certo dia, chegaram duas mudanças, mas os pertences ficaram parados no famoso portão. Não se permitiu a passagem da mudança e eles tiveram que ir andando até a vila. O portão era guardado por dois jagunços armados de fuzil, sendo um deles o irmão do Casemiro, dono das terras ao redor do portão.

Ao saberem da notícia, reunidos no campo de futebol ao lado da Igreja e se divertindo no boteco do Zé Souto ali perto, os homens da cidade resolveram ir até o portão e conversar com os jagunços para liberarem a mudança. Decididos como estavam, embarcaram no caminhão de puxar toras do Osébio e seguiram caminho. Chegando ao portão, se esqueceram da conversa e já foram arrancando as toras que o seguravam. Ato contínuo, colocaram-nas em cima do caminhão. As toras tinham destino certo: servir como as traves do gol para o pequeno campinho.

Os dois jagunços que vigiavam o portão não falaram nada, mas no outro dia, uma segunda-feira, um juiz de Foz do Iguaçu intimou e prometia processar todos aqueles que estavam envolvidos na retirada do portão. Resolveram ir até a delegacia em Toledo e ali se explicar. Chegando lá o capitão então no comando perguntou quem ajudou a tirar o portão e eles, combinados, disseram que todos que ali se encontravam ajudaram.

José Ancelmo conta que foi o Joãozinho Batista quem teve a ideia de ir até Cascavel, porque o coronel de lá era o chefe da fundação que brigava pelas terras aqui. Em Toledo, o capitão não queria deixá-los ir, mas não teve jeito. Rapidamente embarcaram num ônibus e foram para Cascavel conversar com o tal coronel. Três dias depois o portão estava liberado e todos estavam livres da acusação.

José Ancelmo com peças utilizadas pela Família no início do desbravamento Acervo: Projeto Memória e História

Pilão pertencente à Família Acervo: Projeto Memória e História

Era Espedita a responsável por fazer as refeições. Ela descascava o arroz no pilão e também fazia polvilho de mandioca. A mandioca era toda ralada na mão e era especial para se fazer biscoito. Com o milho fazia-se broa e pamonha, que muito era apreciada pelo marido, pelos filhos e pelos sobrinhos.

Mas Espedita não ficava apenas na cozinha, também era responsável por ajudar o José Ancelmo a derrubar o mato. Trabalho pesado que judiava.

Mas além do trabalho do dia a dia a família também se divertia. Entre outras, ficou na lembrança daqueles primeiros anos em Ouro Verde a Copa do Mundo de Futebol de 1970. O Osébio Sallet moveu mundos e fundos e arranjou um pequeno televisor em preto e branco para que a comunidade pudesse assistir aos jogos da seleção brasileira. Foi realmente inesquecível.

Acontecimento que também marcou muito a vida da família Pereira foi quando o filho de José e Espedita, José Antônio Ancelmo, então com dezesseis anos, ficou doente. Quando foi levado para o hospital Campagnolo, em Toledo, o menino não resistiu e acabou falecendo. Segundo o médico, a causa da morte foi meningite.

O primeiro homem que foi enterrado em Ouro Verde foi assassinado. Como não havia cemitério na época, o

corpo foi enterrado nas terras de José Eleutério. O problema foi que construíram uma estrada bem em cima da cova, mas o Zé Eleutério logo tratou de desenterrar o homem e transladá-lo para um local digno. Local esse onde hoje fica o Cemitério Municipal.

Era comum. Todos os dias os moradores matavam cobra. Cascavel então era uma atrás da outra. Certo dia, logo pela manhã, o José Ancelmo, indo trabalhar na roça, pisou em uma cobra na saída de sua casa. Era uma cascavel e ela o picou. Rapidamente ele foi levado ao hospital pela Kombi do João Leonardi. Atendido pelo Doutor Ivo, lhe foi aplicada uma injeção abaixo do umbigo que, de tão forte, endureceu suas pernas. Teve que passar a noite no hospital em observação e somente no outro dia ele pôde voltar para casa. Já o empregado do Olimpio, dono de uma fazenda vizinha, não teve a mesma sorte. Picado pela medonha foi levado até Toledo, mas quando abriram a porta da Kombi ele já estava morto.

Entre histórias de alegria e de tristeza sobram as memórias de um tempo que não volta mais. Memória que José Ancelmo e Espedita construíram com muita dedicação nas novas terras que foram adquiridas com trabalho e sorriso no rosto.

FAMÍLIA AZARIAS (1961)

Delmira da Costa Azarias e seu esposo Antônio Azarias Filho
Acervo: Projeto Memória e História

No dia do batizado o padre avistou a pequena criança e com a água do batismo na mão exclamou: - *Traz a Rolinha aqui para batizar*. Assim nasceu o apelido de Rolinha para Delmira da Costa Azarias, esposa de Antônio Azarias Filho (*in memoriam*).

José Eleutério
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Cruz)

Eram meados de 1961 quando a família Azarias chegou a Ouro Verde. Juntos vieram os sogros de Delmira: Antônio Azarias (*in memoriam*) e Maria Divina Azarias (*in memoriam*), todos atraídos por José Eleutério (*in memoriam*).

Foi o sogro Antônio quem comprou terras nesta região. Em Ouro Verde foram morar junto com ele durante um bom tempo até construírem sua própria casa.

Depois de ter migrado do município de Califórnia, no Norte do Paraná, Delmira passou três anos em Ouro Verde, mas teve que retornar para sua terra natal devido ao seu estado de saúde. Ela recorda em seu depoimento que na época era complicado se obter remédios. Farmácias só em Toledo e para chegar até lá era apenas a pé ou a cavalo, sendo que o úni-

co ônibus que servia a comunidade tinha o apelido de “Gerarda”. Ele se deslocava a Toledo somente algumas vezes durante a semana. Lá permanecia o dia todo e só voltava à noite.

Em relação aos serviços de saúde Delmira conta que o primeiro farmacêutico era o Seu Carlinhos (Carlos Riechel) e que os primeiros partos foram feitos pela Dona Eulália Hoffmann e pela própria Delmira. Disse-nos que caminhava ou cavalgava até o local onde quer que as parturientes precisassem de seus socorros, tanto que o parto de todos os netos mais velhos foram por ela realizados com muita alegria e orgulho do ofício, sentencia.

A primeira filha, Maria Aparecida, teve onze filhos. A segunda filha, Odete, teve dez filhos. O terceiro filho, Valdecir, teve um filho somente. O quarto filho, Silvio, teve quatro filhos. A quinta filha, Ivanil, teve três filhos e a sexta filha, Aparecida, teve dois filhos.

Casamento da filha Maria Aparecida. Atrás dos noivos: Antônio e Delmira. Acervo: Projeto Memória e História

Família Azarias. Da esquerda para a direita: Odete, Silvio, Ivanil, Antônio, Delmira, Aparecida e Valdecir. Acervo: Projeto Memória e História

Dedicados à agricultura, Delmira e Antônio começaram a trabalhar como volantes em uma fazenda lá em Califórnia. Mas em Ouro Verde se dedicavam à atividade de derrubar mato para levar até a serraria. Foi desenvolvendo esse ofício que ele abriu as terras para instalação da primeira olaria da vila, a olaria do Doutor Ivo Rocha.

Aos fundos, a Olaria do Doutor Ivo Rocha (onde hoje fica a Linha Cerâmica)
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Cruz)

Tempo em que tudo era mato. Do pequeno rancho onde moravam, Delmira ia buscar comida para seus filhos na vila de Ouro Verde, mas o caminho nem sempre era tranquilo. Certa vez uma onça apareceu e a amedrontou quando ela carregava seu filho em meio à mata. Os dois começaram a gritar por ajuda e, quase sem esperanças de que houvesse alguém por perto, um cachorro apareceu e assustou a onça. O bravo animal pertencia a um homem que passava por perto e, por sorte, salvou a vida de Delmira e seu filho.

Lembra ainda, entre suspiros, que no pequeno rancho onde moravam volta e meia onça bufava na porta e quem salvava a família eram os cachorros. Além da cachorrada, a família cuidava de uma mula que quando relinchava era sinal de onça na certa. Nesses momentos de perigo iminente Delmira corria para acender o fogo para o felino feroz não pegar seus filhos. Era necessária essa providência porque o rancho de pau a pique, construído provisoriamente com toras de palmito, nem de tábua era. Delmira acreditava que a luz que irradiava pelas frestas iria afugentar o feroz animal. Assim, quando os cachorros latiam e a mula relinchava o fogo era aceso de imediato no fogão à lenha.

Quanto à paisagem encontrada em Ouro Verde no início da década de 1960, Delmira afirma que havia muito mato, muitas árvores, flora quase inatacada. Conta-nos que os colonos à medida que iam tomando posse de suas propriedades já iam derrubando, abrindo clareiras para as primeiras roçadas. Tudo no

braço! Das árvores mais cobiçadas lembra que tinha muita peroba. Quanto aos animais havia a onça que era temida pela colonada, o quati, o veado, a arara e o papagaio.

Além desses animais, Delmira conta que ficou com muito medo de um macaco que apareceu no seu sítio. O bicho quase pegou sua filha que estava brincando próximo à mata, mas o infortúnio foi evitado pelos gritos de Delmira e a ajuda de seus cachorros. Mas o macaco era tão atrevido que imitava os latidos e afugentava os cachorros. No fim tudo ficou bem. Fato é que depois que o mato foi sendo tirado foi acabando tudo.

A chegada de novas famílias trazia alegria para todos. O sogro de Delmira, Antônio Azarias, ajudou muita gente que vinha para esta região, auxiliando na mudança e na abertura das clareiras para poderem morar. Tanta era a alegria que até festas faziam para os novos moradores, onde do que tinha não faltava nada. Com os olhos voltados para os bons e maus tempos do passado Delmira conclui que era assim nos seus primeiros anos de moradia em Ouro Verde.

Família Azarias e Família Inácio, Delmira e esposo Antônio (ao fundo) no casamento da filha Maria Aparecida e Antônio Jacinto Neto; À Esquerda: pais de Delmira, Maria Cândida de Jesus Inácio e João Costa Inácio; À Direita: pais de Antônio Azarias, Maria Divina Azarias e Antônio Azarias
Acervo: Projeto Memória e História

Festa do casamento de Maria Aparecida
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA BOIKO (1961)

Família Boiko
Acervo: Projeto Memória e História

Já ia longe o ano de 1961 quando Estéfica Choptian Boiko chegou a Ouro Verde. Veio de Roncador, distrito de Campo Mourão, na região central do Estado do Paraná. Essa descendente de ucranianos, contava então com trinta anos de idade, e chegou com seu marido Rafael Boiko.

Estéfica e Rafael com os filhos (falta apenas a filha Verônica)
Acervo: Projeto Memória e História

Também vieram os filhos Inês, Emílio, Lúcia, Amélia, Olívio e Verônica, nascendo aqui o Eduardo, destes, dois são filhos do coração. Com o falecimento de sua cunhada Rosa (*in memoriam*), Estéfica, juntamente com sua irmã Helena, ajudou na criação dos seus filhos Adélia e Augusto (*in memoriam*) que cresceram aos cuidados dos Boiko.

A família arriscou, investiu tudo que tinham e o que não tinham, tanto que para recomeçar a vida nova no Oeste paranaense, até o caminhão foi colocado à venda.

Casamento da filha Inês na primeira residência dos Boiko
Acervo: Projeto Memória e História

Quem veio com a ideia de mudar para Ouro Verde foi o cunhado de Estéfica, Nicolau. É que ele havia vindo para a região e soube de uma serraria colocada à venda. Nasceu o interesse e ele, empolgado, avisou a família Boiko do bom negócio que seria comprá-la. Afinal de contas madeira tinha em quantidade e era sinônimo de bons lucros. Ainda mais com a grande procura por parte das dezenas de famílias que vinham de mudança e precisavam construir suas casas, cercas, estrebarias e chiqueirões. Faltou dizer que os proprietários eram o Zanelato, o Simioni e o Balbino Belé.

A família analisou a oportunidade que surgia e decidiu comprar a parte do Zanelato. Não só isso, compraram também um pedaço de terra do Simioni e do Balbino Belé na região que hoje é conhecida como Linha Boiko, na divisa com o município de Toledo. O tamanho da propriedade que adquiriram ficou em torno de cinquenta alqueires. Um bom pedaço de terra para os padrões de Ouro Verde.

Primeiras moradoras da Linha Boiko (Estéfica, Helena Boiko e Elza Andriane)
Acervo: Projeto Memória e História

Os Boiko tinham como vizinho o famoso portão da discórdia. O dito ficava bem pertinho de onde moravam. Estéfica conta que ouviu dizer que o portão dava acesso a uma terra grilada e os "proprietários" não queriam deixar passar para o outro lado. Pelo menos é o que diziam, afirma. Fato é que família manteve-se afastada daquelas terras e do portão, mesmo porque tinham medo, pois pipocavam até histórias de mortes que aconteciam envolvendo pessoas que tentavam ultrapassar o portão sem permissão.

A Serraria em 1961
Acervo: Projeto Memória e História

Como a grande maioria das famílias que migraram para Ouro Verde, os Boiko tiveram que iniciar praticamente do zero. O capital que possuíam foi empregado quase que integralmente na compra da terra e na serraria São Judas Tadeu, onde eram sócios.

Mas o negócio era não ficar parado e logo que chegaram já começaram a serrar madeira, sendo que o dinheiro que ganhavam era uma pequena porcentagem do lucro contabilizado pela serraria. Como o que vinha era pouco, se obrigaram a iniciar o cultivo de uma pequena lavoura. Só para consumo familiar, como todo mundo fazia, mesmo porque não tinham para quem vender.

A serraria que eram sócios ainda serviu para ajudar dois rapazes que haviam se perdido na mata. Os rapazes estavam por essa região para abrir as picadas e demarcar as terras. Entraram na mata, mas perderam a localização, pois a vegetação era muito fechada, muito pouco estava aberto. O pai dos rapazes pediu ajuda para que os Boiko usassem a fornalha da serraria para que os rapazes seguissem o apito da máquina. Dito e feito. Chegaram na serraria e se salvaram dos perigos que a mata oferecia.

Eram tempos diferentes aqueles, uma paisagem diferente. Paisagem que foi mudada e que continua sendo alterada pela ação humana. A flora e a fauna foram, são e ainda serão afetadas através dos tempos.

Estéfica nos fala do bicharedo que existia. Era um tal de onça, cobra, veado e porco do mato que não acabava mais. Conta ainda que muitas mulheres tinham medo de varrer o terreiro quando escutavam o rugido sinistro da onça no meio do mato. Também tinha muita capivara e muitas vezes Estéfica levava sal para as vacas e as capivaras, bichinhos abusados, ficavam esperando-as deixarem o local para também desfrutar do sal depositado no pasto. Diz com orgulho inconfesso que, com o tempo, as pessoas começaram a querer matar as capivaras, mas o filho Olívio não permitiu que isso acontecesse, pois queria os animais vivos e livres. Até os dias de hoje as capivaras aparecem no pasto quando Estéfica, atualmente com 88 anos, alimenta suas vacas.

Não havia boas estradas, elas eram todas de chão batido, verdadeiros picadões. Lama e pó eram a tônica para aqueles que as usavam. Fazer o quê? O pessoal tinha que se virar com o que tinha e pronto.

Lembra ela que para se ir até Ouro Verde não era pela estrada que se vai hoje em dia, mas havia um picadão que passava por onde as terras da família estavam sendo abertas. E essa era a única estrada. Os Boiko, privilegiados, iam com o jipe porque carro grande não passava.

Casamento da filha Inês. O Padre é João Alois que deu o nome à Linha Boiko, antes chamada Arroio do Ivo
Acervo: Projeto Memória e História

Muitas crianças que moravam na Linha Boiko – nome esse dado numa justa homenagem à família - queriam e precisavam estudar. Os pais foram até Toledo e insistiram. Tanto que não demorou muito e foi aberta uma escola, sob os cuidados da prefeitura municipal.

Era a Estéfica quem socorria as pessoas necessitadas. Dedicava-se de corpo e alma a quem lhe procurasse, sendo a parteira que atendia toda aquela região, fosse de dia fosse de noite.

Mais ainda, quando uma criança caía e quebrava a perna ou o braço era ela que arrumava porque não tinha médico. Hospital mesmo era só o Campagnolo, em Toledo. Depois que veio o hospital Dall'Oglio, naquela mesma cidade.

Quando as crianças estavam muito doentes e não conseguiam ir até ela, era ela quem ia visitá-las e dar-lhes os devidos cuidados. E, como agradecimento não tem preço e não tem hora, certa ocasião um senhor apareceu diante da porta da sua casa, mas Estéfica não o reconheceu. Logo ele se apresentou e disse-lhe ser aquela criança que anos atrás havia subido num pé de pessegueiro, caído e fraturado ambas as mãos. Agradeceu a senhora abraçando-a e apertando-lhe firmemente com suas mãos agora curadas.

E são essas pequenas alegrias que ficaram na lembrança de Estéfica que viveu tempos difíceis no início da colonização de Ouro Verde, mas que carrega na memória a satisfação de ter ajudado tantas pessoas.

Família Boiko em sua primeira residência
Acervo: Projeto Memória e História

Plantio de Pinus
Acervo: Projeto Memória e História

Em 1965 ainda com a mata ao fundo
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA DAL POZZO (1961)

Na frente, Libra Pelegrini Dal Pozzo, com o filho Mansueto no colo, e Jocondo Domingos Dal Pozzo após a primeira missa em Ouro Verde
Acervo: Projeto Memória e História

Jocondo Domingos Dal Pozzo (*in memoriam*) e Libra Pelegrini Dal Pozzo, descendentes de italianos, moravam no Distrito de Paraí, Município de Nova Prata, Estado do Rio Grande do Sul, antes de migrarem para Ouro Verde.

Em 1960, Jocondo decidiu-se pela mudança e seguiu viagem com dois primos montados num pé-de-bode. A primeira parada foi em Matelândia, depois foram a Toledo e seguiram de ônibus até Xaxim.

Como Jocondo tinha dois irmãos que moravam nas redondezas, ficou sabendo das terras colocadas à venda em Ouro Verde. Depois de buscar sua família, ficou ainda nove meses morando em Xaxim. Não se adaptaram, não gostaram do lugar. Decidiram, então, comprar uma área em Ouro Verde. A vontade de mudar era tamanha que Jocondo fechou negócio no mapa! Adquiriu três alqueires. Era final de 1960, começo de 1961.

A família comprou uma casa localizada onde hoje é a esquina da Rua Goiânia com a Rua Porto Alegre e ali permaneceram por três anos com os cinco filhos, Alceu, Ivanite, Natalina, Melânia e Mansueto.

Os cinco filhos de Jocondo e Libra. Da esquerda para a direita: Melânia, Ivanite, Natalina, Mansueto e Alceu
Acervo: Projeto Memória e História

Em dias de chuva Libra pegava uma caixa grande e colocava dentro toda a roupa que podia porque a casa ainda era descoberta.

A bem da verdade, a pequena casa não era das melhores. A cozinha, por exemplo, era comprida e os balcões eram de tábua rústica.

E quanto aos animais caseiros? As galinhas foram trazidas de Xaxim, junto com a primeira vaca e o primeiro porco. Com a mudança também vieram ramos de mandioca, os primeiros cultivados em Ouro Verde.

Na vila já residia a família do José Eleutério, a do Geraldo Barbosa, a dos Taraczuk e muitos homens que trabalhavam como peões.

Um dia chegou uma família que educava seus filhos na base da surra e Libra não gostava disso porque nunca havia apanhado dos pais e nunca havia batido nos filhos.

No início, os moradores tinham que fazer a retirada das árvores e após faziam a plantação entre os tocos de árvores.

Plantio de milho com máquina manual após derrubada das árvores
Acervo: Projeto Memória e História

O portão ainda não estava instalado na época que a família Dal Pozzo chegou a Ouro Verde.

Jocondo tinha a opinião que os donos da gleba estavam vendendo mais terras do que dispunham e então colocaram o portão.

> *O João Batista, o Antônio Fava e o João Batista Filho venderam terras que não eram deles. Assim, para legalizar a situação, o portão foi colocado. Por causa do dito portão a gleba ficou estagnada por cerca de onze meses. Podia-se passar a pé ou de carro pequeno, mas jamais poderia se passar com caminhão de mudança. Muita gente ficou com medo e quis ir embora, de modo que, ficou mais barato comprar terras dessas pessoas do que da firma.*

Ele não participou da retirada do portão, mas soube que depois houve uma grande festa. O problema foi que arrancaram o portão num dia e no outro lá estava ele de volta. Pior, os participantes do ato foram convocados para dar explicações à polícia. Foram até Toledo e depois até Cascavel. Situação esclarecida e o portão foi retirado em definitivo.

Libra relembra que o primeiro casamento celebrado em Ouro Verde foi o do José Souto com a Iracele. Eles se casaram no Cruzeiro, pois ainda não havia Igreja na vila. Ela lembra ainda que quando chegaram, as missas eram ainda rezadas na escolinha. Somente depois foi construída uma pequena igreja de madeira, mais ou menos em 1962. Como era muito pequena, quando da realização da primeira missa, muitas pessoas tiveram que permanecer para o lado de fora da igrejinha.

Quem primeiro foi enterrado em Ouro Verde foi um homem morto a facadas e encontrado encostado num toco. Ele foi enterrado bem no meio de uma picada que servia de estrada. Depois, devido a uma aposta, uma promessa de um compadre dos Taraczuk, por cinco cruzeiros, ele foi desenterrado. Retiraram a lona que envolvia os restos mortais, colocaram num caixão e finalmente o enterraram onde hoje é o cemitério municipal.

Outra lembrança. Benvinda Barbosa era uma mulher muito animada que tocava sanfona e cantava nos bailes e festas na vila. Nessa época a comunidade realizava várias festas e dentre elas as de São João e Santo Antônio. Nessas oportunidades

eram acesas grandes fogueiras e os fiéis mais corajosos atravessavam descalços pelo braseiro esparramado.

A primeira professora foi a Maria de Souza, filha do Bernardo de Souza, que começou a dar aulas em 1963. Já o primeiro armazém foi do José Souto, mas não tinha muita mercadoria, pois a falta de dinheiro era grande, tanto da parte de quem vendia como da de quem comprava.

As mais simples tarefas domésticas apresentavam inconvenientes.

A roupa era lavada em cima de uma tábua, junto a um poço de uns vinte metros, escovada com um sabugo! Certo dia, Libra estendeu sua roupa em um grande varal que se quebrou levando a roupa quase seca ao chão. Além do poço as roupas também eram quaradas sobre a grama e depois lavadas numa mina onde umas vinte pessoas compartilhavam da água.

Aos domingos, os homens costumavam sair para caçar enquanto suas esposas se reuniam em casa em bate papo. Caso fosse dia do caçador, eles traziam veados que eram usados como complemento alimentar. Falando em carne, o Jocondo era o churrasqueiro "oficial" das primeiras festas realizadas em Ouro Verde. Churrasco bom era o de carne de anta muito apreciado pelos vileiros.

Jocondo Dal Pozzo (segundo da esquerda para a direita) na festa da Igreja. Preparo do churrasco com espeto de pau
Acervo: Projeto Memória e História

Meses depois da família Dal Pozzo ter se fixado em Ouro Verde, a comunidade passou a ser servida por uma jardineira que fazia o transporte de passageiros até Toledo. Nessas viagens, vinte e duas pessoas se empilhavam dispostas ao necessário sacrifício, número bem acima da capacidade do veículo, de umas treze ou quatorze pessoas.

Com vias de acesso precárias os moradores de Ouro Verde encontravam grandes dificuldades em sua vida cotidiana.

Libra, por exemplo, foi doente para Toledo. Diante do inesperado, obrigou-se a deixar as crianças em casa e, por oito dias,

eles não tiveram notícia dela. Um desespero! Em outra ocasião ela novamente passou mal, mas não tinha quem a levasse para Toledo. Então, por pura sorte, passou um caminhão e ela, sem pensar duas vezes, pediu socorro e conseguiu a carona providencial. No meio da estrada, o motorista perguntou se ela sabia quem ele era e, diante da negativa de Libra, disse que era jagunço de fazenda. O medo tomou conta de Libra porque os jagunços eram conhecidos como homens maus, e certamente o eram! Mas ele a levou imediatamente ao hospital.

Outro incidente: certa vez, Libra levou a vaca da família para pastar em uma plantação de fumo, mas quando foi buscá-la percebeu que o animal estava com a barriga inchada. Havia ingerido veneno e, embora os cuidados, morreu alguns dias depois.

Quando precisavam de limão era necessário ir até Xaxim. Colhiam e depois espremiam uma boa quantidade da fruta, colocando o sumo misturado com açúcar em um garrafão. Quando queriam fazer suco tiravam uma colherada.

Jocondo "ferreiro" em frente à sua Ferraria
Acervo: Projeto Memória e História

Eram muitas as atividades que a família se dedicou. O Jocondo derrubava as árvores, limpando o terreno para cultivos. Além disso, ele foi o primeiro ferreiro de Ouro Verde. Libra moía o amendoim e fazia sabão. A família plantou um parreiral e a

comunidade dele desfrutava. O falecido Zé Souza era um freguês que sempre comprava uva no local.

Algumas diversões começaram a aparecer mais tarde. Uma delas era o cinema, localizado onde hoje é a Rua Rio de Janeiro, próximo à Avenida Belo Horizonte. Foi o primeiro e a tela constituía-se tão somente em um pano branco. Libra conta que ficou até com medo porque para ela aquilo era novidade. Outra diversão era o rádio. A família Dal Pozzo conheceu o rádio em Ouro Verde através de Dona Terezinha Batista. Libra ficou curiosa e se perguntava "o que essa mulher tem que tem um caixote que canta?", pois não sabia o que era um rádio. Depois, com muito sacrifício, a família comprou um que ficava tocando o dia inteiro.

Jocondo e Libra ajudaram muito no crescimento de Ouro Verde ao criarem os primeiros animais e a cultivarem uma das primeiras plantações. O leite da primeira vaca serviu muitas crianças e fica na memória o amor da família Dal Pozzo por essas terras.

Jocondo Dal Pozzo aos fundos
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA JANNING (1961)

À esquerda, Hilda e seu esposo Reinoldo Janning
No meio, Ana e seu esposo Gregório Janning
À direita, Maria e seu esposo Geraldo Janning
Acervo: Projeto Memória e História

A família Janning veio de Santa Clara, Estado de Santa Catarina. Foi em 29 de maio de 1961 que chegaram a Xaxim, morada temporária até que o novo local onde iriam morar ficasse pronto.

Pouco mais de dois meses depois, em 8 de agosto de 1961, o casal Reinoldo Janning e Hilda juntamente com o filho José Renato chegaram a Ouro Verde. Os outros filhos, Lorena, Fátima e Irene, nasceram aqui. Amilton, filho de Gregório e Ana, também veio junto com seus tios Reinoldo e Hilda. A tão acalentada viajem foi atrasada de propósito por dois dias porque o avô de Amilton, Bernardo, considerava o dia 6 de agosto um dia santo e nada poderia ser feito neste dia.

O Senhor Bernardo vendeu o que pôde vender e partiu para Ouro Verde. Então, vieram Gregório Janning e Ana, com os filhos, Maura, Marleide, Álvaro e Alvonei. Os filhos Maria Salete e Marisa Maria nasceram aqui e Amilton já tinha vindo com os tios. Outro filho de Bernardo que também veio foi o Eurico Janning com sua esposa Maria Otília, e os filhos Tarcísio e Eliane. Os filhos Gustavo, Meriane e Dilmo nasceram aqui. O irmão de Bernardo, Geraldo Janning e sua esposa Maria, chegaram mais tarde por volta de 1963 com os filhos Alberto, José (Zé Branco) e o mais velho Luiz que veio com a esposa Luci e com os filhos Danilo e Dilva. O filho de Geraldo, Huberto, veio mais tarde.

De cima para baixo: Amilton, Álvaro, Ana, Gregório, Marleide, Marisa, Alvonei, Maura e Maria Salete
Acervo: Projeto Memória e História

Reinoldo e Hilda no centro, José Renato à direita e sua esposa Irene à esquerda com seus filhos
Acervo: Projeto Memória e História

Colheita de Milho na propriedade dos Janning
Na foto, a primeira trilhadeira na década de 1970
Acervo: Projeto Memória e História

A partir do momento que a família Janning chegou, começaram a se dedicar à agricultura com a plantação de milho, feijão e arroz. Mas um dos grandes motivos para virem a Ouro Verde foi a paixão pela caça entre os membros da família. E em Ouro Verde havia muitos animais.

A região começou a chamar atenção depois de uma visita que Bernardo e seu filho Reinoldo fizeram em Xaxim. Ali, conversa vai conversa vem, surgiu o assunto de que estavam abrindo glebas em Ouro Verde e então resolveram fazer uma visita para conhecê-las. Não demorou nadinha e acabaram comprando as terras.

Foram três dias desde Santa Clara e no final da viagem toparam com as terras recém-adquiridas. Do total da área apenas três alqueires estavam limpos, o restante era puro mato. Ia dar um trabalhão!

As terras pretendidas foram negociadas com o Geraldo Barbosa e o João Batista, mas o grande responsável pelo investimento foi Antônio Fava.

Quando os Janning chegaram encontraram alguns dos primeiros moradores que já haviam se fixado em Ouro Verde: o José Souto, o Bernardo de Souza e o Jocondo Dal Pozzo.

Tão logo descarregou a mudança e a família ergueu uma barraca em frente ao local onde hoje é a Igreja Católica. Era tudo absolutamente improvisado, provisório. Cozinhavam em fogo de chão e as panelas recebiam o calor das chamas penduradas por ganchos.

Ao derrubarem o mato na propriedade que haviam comprado, e onde moram até hoje, os Janning foram morar em uma casinha de palmito. Quem demarcou as terras foi o Augusto Picadeiro.

Sobre o tal portão, conta o Amilton que um juiz de Foz do Iguaçu tinha algumas terras na região e como começaram a invadir - se é que eram dele - a única forma que ele encontrou foi erguer um portão e controlar a entrada das pessoas. Mas o problema era que o portão não impedia somente a passagem para suas terras, ele também impossibilitava o tráfego para todos aqueles que queriam chegar ou se instalar em Ouro Verde. Daí o clima de revolta que culminou com a derrubada do portão.

Madeira tinha e era madeira da boa, madeira dita de lei. Havia muita peroba, canafístula, óleo de pardo, marfim e cedro. No início não se aproveitava porque não tinha quem cortasse, não havia serraria. Então o jeito era queimar. Somente alguns meses depois foi que o Osébio Sallet começou serrar e beneficiar.

Além das plantas, a diversidade em espécies animais também era grande. Para os moradores, isolados como estavam em meio ao mato, o que dava mais medo era a onça. Os primos José e Amilton relembram que, quando era noite, as onças começavam a rondar a propriedade e grunhir. Hilda Janning ainda se arrepia quando conta que quando buscava água ao amanhecer tinha que passar pelo meio do mato com o pequeno José Renato, carregado pela mão. O caminho era feito com medo de se encontrar com uma onça. Já o José, sobrinho de Gregório e Hilda, tinha que buscar leite todos os dias para sua sobrinha Dilva, filha de Luiz e Luci, e durante todo o trajeto uma onça o acompanhava na beira da estrada. Pense só!

A dieta alimentar da família baseava-se via de regra no que era cultivado na propriedade, sendo que os demais mantimentos tinham que ser adquiridos em Toledo. Aí que ficava difícil, pois a estrada não passava de um longo e mal cuidado picadão. Vem

daí que o jeito era ir a cavalo ou de carroça, sendo que a viagem de ida e volta demorava bem dizer um dia inteiro.

Em 1963, dois anos depois que os Janning chegaram a Ouro Verde, o Joãozinho Batista, filho do corretor João Batista, veio de mudança e trouxe um pequeno ônibus que na época era popularmente chamado de Jardineira/"Gerarda". Esse veículo foi de imensa ajuda aos moradores. Então ele ia cedo para Toledo e voltava à noite. Isso quando não chovia.

A vida diária era marcada por dificuldades, grandes ou de pequena monta, mas sempre presentes. Com os Janning não era diferente. Quando alguém ficava doente, por exemplo, o jeito era fazer chá caseiro ou em casos mais graves ir até Toledo.

A comunidade estava crescendo e logo se fez necessário a presença do sistema escolar. Afinal de contas a criançada precisava estudar! Onde hoje é a esquina das Ruas Amazonas e Terezina, em frente a Praça, surgiu a primeira escolinha onde a filha do Bernardo de Souza, Maria de Souza, começou a dar aulas. Depois veio o Joãozinho Batista e a filha dele, Terezinha, também começou a lecionar. Então foi construída outra escola ao lado de onde hoje fica a Casa Paroquial na Rua Amazonas.

Era o Amilton quem levava os irmãos e primos bem cedinho para a escola. Por medo de onça e por gostar de caçar levava a espingarda a tiracolo.

Mas a preocupação não era somente com as onças. Com cobra também não se brincava. Volta e meia alguém morria vitimado por picada desses ofídios.

Nas redondezas tinha muito porco do mato. Havia um lugar que era o carreiro de passar o porco do mato e não era raro verem-se grandes varas com até cinquenta porcos. Também não faltava veado, paca, cateto, periquito e tucano.

Engana-se quem pensa que era só bicho grande que incomodava. Difícil de lidar também eram os mosquitos que, em determinadas épocas, enxameavam. Era tanto mosquito que quando se ia almoçar ou tomar café tinha que fazer fogo ao redor e sempre vestir calças compridas. Pra roçar o mato o pessoal espalhava uma camada fina de banha de porco no rosto e nos braços. Só assim e olhe lá!

Quanto ao primeiro padre, ele veio no ano de 1962. Era o Padre Santo. Na época já tinha sido construída uma Igreja bem pequena. O Amilton até ajudou o Senhor Bernardo a pregar o assoalho. No início, era uma missa por mês ou a cada dois meses e o José até ajudou a servir como coroinha, ajudando nos

serviços religiosos. E não foi somente ele. De vez em quando o padre pegava alguns meninos para ajudar a servir porque a missa era em latim e o povo entendia pouca coisa. A ajuda servia bastante na hora da consagração do pão e do vinho, quando eles batiam a sineta.

Interior da primeira Igreja
Acervo: Projeto Memória e História
(Original: Família Azarias)

Na primeira missa que José assistiu em Ouro Verde, ficou espantado com o tamanho da Igreja. Meu Deus, como era pequena! Tão pequena que os fiéis se espremiam para acompanhar a Santa Missa.

Quando ainda não tinha missa, os moradores tinham o costume de se reunir para rezar o terço. Depois de rezar, o divertimento era sair para o mato, ir caçar.

O divertimento foi ganhando em qualidade quando chegaram a Ouro Verde o João Barbosa e sua esposa Benvinda. Ela era uma ótima sanfoneira e, a partir de então, muitos bailes foram organizados. Conta o Amilton que o Joaquim Borges dos Reis tinha um barraco para recepcionar o povo que vinha para Ouro Verde para olhar e comprar as terras. Quando era noite o pessoal se animava com a sanfona. Essas festas começaram no final de 1962.

Conforme a população começou a aumentar a igreja teve que ser ampliada. E assim foi feito. Então a comunidade estava construindo uma nova igreja, também de madeira. Um belo dia, os padres vieram com as Missões e celebrar a missa. Vem daí que o tempo começou a fechar de repente e se avizinhar um

Construção da segunda Igreja
Acervo: Projeto Memória e História
(Original: Família Cruz)

temporal muito forte. O céu virou num breu! De acordo com o Amilton, todos começaram a ficar assustados em razão do tempo feio, mas os padres conseguiram acalmar a população dizendo que era para todos ficarem tranquilos porque o vendaval iria acabar por si mesmo. Dito e feito, pois quando ele saiu da Igreja o vento havia passado.

Era dessa forma antigamente. O povo, com fé, foi passando por dificuldades, mas vencendo e ajudando a construir suas vidas nessas terras. Foi assim com os Janning.

Bodas de Geraldo e Maria
Acervo: Projeto Memória e História

Geraldo Janning, filho Agostinho, e esposa Maria
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA KOPIECZ (1961)

Anastácia e Venceslau Kopiecz
Acervo: Projeto Memória e História

Paulo Kopiecz (*in memoriam*) comprou as terras em Ouro Verde no ano de 1959 e se mudou em definitivo com sua esposa, Irene Kopiecz (*in memoriam*), em 1961.

A família, descendentes de poloneses, veio de Mato Rico, município de Pitanga, no Paraná, onde eram arrendatários de terras. O casal, ao migrar para o Oeste paranaense, tinha apenas uma filha, Sofia. Os outros filhos nasceram aqui, sendo que os partos foram feitos pela sogra de Irene, Anastácia esposa de Venceslau Kopiecz.

Paulo e mais alguns homens de Mato Rico, a convite de um corretor chamado Basílio, vieram ver as terras na região. Gostaram e compraram com um prazo de até três anos para pagar, como era de praxe. O Basílio, além de vender, era um dos que recebia as prestações e as repassava para os proprietários da gleba em Ouro Verde. Mas, quando pensaram estar tudo pago, descobriram que ele havia sumido com o dinheiro de duas prestações. Ludibriados não foram somente eles, vários outros também foram enganados.

A mudança da família Kopiecz veio junto com a do Basílio Taraczuk. Aqui chegando se depararam com o conhecidíssimo portão e ficaram ali parados do meio dia até às cinco horas da tarde. Só conseguiram passar depois de falar com o João Batista, para que ele resolvesse o problema. Como os caminhões que trouxeram a mudança queriam voltar a Mato Rico, o João Batista contratou outros e transpôs com sucesso o portão.

O portão foi retirado mais ou menos um ano depois da chegada da família. Ao lado da Igreja existia um campo de futebol e que certa ocasião muitas pessoas que ali estavam se divertindo subiram num caminhão e foram retirar o famoso portão que impedia a livre passagem das famílias até as terras que haviam comprado. Assim o fizeram ao saber que mais uma família havia

sido barrada. Irados, decidiram dar um basta na situação. Dito e feito! Arrancaram o portão e com a madeira fizeram as traves para o campo de futebol.

Depois, todos os que participaram da retirada foram chamados à Toledo, de onde telefonaram para Foz do Iguaçu. Passaram o dia inteiro fora. Por fim, o Joãozinho Batista foi até Cascavel, na justiça, para acabar com a existência do portão.

Enquanto a nova casa era construída nas terras adquiridas, os Kopiecz se acomodaram em um ranchinho rodeado de palmito. Por aqui encontraram as famílias do Jocondo Dal Pozzo, do João Martins, do José Moraes, da Benedita Sarkis, do José Pedro Souto, do José Paes, do Zé Eleutério, do Joaquim Borges dos Reis, dos Janning, entre outros.

Ainda não tinham construído a Igreja. No local onde ela seria erguida mais tarde havia tão somente apenas o mato derrubado há pouco tempo. Como não havia Igreja, o primeiro casamento que foi realizado foi o do José Souto aos pés do Cruzeiro.

A madeira da derrubada para abrir a vila ainda estava nas ruas e as toras só foram retiradas quando chegou a serraria do Osébio Sallet.

O transporte até Toledo era de carona ou com o João Leonardi, de Kombi. Antes disso também havia a "Gerarda", um ônibus do Eliseu. Quando as pessoas ficavam doentes, se obrigavam a deslocar-se até Toledo, só depois de um tempo chegou o primeiro farmacêutico, o Carlinhos (Carlos Riechel).

Com a idade de doze anos, o irmão de Paulo, Lademiro Kopiecz chegou a Ouro Verde junto com seus pais. Eles haviam partido de Mato Rico, Distrito de Pitanga, no Paraná. O ano: 1962.

Como todos os outros migrantes que vieram naqueles tempos, a família Kopiecz teve que enfrentar estradas esburacadas, quase sem condição de trânsito. Saíram de Mato Rico às nove horas da noite e chegaram por volta das quatro horas da tarde. Para se ter uma ideia, de Toledo até Ouro Verde foram nada mais nada menos do que três horas de viagem! Naquele tempo a estrada passava por onde é hoje a Linha IRiedi.

Nos primeiros dias, os Kopiecz ficaram meio que isolados, sem muitas amizades. A coisa melhorou quando a família Cruz chegou e se formaram fortes laços de amizade entre eles.

Lademiro conta que quando as pessoas vinham ver as terras na região era na pensão do Joaquim Borges dos Reis que se hospedavam. Lembra do Walter Borges que logo preparava sua espingarda e corria até o mato para caçar. Passado algum tempo

e lá vinha ele trazendo a tiracolo passarinhos ou bichos do mato. A carne de caça era essencial e alimentava os hóspedes da pensão, já que não tinha porco, galinha ou vaca.

O José Borges foi o proprietário do primeiro bar da vila de Ouro Verde. Depois ele vendeu para o Miguel Valdonski e o sócio Antenor. Tocaram o negócio durante algum tempo e então repassaram para o José Moraes. O local servia de armazém, boteco, além de vender coisas de comer. Além desse estabelecimento, o José Souto também era dono de um armazém.

A vinda da família Kopiecz até Ouro Verde teve como motivação o plantio do café, assim como tantas outras. Mas, com o passar do tempo, a cultura cafeeira foi diminuindo na região até receber o golpe mortal quando as plantações foram destruídas pela geada de 1975.

Corria o mês de dezembro de 1963 quando, aos oito anos de idade, Maria Ruth, mais tarde Kopiecz, chegou a Ouro Verde, juntamente com seus pais.

A família morava em Nossa Senhora das Graças, um Distrito de Colorado, Estado do Paraná, perto de Londrina.

Logo que chegaram, lá pelas onze horas da noite, foram até a pensão do Joaquim Borges em busca de janta. Apesar do avançado da hora foram servidos com mandioca cozida, um pedaço de carne e um pouco de arroz.

No dia seguinte se instalaram ao lado do armazém do Zé Souto onde hoje fica a esquina da Avenida Belo Horizonte com a Rua Cuiabá até que pudessem limpar um pedaço das terras que tinham comprado. O dono da casa era o Zé Pedro. Maria Ruth recorda que essa casa era apenas cercada e coberta, não tinha janelas, portas ou assoalho. Estavam melhor que muita gente, mesmo porque a maioria das casas não passava de simples ranchos cobertos com folhas de coqueiro.

Lademiro olhava em volta e só via mato, muito mato, a perder de vista. E dentro tinha anta, veado, onça, cutia, tatu, macuco e jacu. Duas onças foram avistadas, uma foi morta na propriedade dos Kopiecz e outra conseguiu fugir.

Caso quisesse estudar, tinha que caminhar oito quilômetros de onde hoje é a Linha Cerâmica até a vila de Ouro Verde. Ali, juntamente com outras crianças, Maria Ruth frequentava a pequena escola que contava somente com duas peças. Numa morava a família Viana e a outra servia como sala de aula.

Como o comércio local era praticamente inexistente, os moradores de Ouro Verde eram obrigados a se deslocar até Toledo

para fazer suas compras. Geralmente viajavam uma vez por mês, fazendo uso de carroças, cavalos ou no caminhão do Osébio Sallet.

Leite também era raridade em razão da falta de vacas. Maria Ruth lembra que a Eulália, esposa do Afonso Hoffmann, tinha uma e depois de um tempo a Dona Libra Dal Pozzo também.

A diversão dos homens eram as caçadas. Certo dia o Lademiro estava com sua espingarda e desenhou um alvo numa figueira bem grossa. Afastou-se e atirou. O tiro não acertou o alvo, mas quase atingiu o amigo Zé Poceiro, que passava por perto.

A história de Lademiro e Maria Ruth se cruzou a partir do momento em que se conheceram e se apaixonaram. Ela era então uma bela jovem com dezesseis anos. Amor tão poderoso que apenas trinta dias após o começo do namoro resolveram se casar. Estão juntos até hoje!

FAMÍLIA MONTANARI (1961)

Na frente, Ladir Montanari e Lires Melim Montanari
Ao fundo, os filhos Ademir, Neli, Jair, Célia e Jucélia
Acervo: Projeto Memória e História

Vinda do Município de Campos Novos, no Estado de Santa Catarina, a família Montanari, descendente de imigrantes italianos, chegou a Ouro Verde no ano de 1961, indo se instalar na propriedade onde se encontrava a Serraria Toledense.

Ladir Montanari (*in memoriam*) veio para trabalhar na serraria e trouxe consigo sua esposa Lires Melim Montanari e os filhos Jair (Mazzaropi) (*in memoriam*), Ademir (Pinguim), Célia e Jucélia. Em 1965, eles se mudaram para a onde hoje é a Linha Gozzi onde nasceu a filha Neli um tempo depois. Somente em 1968 é que se fixaram na vila de Ouro Verde.

Caminhão utilizado na extração da madeira
Acervo: Projeto Memória e História

Ladir não veio à toa. Era caminhoneiro dos bons e decidiu vir para Ouro Verde por intermédio da Serraria Toledense, já que tinha caminhão próprio e trabalhava com o transporte de toras de madeira. E a extração de

madeira era um grande negócio na época, pelo menos até que a madeira nativa acabou.

Além de ser bom de boleia gostava muito de caçar. O Ademir conta que, de onde vieram, o pai chegava a abater uns trinta jacus no dia. Então por aqui ele estava no céu, mesmo porque caça era o que não faltava. Quando alguns caçadores descuidados se feriam, o único atendimento médico era em Toledo no Hospital Campagnolo, todo de madeira e pintado de verde.

Ademir recorda com cara amarrada que certa vez sofreu um acidente sério quando tinha dezesseis anos. Aconteceu lá na Serraria que tinha na Linha Boiko, próxima à Toledense. Um caminhão carregado balançou e uma das toras escorregou direto na perna de Ademir. Tiveram que levá-lo às pressas até Toledo. O resultado foram nove anos andando de muleta até se recuperar completamente.

Ademir com sua muleta em apresentação do dia dos professores em 1977
Acervo: Projeto Memória e História

Além do oficio de caminhoneiro e de caçador, Ladir também abria estradas a trator. Quando, em 1975, a famosa geada negra atingiu o Paraná e matou muitas plantações de café, Ladir perambulou por muitas propriedades da região destocando os cafezais. Era uma tristeza de ver! Depois da geada muita gente foi embora de Ouro Verde desacorçoada. Ficaram na resistência algumas poucas pessoas. Alguns foram para Toledo, outros para Curitiba e outros para São Paulo, mas a maioria foi parar nos garimpos que estavam sendo abertos lá no Mato Grosso. Depois só Deus sabe. No auge da debandada, às vezes saíam sete ônibus levando pessoas indo embora em busca do sonho dourado.

Ladir Montanari no trator de esteira para abrir estradas
Acervo: Projeto Memória e História

Foi o café que deu origem ao nome Ouro Verde, pois naquela época era muito comum o seu plantio, manuseado por mãos experimentadas. A hortelã com seus alambiques coloniais também tiveram seu ciclo, curto, porém rentá-

vel, assim como o rami. Depois de um tempo entrou o algodão e hoje predominam a soja e o milho.

Quanto à água, ela era buscada em minas e poços e a roupa era lavada lá perto do Osébio Sallet. Já no que se refere ao fornecimento de energia elétrica, Lires nos conta que, algum tempo depois que a família chegou, foi instalado um motor que funcionava até às onze horas da noite, mas quando moravam na Serraria Toledense e na Linha Gozzi era apenas na base da lamparina.

Na região controlada pela Serraria Toledense, essa firma tinha seu próprio armazém para abastecer seus muitos empregados. Quem controlava o armazém eram os sócios da Serraria, os irmãos Paulo e Rovílio Siviero e o Fioravante Dorigon. Então não se fazia necessário ir até Toledo, o que era um alívio.

Em 1965, quando os Montanari se mudaram para onde hoje é a Linha Gozzi, encontraram-se com as famílias Pastore, Gozzi, Moreira e também com o Claudino Zucki, que tinha terras na região e que depois as vendeu e comprou outras lá onde hoje é a Linha João Cruz.

Na linha já tinha uma vendinha de propriedade do Antônio Gozzi. Então também não precisavam fazer compras na distante Toledo.

Nessa região tinha um campo de futebol e uma pequena Igreja. As crianças andavam até cinco quilômetros para chegar na Serraria Toledense onde tinha uma escola. Aliás, a única. Foi ali que o Ademir fez sua Primeira Comunhão e, junto com seus irmãos, estudou até o quarto ano. Na escola da Serraria, a primeira professora foi a Idavina Dorigon e na Linha Gozzi foi a Cleide Gozzi.

Na frente, a propriedade dos Montanari. Ao fundo, a propriedade de João Cruz
Acervo: Projeto Memória e História

Ao chegarem à vila de Ouro Verde constataram que já existiam muitas casas, todas feitas em madeira, a maioria de peroba. A exploração madeireira era tamanha que já existiam quatro serrarias: a do Osébio Sallet, a do Guerino, a do Nelson e outra onde hoje é a Linha Boiko.

À esquerda, caminhão dos Montanari com tora de Peroba onde hoje é a esquina da Avenida Belo Horizonte com a Rua Goiânia. À direita, caminhão dos Montanari com tora de Ipê onde hoje é a esquina da Rua Rio de Janeiro com a Rua Amazonas
Acervo: Projeto Memória e História

Na vila, o que se destacava era o jardim na frente da Igreja, bonito e com muitas flores. Certo dia houve um vendaval muito forte e acabou com o jardim para tristeza de todos. Quem ajudava a cuidar desse jardim era o padre e a comunidade.

Ademir alardeia que o único meio de comunicação a serviço da população era o alto falante que ele possuía. Com o equipamento, denominado A Voz de Ouro Verde, o jovem Montanari animava as festas do município lá pela década de 1970. Todas as tardes o serviço de alto-falante anunciava a oração da Ave Maria. Aos sábados seu equipamento de som abrilhantava animados bailes e aos domingos concorridas matinês. Vem daí que qualquer recado da cidade passava pelas mãos do Ademir, até mesmo as notas de falecimento que eram anunciadas ao som de música fúnebre. Esse meio de comunicação foi usado por ele para informar a população de 1968 até o ano de 1986.

Serviço de alto-falante A Voz de Ouro Verde que funcionou entre 1968 à 1986
Acervo: Projeto Memória e História

A voz da família Montanari ecoa até os dias de hoje através de seus descendentes que guardam na memória a luta e trabalho do casal Ladir e Lires.

FAMÍLIA TESSARO ALVES (1961)

Angelina Tessaro e João Maria Alves
Acervo: Projeto Memória e História

A madeira atraiu muitas famílias para o Oeste paranaense. Assim também foi para os Tessaro Alves que chegaram a Ouro Verde bem no finalzinho de 1961 para trabalharem na Serraria Industrial Sanga Funda.

Inicialmente João Maria Alves (*in memoriam*) e Angelina Tessaro (*in memoriam*) saíram de Campos Novos, em Santa Catarina, para trabalharem numa madeireira em Cascavel.

Angelina era uma italiana que falava apenas algumas palavras em português e só rezava em italiano. Já João Maria era uma mistura de russo com bugre quieto e sério.

Foram seis dias de viagem em cima de um caminhão de reboque com mais seis famílias, cerca de 32 pessoas. Mas não eram só pessoas que o caminhão carregava. Porcos e galinhas vinham misturados na mudança e mais dois elementos indispensáveis: cachorro e espingarda.

As histórias sobre o Paraná eram cheias de detalhes. Contavam que não podiam vir para cá sem cachorro e espingarda, pois era uma região com muitos bichos e a caça era muito apreciada, sendo abundante a quantidade de veados, queixada, cateto e paca.

Em Cascavel, se depararam com um problema. A serraria que iriam trabalhar era, na verdade, um cômodo pequeno, um verdadeiro cubículo. Tiveram que ficar seis meses morando debaixo de uma lona. Cansados da sofrida vida resolveram ir para Corvo Branco, próximo à Toledo, onde um amigo de João Maria lhe tinha arrendado seis alqueires de terra para que pudesse derrubar o mato e plantar arroz, milho e feijão. Mas não foi tão simples. No momento da colheita, João Maria descobriu que as terras onde estavam não lhe pertenciam. Foi um capataz da fazenda que havia vendido as terras para seu amigo. Os verdadei-

ros donos chegaram e avisaram que, caso não se mudassem logo dali, iriam matar a todos da família.

Assustados com a situação foram logo aprontar as malas e nem puderam colher o que haviam plantado. Partiram para Cascavel novamente, sem saber em que lugar iriam passar a noite.

A vida complicou. Não tinham o que comer, mas Evaristo e Luiz (Nenão), filhos de João Maria e Angelina, resolveram vender pinhão nas ruas de Cascavel. Em determinado momento, os jovens meninos escutaram um assobio vindo de longe. Era um homem que não reconheceram, então decidiram não dar ouvidos, pois era cidade grande, cidade muito perigosa. Mas o homem insistiu e os dois resolveram descobrir o que o tal homem desconhecido queria.

Mas na verdade o homem não era tão desconhecido assim. Ele já os conhecia de Santa Catarina. Era Fioravante Dorigon. Um grande amigo de João Maria que, de passagem por Cascavel, ofereceu trabalho para ele e sua família numa serraria perto de Toledo, a Serraria Industrial Sanga Funda.

João Maria não pensou duas vezes, juntou as trouxas e partiu para as novas terras localizadas em Ouro Verde, em 1961, levando consigo os filhos Evaristo, Luiz, Olivério, Sinval Augusto (*in memoriam*), Salete Dominga e Noela. Os mais velhos, Angelim, Clides (*in memoriam*), Maria Feliciana, Maria Gessi (*in memoriam*) e Doralino, ficaram nas terras em Santa Catarina e alguns só vieram mais tarde.

Por aqui puderam desfrutar da boa terra e da grande quantidade de pinheiro, principalmente na região onde hoje é a Linha Gozzi, local próximo à Serraria Industrial Sanga Funda, onde tinham se instalado.

Caminhão com tora de Canafístula
Acervo: Projeto Memória e História

A madeira era a paixão de João Maria, considerado um ótimo empreiteiro do mato. Madeira era fartura. Tinha peroba, marfim, cedro, ipê e palmito. Além disso, a boa terra permitia o cultivo de arroz e feijão, sendo as reservas de água

abundantes. Uma mina ficava atrás da serraria e era usada para beber, cozinhar alimentos e lavar as roupas.

Perto dali também tinha um córrego que hoje é denominado Córrego Sanga Funda. Mas o pequeno arroio secava durante o dia todo e sua água só voltava a aparecer durante a noite.

O primeiro rancho onde se instalaram ficava perto dos Montanari. Era todo de palmito, tanto as paredes quanto o coberto com as folhas. Como o local não era muito protegido, João Maria nem mesmo dormia durante a noite. O patriarca ficava acordado em volta de uma fogueira enquanto a família dormia para protegê-los dos perigos como animais ferozes que existiam nessa região. Somente quando amanhecia é que o homem tirava o seu cochilo. Mas um cochilo rápido, pois logo tinha que trabalhar.

Em aqui chegando foram recepcionados pelas famílias Dorigon, Reolon, Montanari, Carneiro, pelo Nando, pelo Tianguinho, pelo Vitor, pelo Ermínio Bivilaqua e pelo Rovílio Siviero, que era um dos donos da serraria. Alguns já eram conhecidos, outros passaram a ser amigos.

Quando alguém ficava doente a própria Serraria Industrial Sanga Funda é que levava até Toledo com o caminhão depois que construíram uma estrada. Antes da estrada, muitos acabavam morrendo sem tratamento ou, dependendo da doença, se curavam com chás caseiros.

Diante das muitas dificuldades encontradas, a união prevalecia. Era uma necessidade. Foi assim quando começaram a abrir a estrada que hoje é a PR 317, a qual liga Ouro Verde à Toledo. As pessoas se reuniam em mutirão para retirar as raízes das grandes perobas que tinham sido derrubadas, limpando o terreno.

Mas o acesso às terras encontrava grandes empecilhos, notadamente no que dizia respeito à sua documentação. Um dos muitos que acabaram pagando com a vida num dos vários conflitos pela posse da terra foi o Fermino, apelidado de Tio Mino.

Ele saiu da serraria onde trabalhava para cuidar das propriedades da família Goela, em troca de um pedaço de terra. Acontece que aquela área era muito cobiçada e se tornaram objeto de desejo dos jagunços que chegaram à região. Certa noite eles chegaram ao local com toda sua brutalidade e não pouparam a vida de Fermino, do dono da fazenda e de mais um homem que estava no local. O pobre Fermino tentou correr em desespero, mas foi atingido fatalmente quando estava tentando ultrapassar a cerca de arame farpado.

E a jagunçada andava sempre armada e não tinha piedade. Profissionais do gatilho que aterrorizavam a população. Além de invadir fazendas e matar quem entrasse em seu caminho, comandavam o famoso portão que impedia a passagem para Ouro Verde. Só conseguia passar quem tinha autorização ou da colonizadora Pinho Terra, ou da Maripá ou dos fazendeiros da Serraria Industrial Sanga Funda.

Logo que os Tessaro Alves chegaram, se depararam com o portão. Foram impedidos de passar, pois os jagunços pensavam que eles eram grileiros de terras. Mas, como vieram para trabalhar na serraria e um dos donos dela era quem estava dirigindo o caminhão da mudança, a passagem foi liberada. E assim foi até 1962 quando o portão foi retirado e facilitou a entrada das pessoas.

Até quem enfim. E não foi falta de oração porque o pessoal era muito religioso. No início do povoamento de Ouro Verde as missas eram realizadas provisoriamente na serraria. Somente uma vez por mês porque o padre tinha que se deslocar de Toledo. Também se manteve a tradição de se rezar o terço, o que ocorria nas casas. Quando houve uma forte estiagem as procissões eram integradas por dezenas de crianças. Dizem que aquela seca foi tão prolongada que o chão começou a rachar, carente de toda umidade. Muitos adultos chegaram a alardear que era o fim do mundo e com isso amedrontavam ainda mais a criançada. Essa seca ocorreu lá por 1966 e foi chamada Seca da Taquara. As pessoas mais velhas falavam que esse era o ano da miséria e o ano do rato, pois os ratos se multiplicaram de tal forma que devoravam o que viam pela frente.

Perto da capela improvisada havia uma escola onde estudavam os filhos dos trabalhadores da serraria. Eram os próprios gerentes que davam aula. Depois de um tempo quem assumiu a tarefa de bem ensinar foram as professoras Idavina Dorigon e a Terezinha, esposa do Baraque.

Aliás, a Terezinha foi muito mais que uma professora para Salete, que na época tinha oito anos. A professora tinha uma filha adotiva que Salete cuidava até mesmo dentro da sala de aula, sendo que o que não conseguia aprender na escola aprendia na casa de Terezinha. Além dos ensinamentos escolares ela aprendeu a fazer crochê e costurar em máquina com a querida professora.

Quando a serraria foi vendida e passou a ser denominada Serraria Toledense a escola mudou de endereço para o local on-

de hoje fica a Linha Sadia. Além da escolinha, a serraria possuía um armazém para que as famílias comprassem o básico. Depois de um tempo lá na Linha Gozzi surgiu o boteco do Antônio Gozzi, onde as crianças iam de a pé para comprar bala. Evaristo conta que ajudou a construir a casa do Antônio por volta de 1962.

Cansado de andar tantos quilômetros a pé, Luiz decidiu comprar sua primeira bicicleta. O dinheiro para a nova aquisição foi conseguido trabalhando para o empreiteiro João Cardoso aos sábados e domingos, derrubando mato onde hoje é a Linha Gozzi.

Lembra o Luiz que, quando ainda jovem, aproveitou a carona no caminhão de reboque do Baraque e foi até a loja do Ivo Welter, em Toledo, comprar a bicicleta dos sonhos. Todavia, recusou a carona de volta e decidiu voltar para casa de bicicleta, mesmo sem saber a arte da pedalada. Persistente, o jovem chegou em casa montado em sua magrela. Aprendeu rápido.

Era com essa bicicleta que ele ia com os amigos até Ouro Verde. E não se importava em passar pelas estradas nas noites escuras, porque havia colocado farol e sinaleiras. Tinha medo da onça e ele sabia que ela não atacaria se houvesse claridade. Contou que nunca tinha visto uma onça, mas viu suas pegadas num barreiro que ficava onde hoje é a Linha Gozzi.

Já Evaristo conta que, junto com seu pai, avistaram uma onça enquanto montavam guarda para caçar anta durante a noite. Os dois estavam em cima de uma árvore amarrados a uma corda para não se soltarem caso pegassem no sono durante a vigia. Ao escutarem um barulho na mata, Evaristo logo aprontou sua espingarda puxa fieira e João Maria tratou de mirar o revolver em direção ao som. Mas o que avistaram não era uma anta, mas uma onça. O animal era grande, cerca de dois metros comprimento. Quietos sobre o galho, os homens mal se mexiam para não chamar a atenção do bicho.

Quando a onça passou veio a dúvida: como descer para ir embora? Com muito medo que o animal voltasse e com pouca visibilidade durante a noite, eles decidiram ficar por ali mesmo e só desceram quando amanheceu.

Foi um susto, mas João Maria nunca deixou de caçar. Quando chegaram nessas terras nem mesmo sabiam como era uma anta. Certa vez, João Maria conseguiu caçar uma anta de 180 quilos ao jogar sal num barreiro no meio da mata, uma ótima armadilha. Mas ele não sabia qual animal era esse, pois

nunca tinha visto. No início ele confundiu o bicho com um burro do fazendeiro vizinho, mas um de seus amigos lhe disse que se tratava de uma anta.

Para levar o grandioso animal tiveram que buscar a junta de bois e colocar o bicho na carroça sem que percebessem que estavam carregando um animal morto para os bois não se assustarem. Depois tiraram o couro da anta, um couro muito grosso, e com sua carne fizeram charque. Todos comeram. Era como uma festa.

E foi assim que a família Tessaro Alves foi se estabelecendo em Ouro Verde, com a determinação de João Maria e Angelina. O Paraná que encontraram não é mais o mesmo que se vê hoje em dia, mas as memórias que construíram continuam presentes nessas terras.

FAMÍLIA TORQUETI (1961)

Irma e Nelson Torqueti
Acervo: Projeto Memória e História

Vivia-se o ano de 1961 quando Irma e Nelson Torqueti chegaram a Ouro Verde. Ele, vindo de Londrina, já havia vindo no meio do ano e estava estabelecido no lugar. Ela chegou ao final daquele mesmo ano, após longa viagem que teve como ponto de partida o município de Campos Novos, Estado de Santa Catarina.

Vem daí que a primeira festa em Ouro Verde aconteceu na frente da pequena Igreja de madeira e foi ali que Irma e Nelson se conheceram. Após um namoro que durou seis meses eles se casaram e foram morar numa chácara.

Irma relembra que a dita igreja, que ficava no mesmo lugar da atual, era muito pequenina, chegava a ser engraçadinha. Ela nunca tinha visto uma igreja daquele tipo porque onde morava o templo religioso era muito maior. Ali, em destaque, podia se ver, soberana, a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Valdecir, Vanderlei, Ângela e Vladimir
Acervo: Projeto Memória e História

Frutos do casal, Valdecir e Vanderlei nasceram ali mesmo na chácara, Ângela nasceu em Terra Boa-PR após Irma passar uma breve temporada fora da pequena vila e Vladimir nasceu em Toledo.

Com o passar das semanas ela foi se entrosando com a vizinhança e suas primeiras amigas foram a Mercedes Picini, a Laura Borges, a Araci Borges, a Erica Sallet e a Iracele Souto. Mas

outras pessoas também tiveram presença marcante em sua vida. Mulheres como a Dona Benvinda, que era uma ótima tocadora de sanfona e também o irmão da Mercedes, Milton, que tocava violão nas festas da vila. Havia também o senhor Augusto, apelidado de *Picadeiro*, que era quem abria os lotes e ajudava a medir as terras adquiridas pelos colonos. Tinha também a Dona Amabília Cruz, que benzia as pessoas que tinham lombriga e até mesmo as que estavam com o famigerado mal olhado.

O temível portão é lembrado por Irma como algo terrível. Lembra que era uma dificuldade para qualquer um passar com a mudança porque tudo tinha que ter documento, autorização. Quem assumia pelo patrimônio era o João Batista e o Antônio Fava. Diz ela que eles não tinham comprado nada nessas terras, apenas a grilaram. A autoridade sobre o portão vinha de Curitiba e era a esposa de Oton, um jagunço, quem proibia a entrada quando ele não estava. Irma sorri quando lembra o dia em que o caminhão do Osébio Sallet transportou o portão arrancado pelos colonos e o levou até a vila, sendo a madeira usada para fazer as traves do primeiro campo de futebol da comunidade de Ouro Verde. O caminhão chegando e todos em cima da carroceria gritando de alegria. Ficou na memória a imagem de toda aquela colonada em cima do caminhão, gritando, festejando. Uma libertação!

O campo de futebol ficava do lado da pequena Igreja, do lado onde hoje fica o Salão Paroquial. Era um campo bem grande, sem árvore alguma.

Para a alegria das crianças e diversão geral, o circo volta e meia passava por Ouro Verde com sua trupe e se alojava ali no campo de futebol. Junto com o circo vinham cantores que animavam o pessoal e abrilhantavam o espetáculo, dentre eles o Miltinho Rodrigues e Valdecir. Irma faz questão de contar que quando a família foi assisti-los o Nelson, seu marido, disse que o filho, batizado de Valdecir, era uma homenagem ao cantor e, assim, não lhes cobraram a entrada. Bons tempos aqueles.

Irma se admirava, pois nunca havia morado num lugar onde tinha tanta gente diferente, pessoas simples, de todos os lugares, muitas vindas do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de São Paulo, entre outros.

Ela também recorda com carinho muito especial das primeiras professoras que lecionaram em Ouro Verde, dentre elas a Mercedes, a Maria e a Leni Vagner.

Nelson (sentado) e amigos após secagem do café no terreiro do sítio da Família Torqueti
Acervo: Projeto Memória e História

Uma das primeiras atividades que os colonos se dedicaram foi o cultivo de café, que era muito apreciado na região. Mas não ficava só no café, também se plantava milho, feijão e soja. Irma afirma que não era fácil o serviço na roça porque ninguém tinha equipamento agrícola moderno. Trator, colheitadeira, nem pensar! Era tudo baseado no trabalho manual. Então era carpir o dia inteiro e plantar manualmente.

No dia a dia não se podia contar com energia elétrica e a água usada pela família vinha da mina do córrego que hoje é chamado Córrego Mandaguari. Já a carne de porco, por exemplo, era guardada, depois de frita, numa lata de banha para conservar.

O colchão que Irma dormia era de palha de milho feito por sua sogra, Maria Torqueti, e as cobertas eram de lã de ovelha.

Não havia médico, mas tinha o farmacêutico Carlinhos (Carlos Riechel), que salvou a vida de muita gente, inclusive a de Vanderlei, que era muito doente. No caso de surgir alguma emergência, os únicos carros disponíveis eram um jipe DKW do sogro de Irma, Luiz Torqueti, e o caminhão do Osébio Sallet. Esse mesmo caminhão ia uma vez por semana levar as pessoas para fazer compras em Toledo. Com o tempo, vendo a dificuldade do acesso até Toledo, a própria população tomou a iniciativa e ajudou a abrir a estrada que se tem hoje, melhorada é claro. Nelson e seu irmão, Antônio Torqueti, ajudaram nessa empreitada.

Jipe DKW de Luiz Torqueti
Acervo: Projeto Memória e História

Irma lembra que, na época, São Sebastião, hoje distrito, era maior que Ouro Verde. Tinha de tudo, tinha igreja, mercado, loja de roupa, farmácia, posto de gasolina e até máquina de arroz. O casario era simples, mas muito bonito. Acontece que as pessoas começaram a se mudar, os filhos começaram a estudar em outras cidades e todos foram indo embora.

Ficaram tão somente as lembranças daqueles bons, mas difíceis dias.

Irma sentada na Serraria Toledense no dia do noivado com Nelson
Acervo: Projeto Memória e História

Folia de Reis em Ouro Verde. Nelson, o terceiro da esquerda para a direita
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA BOEHM (1962)

Os irmãos José Arlindo, Ana Darcilda, Armandio e Maria Melânia
Acervo: Projeto Memória e História

Foram seis longos e cansativos dias de viagem de caminhão até Ouro Verde. Foi o Paulo quem trouxe a Ana Darcilda Boehm, sua mãe Tereza Rodhem Boehm e seus irmãos José Arlindo e Maria Melânia.

A família migrou para o Oeste do Paraná deixando para trás o Distrito de Santa Inês, Município de São Luiz Gonzaga, lá no Rio Grande do Sul. Para botar o pé na estrada foram incentivados pelo Osébio Sallet.

Osébio e seus irmãos eram donos de uma serraria em São Luiz Gonzaga. Ela era movida a carvão ou a lenha, mas certo dia acabou pegando fogo. À procura de novas terras, a família Boehm ficou sabendo de Ouro Verde por intermédio de Osébio, que sobrevoou a área de avião em companhia de seu sogro, o pai de Erica Sallet. Conversa vai conversa vem e a matriarca dona Tereza decidiu-se pela compra de terras em Ouro Verde. Queria partir para um novo ambiente com seus filhos. Ansiava por uma nova vida em terras paranaenses. E foi o que fez, assim como tantos outros migrantes que empenhavam suas economias na aventura da mudança. Na carroceria dos caminhões que cortavam as terras oestinas, além de uns poucos objetos de uso pes-

soal, de alguns móveis e ferramentas, também vinha a esperança do recomeço.

No longo caminho até Ouro Verde, a família Boehm teve que cozinhar na estrada. Todo mundo assim o fazia. Restaurante nem pensar. Não tinha. Quando acampavam, o cardápio era composto basicamente de arroz, feijão, linguiça, pão e pedaços de carne que eram mantidos, depois de fritos, em uma grande lata com banha de porco. Era só retirar a carne da lata e esquentar, facilitando o serviço. Era assim que se fazia.

Ana Darcilda Boehm
Acervo: Projeto Memória e História

A família Boehm desembarcou em Ouro Verde em 1962. Ana estava com vinte e quatro anos.

Quando chegaram encontraram as famílias do Osébio, do José Miguel, do João Cruz, do Antônio Azarias, do José Eleutério, do José Moraes, do Rudolfo Kleinübing, do Joaquim Borges dos Reis e do farmacêutico Carlinhos (Carlos Riechel). Algum tempo depois vieram os Bortolussi, a Izabel Gomes, o Gustavo Mendes e o José Borges que na época estava em Porto Alegre se tratando do pulmão, mas sua mulher e seus filhos estavam em Ouro Verde.

O filho mais velho de Tereza, Armandio Boehm, inicialmente recusou-se a vir para Ouro Verde, mas em agosto do ano de 1962 apareceu de surpresa. Trazia consigo tão somente a roupa do corpo. Conta Ana que naqueles anos era costume guardar as roupas dos finados em baús, então ela pegava as roupas de seu falecido pai para que Armandio vestisse. Certo dia, Ana e José Arlindo foram a pé para Toledo comprar roupas para Armandio. O trajeto era de vinte e oito quilômetros!

E muitas outras caminhadas foram feitas até que chegou o João da Kombi (João Leonardi). Um avanço e tanto! Era ele quem levava as pessoas para Toledo. Isso quando não chovia! A família Boehm não tinha uma Kombi, mas era proprietária de uma carroça, a única da cidade e que foi batizada pelos moradores de Jardineira. A dita Jardineira tinha um toldo que protegia as pessoas da chuva e do sol e era puxada por uma parelha de

burros. Animais teimosos e imprevisíveis que apenas Ana e José Arlindo conseguiam lidar. Quando empacavam, haja paciência!

A primeira casa dos Boehm ficava na vila e por ali ficaram por cerca de dois anos até que fosse construída sua moradia, localizada na propriedade que haviam adquirido. Era uma casa toda de madeira, com o assoalho de pinho e as paredes de cedro. Casa simples, mas feita com capricho.

Documento de propriedade era coisa séria e foi o Joãozinho Batista quem incentivou a família a fazer a escritura das terras para que não corresse nenhum risco das mesmas serem perdidas no futuro. A situação fundiária da região era marcada pela insegurança e muitos crimes foram cometidos na luta pela posse da terra. Cada morador que comprou terras em Ouro Verde era orientado pelo Joãozinho para fazer os documentos. E não foi fácil para os Boehm, pois foram necessários seis anos de economia para que a escritura fosse paga!

A propriedade que a família Boehm adquiriu tinha muito mato e apenas um pequeno pedaço de terra apto ao plantio. E olha que só era possível semear ali uns três quilos de arroz! O restante da propriedade era roça e fumo bravo que foi cortado com machado.

Ana lembra que, mesmo com todo o mato existente, não era comum avistar muitos animais pela região, mas havia muitas cobras na redondeza da propriedade, principalmente cascavéis. Ouviam-se histórias sobre encontros ou avistamentos de onças, mas a família nunca viu.

José Arlindo arando a terra
Acervo: Projeto Memória e História

Os Boehm sempre estiveram envolvidos com o cultivo da roça. Esse era o meio de subsistência para os colonos que estavam se fixando em Ouro Verde. Assim sendo, suas primeiras atividades foram voltadas para a criação de porcos e para a agricultura, onde o principal produto era o feijão.

Ana conta que o indispensável feijão era cultura melindrosa e dependia de tempo bom. O excesso de chuva fazia-o apodrecer ou brotar. A vagem colhida liberava seu precioso grão negro depois de ter sido surrada no

cambão. Após, os grãos eram separados por qualidade e acondicionados em bolsas de sessenta quilogramas.

Essa pequena produção agrícola era fundamental para a arrecadação de algum dinheiro e manutenção da família numa época em que o comércio era inexpressivo. Na vila de Ouro Verde os moradores somente podiam contar com o armazém de secos e molhados comandado pelo José Souto. Tempos duros. Caso alguém precisasse de algo como fósforo, por exemplo, apenas conseguia comprar uma caixa porque o José não possuía estoque e não podia deixar ninguém na mão. Quando terminava o estoque, ele ia para Toledo comprar mais para revender. Afinal de contas dinheiro era mercadoria rara.

Conta-nos Ana que a família emprestou cinco sacos de farinha de trigo que havia trazido do Rio Grande do Sul para o José Souto. Para ter a farinha de volta os Boehm se sujeitaram a receber a cada mês um quilo, pois havia muitas pessoas e se cada um quisesse um pouco não iria sobrar. A dificuldade era geral. O açúcar era comprado apenas por meio quilo. Todo mundo precisava e queria, mas o José Souto não tinha dinheiro pra comprar quantidades maiores e fazer estoque.

Algum tempo após a chegada da família Boehm, foi construído e inaugurado um pequeno hotel, comandado por Joaquim. Nele as pessoas eram tratadas à base de palmito, mesmo porque era muito difícil o abastecimento regular de alimentos variados, pois o interessado em vendê-los obrigava-se a se deslocar até Toledo.

Nos primeiros anos de moradia em Ouro Verde havia uma pequena igreja e a realização das missas aos domingos era avisada pelo Carlinhos e pelo José Borges, que passavam comunicando o evento religioso em todas as casas da vila. Não se esqueciam de ninguém. Como a igreja era muito pequena os fiéis se acomodavam mais do lado de fora do que dentro. Apenas depois de algum tempo foi erguida uma igreja maior, também em madeira, viabilizada com o dinheiro arrecadado em uma concorrida festa do apostolado.

A segunda Igreja de Ouro Verde
Acervo: Projeto Memória e História

Por falar nas festas da Igreja Católica, elas eram realizadas debaixo de uma grande lona. Sua sombra era o palco onde era servido o churrasco e também onde os casais dançavam sobre o chão duro, ritmados pelas músicas de um afinado sanfoneiro. Momentos alegres que atraiam a atenção de todos.

Animal sendo preparado para a festa da Igreja
Acervo: Projeto Memória e História

Ana também relembra que primeira professora foi a Lurdes Gozzi, que lecionava em uma casa de moradia improvisada como sala de aula. As crianças entravam na escola no ano em que completavam sete anos e quando faziam dez tinham que sair para dar lugar a outros.

Momentos de alegria e momentos de tristeza são lembrados por Ana. Mas, independente da emoção que transmitem, esses momentos fizeram parte da história dessas terras, hoje o município de Ouro Verde do Oeste.

FAMÍLIA CRUZ (1962)

João Batista da Cruz e Amabília da Conceição Nunes (sentados) com os filhos
Acervo: Projeto Memória e História

A família Cruz, de origem portuguesa, era bem grande. João Batista da Cruz (*in memoriam*) e sua esposa Amabília da Conceição Nunes (*in memoriam*) contavam com a ajuda dos filhos João Nunes da Cruz, Manoel Nunes da Cruz (*in memoriam*), Conceição Aparecida da Cruz (*in memoriam*), Wilson Nunes da Cruz (*in memoriam*), Luzia Nunes da Costa, Terezinha Nunes José, Daniel Nunes da Cruz (*in memoriam*), Antônio Nunes da Cruz (*in memoriam*), José Benedito da Cruz, Pedro Ramos da Cruz, Fernando Nunes da Cruz, Maria Olímpia Contezini e Terezinha Luci da Cruz.

A mudança chegou em 16 de outubro de 1963 com o casal e os filhos Daniel, Antônio, José, Pedro, Fernando, Maria e Terezinha, mas alguns filhos já tinha vindo para as terras de Ouro Verde em 1962. Vieram com o propósito de contratar a abertura e limpeza das picadas que dariam acesso à sua propriedade. Queriam também fazer os primeiros plantios e formar o pasto para o gado que queriam introduzir mais tarde. Além disso, construíram a casa na pequena vila para a chegada da família no próximo ano.

Construção da casa de João Cruz na vila de Ouro Verde
(onde hoje fica a Câmara Municipal)
Acervo: Projeto Memória e História

No Norte do Paraná, em Centenário do Sul, a família Cruz se dedicava ao cultivo do café, mas traziam consigo uma enorme vontade de criar gado.

Preocupado com a saúde da mãe, José não queria vir para Ouro Verde, mas seus irmãos Antônio e Pedro tinham se encantado com as terras quando as visitaram meses antes. Além do mais, os dois gostavam de caçar e caça era o que não faltava!

Como o Antônio e o Pedro insistiam e persistiam em se mudar, a família decidiu migrar para Ouro Verde, fixando-se na vila e trabalhando diariamente na atual Linha João Cruz, nome que foi dado posteriormente em homenagem ao patriarca.

José traz na lembrança que foi através de um corretor lá mesmo de Bela Vista do Paraíso que João Cruz conheceu as terras aonde iriam se instalar. O tal corretor levou seu pai para diversos lugares, mas foi em Ouro Verde que João ficou encantado. Todo lugar que visitava havia sapé, samambaia ou coqueiro, plantas que ele não queria, pois entendia que onde elas existiam era porque as terras não eram tão boas. Mas em Ouro Verde era diferente, pois havia muita madeira de lei e terras melhores. E isso foi decisivo.

Foi quase um dia de viagem de Toledo até Ouro Verde, quando trouxeram telhas para cobrir sua casa. Quando chegaram, a ponte da Serraria Toledense estava caída. Então abriram uma estrada por dentro, por onde passou o caminhão com as

telhas. O maior perigo foi passar por uma ponte improvisada sobre o Rio São Francisco. Era uma espécie de pinguela feita com paus finos, sem reforço algum, e que balançava muito em razão do peso do caminhão e sua preciosa carga de telhas.

José Cruz lembra ainda que na hora do almoço realizaram a refeição na pensão do Joaquim Borges dos Reis para mais tarde descarregar o caminhão. Afinal ninguém é de ferro!

Não tiveram dificuldades na passagem, mesmo porque tinham a escritura das terras e, alguns dias depois, o portão foi arrancado.

Esse portão não era bem um portão. Quem o montou colocou uma tora grande parafusada entre as madeiras como num pedágio. Mas ao contrario do pedágio comum que se abre para cima, a tora era empurrada para o lado possibilitando dessa maneira a passagem de pessoas e veículos. Quem cuidava do portão era um morador que tinha lá por perto que impedia a grilagem dessas terras.

Muitas vezes os moradores tinham que esperar meia hora ou até quarenta minutos para que a passagem fosse liberada. José e Pedro contam que se tivesse a documentação das terras a passagem era tranquila. Mas a revista era cuidadosa, pois mesmo quando trabalhadores volantes vinham de pau de arara para trabalhar, os guardas paravam o caminhão e reviravam tudo de cima abaixo.

Quando a família adentrou na atual Linha João Cruz apenas as terras dos Janning e dos Figueiredo estavam abertas. O restante era mato que, com o passar dos dias, foi sendo aberto pela família.

José nos diz que muitos colonos que chegavam encontravam abrigo seguro nas terras da família e pasto fértil para as imprescindíveis cabeças de gado que vinham com a mudança. Tinha época que havia até seis barraquinhas feitas de vara e cobertas com colonião abrigando provisoriamente as famílias que chegavam até que suas terras fossem abertas. Para compensar a gentileza, os novos moradores ajudavam a família Cruz na derrubada do mato para a abertura de novas áreas para plantio e pasto.

Segundo Pedro, quando vieram para Ouro Verde predominava a vontade pela posse da terra. João Cruz queria mais, até porque a família era muito grande. Ele queria um lugar com bastante terra para poder caçar, uma atividade que gostava muito.

Por aqui, muitas pessoas vinham para se dedicar ao cultivo de café. E foi essa planta que originou o nome de Ouro Verde.

Mas quando a geada chegou, em meados da década de 1970, as pessoas desanimaram.

Logo que a família Cruz chegou, o primeiro a recebê-los foi o José Moraes. Ele foi uma espécie de braço direito do João Cruz e sempre o socorria quando precisava.

Quando de sua chegada a Ouro Verde, era uma época de muita chuva e José até pensou em ir embora porque aquele aguaceiro parecia que não teria mais fim. Um dilúvio! Mas teimou, fez o possível e o impossível, encarando as estradas que ficavam praticamente intransitáveis, para permanecer e começar uma nova vida. No final de contas acabou vencendo.

Tempos depois foi construído um grande rancho para abrigar as pessoas que os Cruz trouxeram do Norte do Paraná para trabalhar em suas terras. Rancho que também serviu para que outras pessoas pudessem morar temporariamente até conseguir uma nova moradia.

Pedro lembra que seu pai, João Cruz, matava entre três e quatro porcos e dividia-os com seus amigos e vizinhos. Um costume trazido do Norte do Paraná. Era assim que viviam, repartindo, porque quando os outros abatiam seus animais também lhes mandavam uma parte.

A criação de porcos se concentrava na vila até um mangueirão apropriado ser construído no sítio.

João Cruz deu a ordem aos filhos Pedro e Antônio e ao genro Pedro José, para levar os porcos. Já era quase noite quando os irmãos guardaram os animais no sítio e estavam retornando para a vila. Com muito medo do ataque de alguma onça, eles carregavam uma garrucha na cintura e recolhiam palha de milho e palha de coqueiro para fazer fogo, pois já estava quase escuro e ainda faltavam alguns quilômetros até a casa. A maneira foi acender as palhas que, quando pegavam fogo, os irmãos corriam até apagar. Quando o fogo apagava, acendiam novamente. E assim foi até chegarem à vila.

José se orgulha em dizer que em cada lugar que seu pai passava deixava sua marca registrada: uma reserva ambiental. E em Ouro Verde não foi diferente. Nessa reserva não existe uma área que não tenha palmital. Tudo ainda preservado por José que até recebe visitas monitoradas das escolas municipais e estaduais. Nesses espaços preservados também há grande quantidade de ipê roxo, um jequitibazeiro que precisa de três pessoas para abraçar e, bem abaixo dele, a melhor moita de palmital.

Nas estradas de antigamente quem conseguia transitar era somente o carroção de quatro rodas que pertencia aos Janning. Muitas vezes eles iam até Toledo com o carroção e passavam na casa de João Cruz, na vila, para verificar se ele estava precisando de alguma coisa. Geralmente eles traziam sal, açúcar e farinha, em sacos de cinquenta quilos.

Os anos foram passando e o João Cruz já não trabalhava mais devido à idade, mas quando um dos filhos não podia levar o leite para casa era ele mesmo quem saía a pé e buscava. Apesar da idade avançada, João permanecia um cerne, tanto que pescava durante um dia todo e voltava tarde pra casa todo satisfeito, sem cara de cansaço. Muitas vezes, preocupado com o pai que demorava em voltar para casa, algum dos filhos pegava a charrete e ia buscá-lo. E não foi nem uma nem duas vezes!

Amabília e João Cruz
Acervo: Projeto Memória e História

Mesmo passando por dificuldades de saúde, Amabília conseguia atender muitas pessoas. Naqueles anos pioneiros era difícil o atendimento médico, então tudo era na base do benzimento e do remédio caseiro. Remédios que ela mesma fazia. Muitos chegavam com as crianças chorando e ela benzia. No outro dia a pessoa chegava ao terreiro da casa da família com aquela criança brincando. Dava gosto de ver!

Os remédios caseiros mais procurados e usados eram o poejo, a hortelã, a arruda, a losna e a própria romã, quando o caso era de cólica braba. Destaque para a erva cidreira, que servia como calmante.

Quando a família Cruz chegou a Ouro Verde alguns intransigentes queriam até proibi-la de ir à Igreja por causa dos benzimentos da Amabília. Não conseguiram, pois era uma coisa que ela fazia por prazer, um dom. E tem mais! Ela era o tipo de pessoa que quando alguém chegava reclamando, dizendo que estava faltando alguma coisa em casa, não voltava com as mãos vazias. Ajudava no que podia, principalmente aqueles que não tinham

nem o que comer. Diante de tamanha bondade todos da família e da comunidade passaram a admirá-la.

João e Amabília com os filhos e os netos
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA GOZZI (1962)

Família Gozzi. Da esquerda para a direita: João, Osvaldo, José, Lurdes, Aurora, Vicente, Ana, Luiz e Antônio. Sentados, Maria Belotti Gozzi e Ângelo Gozzi
Acervo: Projeto Memória e História

Vindos de Ribeirão Vermelho, Distrito de Rolândia, no Paraná, Ângelo Gozzi e Maria Belotti Gozzi chegaram a Ouro Verde com os filhos Vicente, Antônio, Aurora, José, Osvaldo, Luiz, João, Ana e Lurdes. A família, italiana de origem, dedicava-se integralmente ao cultivo de café e decidiu migrar para Ouro Verde com a ideia de continuar nesse ramo.

Vicente, Antônio e Luiz vieram em 1961 com o pai Ângelo para olhar de perto as terras antes de comprar. Não dizem que o seguro morreu de velho? Viram que a terra era boa, que a mata era boa, então resolveram fechar negócio. Dias depois o dinheiro estava nas mãos de João Batista, proprietário, que morava em Londrina. Mas o que aconteceu em seguida pegou-os completamente de surpresa. É que quando vieram com a mudança o sítio estava marcado diferente, num lugar mais baixo, o que inviabilizava o plantio do café. E não adiantou nada reclamar ou resmungar, pois já tinham assinado o contrato e pago pela terra.

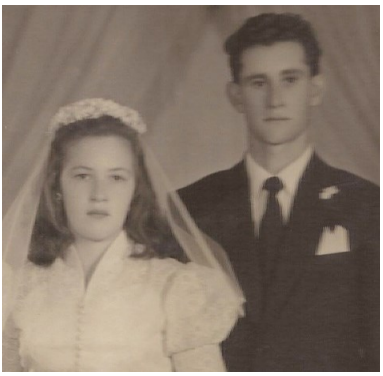
Tinha mais. Antes dos Gozzi arrumarem as malas com destino ao Oeste do Paraná, a região foi atingida em cheio por uma geada arrasadora. Uma catástrofe! Vem daí que o sonho em plantar café se desvaneceu de uma vez, do dia para a noite. Terra baixa e café realmente não combinam. O Geraldo Pastore, marido de Aurora, até tentou, mas as mudas fincadas ao solo não resistiram ao frio. Uma pena.

Como não dava café ou voltar atrás, a família pegou firme na enxada e passou a apostar no cultivo do feijão e do milho. Tentaram até inovar com o plantio do arroz. Nada feito. Veio a seca e foi-se o arroz. Assim como tantos naqueles tempos de vacas magras, os Gozzi tiveram que apertar o cinto ao máximo. Vem daí que a polenta e o palmito passaram a ser a base das refeições durante um bom tempo.

Na dieta familiar constava também a carne de frango e a de porco. O consumo da carne de gado já era bem mais difícil nos primeiros anos, pois a mesma só era obtida em Toledo. E quanto à carne de caça? Essa também não era muito comum, pelo menos para os Gozzi, embora todo o bicharedo existente.

Nos primeiros dias após sua mudança para o sítio, os Gozzi encontraram rastros de onça pelo caminho, mas não avistaram o temido felino. O que mais avistavam era cateto, o porco do mato, um animal muito perigoso. Também tinha muita paca, anta, cobra, bugio e muitas aves tais como a arapongas, a maritaca, a tiriva e o tucano.

Antônio e sua esposa Nair
Acervo: Projeto Memória e História



Vicente e sua esposa Therezinha
Acervo: Projeto Memória e História

E quanto à viagem da família até Ouro Verde, como foi?

De Rolândia até Maringá a estrada era asfaltada. Um luxo. De Maringá para frente as estradas eram de chão, esburacadas, perigosas, ainda mais caso chovesse.

Antônio e sua esposa Nair chegaram em junho de 1962 com os filhos. Nesse período, o Rudolfo Kleinübing estava construindo a casa para a família e João Cardoso estava derrubando o mato para que os primeiros plantios pudessem ser realizados.

Os outros irmãos de Antônio foram chegando aos poucos em 1963. Nesse mesmo ano também chegaram os patriarcas Ângelo e Maria. O Vicente e sua esposa Therezinha foram morar direto no sítio,

acomodando-se na primeira casa construída por ali.

Mas existiam vantagens para aqueles que escolhessem Ouro Verde para morar. Os primeiros cem que comprassem uma área de terra ganhavam um lote na vila.

O patriarca da família, antecipando a herança em vida, comprou cinco alqueires de terra para cada um dos filhos e fez até as casas. Cada filho trouxe mercadorias que puderam se aguentar por um tempo. Eram sacos com sessenta quilos de farinha, sal, açúcar, quatro ou cinco latas de banha e sacos de sabão.

Num primeiro momento a água, para as necessidades da família, provinha de uma mina que nascia nas terras dos Melo. Depois de um tempo, Vicente furou um poço e também descobriu uma nova mina, essa bem pertinho de sua casa.

Todas as crianças da família, em torno de onze ou doze, estudaram na Serraria Toledense. Para chegar à escola improvisada os alunos tinham que cruzar a fazenda do Casemiro. Mas, como era perigoso ficarem passando pela fazenda por causa dos bois soltos, os Gozzi decidiram recorrer ao prefeito de Toledo, na época o Campagnolo, para que ele construísse uma escola na Linha que moravam. Deixemos que o Antônio Gozzi nos conte como foi sua luta para conseguir a escola em 1965.

> *Eles iam estudar lá na Toledense. Eu sei que era onze ou doze* [crianças]. *Aí pra ir pra lá tinha que passar no campo do Casemiro. O boi quase pegou o Zé Luiz no meio do mato. Aí naquele tempo era o Campagnolo o prefeito de Toledo. Falei pra ele, ele coçou a cabeça, e disse que era difícil fazer a escola pra nós e professora. Mas eu falei que professora nós tem. Aí ele falou que era difícil arrumar carpinteiro, aí eu falei que carpinteiro eu tenho também. Naquele tempo era difícil mesmo. Aí ele pegou, deu a requisição, deu autorização pra pegar madeira. Quando trouxeram madeira, nem dez dias tinha a escola pronta, todo mundo ajudava um pouco. Aí a Cleide* [Gozzi] *começou a dar aula.*

A pequena escola da Linha Gozzi chegou a ter até 115 alunos divididos em três períodos diurnos. Era muita criança! As professoras que lecionaram ficaram entre a família: Cleide, sua filha Sueli, e Lurdes Gozzi.

Certa vez o Jair Moreira chegou atrasado e o professor da época, Teodomiro que estava substituindo Cleide, não o deixou entrar na sala de aula. Ele voltou para casa para trabalhar, e durante seu ofício, uma cobra, num bote certeiro, lhe picou.

Médico era complicado, só mesmo em Toledo. Ali funcionavam os hospitais Campagnolo e Dall'Oglio. Já a primeira farmácia em Ouro Verde tinha como atendente o Senhor Carlinhos (Carlos Riechel). Mas o pouco que ele sabia ajudou muito a população. Fosse qual fosse à doença ninguém saía de sua farmácia sem remédio, ele ajudava a todos.

João Gozzi recebendo diploma primário de Lurdes Gozzi
Acervo: Projeto Memória e História

O Antônio foi um dos homens que participaram da retirada do portão lá na Sanga Funda. Foi Osébio Sallet que o chamou. O vigia do portão, Oton, tinha se tornado amigo da família porque eram vizinhos. Mesmo com medo, muitos da vila partiram para a retirada do portão. Foram no caminhão do Osébio. Deram um basta! Tiraram o portão, mas todos foram parar na delegacia de Toledo. No final das contas ninguém foi preso. Deu tudo certo e o portão nunca mais voltou a ser erguido.

O Antônio conta que serrou muita tora com o Osébio, que era dono de uma serraria, a primeira de Ouro Verde. Antônio fazia de tudo um pouco, inclusive cuidou de um estabelecimento no sítio onde moravam, que vendia de tudo. Lembra que havia muita gente armada, pois era até comum na época. Gente mal intencionada, perigosa. Vem daí que quando esse pessoal chegava no bar tratava logo de se desarmar e deixar o revólver ou a faca debaixo do balcão para recolher na saída.

São muitas histórias desde o início da família Gozzi em Ouro Verde. Muita história pra contar que permanece na memória de seus descendentes.

Primeira comunhão em Ouro Verde na escola
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA HOFFMANN (1962)

Eulália e Afonso Hoffmann
Acervo: Projeto Memória e História

Afonso (*in memoriam*) e Eulália Hoffmann (*in memoriam*) chegaram a Ouro Verde com os quatro filhos: Ivone Ilda, Diva Maria, Luiz José e Rosane Terezinha. Em Ouro Verde o casal teve mais um filho: Paulo Roque.

Diva tinha treze anos quando chegou ao Oeste paranaense em 1962, sendo que em Ouro Verde já estavam assentadas algumas famílias. Tinha a do José Eleutério, a do Jocondo Dal Pozzo, a do Joaquim Borges dos Reis, a da Mercedes Picini, a da Irma e Nelson Torqueti que moravam no sítio, do José Moraes, do Zico Mineiro, do Vicente, do Gregório, dos Janning, entre outros, além de alguns parentes que logo foram embora.

Filhos Ivone, Diva, Luiz, Rosane e Paulo
Acervo: Projeto Memória e História

Afonso, de origem alemã, e Eulália, de origem italiana, vieram do distrito de Santa Inês, município de São Luiz Gonzaga, no Rio Grande do Sul.

De acordo com Diva, seus pais vieram para Ouro Verde motivados pela esperança de dias melhores, na ânsia de prosperarem em novas terras. O tio de Diva, Osébio Sallet, era jovem e, juntamente com seu pai, eram sócios em uma modesta serraria. Então tiveram a ideia de sair de Santa Inês para continuar com o mesmo ramo em outro ambiente.

O fato é que o Osébio desejava muito deixar Santa Inês, mesmo porque onde moravam muitos já haviam se disposto a

mudar para o Oeste paranaense. No início era para se fixarem em Tupãssi, mas Osébio não gostou do lugar. Chegando a Toledo ele conheceu o corretor João Batista que lhe apresentou as terras em Ouro Verde. Diva conta que pouca coisa sabe sobre as compras das terras. Naquele tempo, de acordo com seu depoimento, crianças da idade dela, principalmente meninas, ficavam de fora de tais comentários. As mulheres não podiam participar de certos assuntos e então não ficavam sabendo.

Foram três dias de viagem, saindo em uma segunda-feira de madrugada e chegando numa quarta-feira. O percurso foi completado com dificuldade porque não tinha asfalto e as estradas eram precárias para se rodar com o caminhão. E olha que tiveram sorte por não terem enfrentado chuva durante a viagem.

Na mudança trouxeram os móveis, porcos, uma bezerra e quarenta galinhas.

Logo na chegada um problemão. A mudança da família e a máquina a vapor que compunha a serraria acabaram ficando presos junto ao portão montado para impedir a passagem dos colonos para Ouro Verde. Situação que somente foi resolvida após o famigerado portão ter sido arrancado pela colonada em justa revolta.

O dia em que tiraram o portão foi de muita tensão para a família, pois muitas pessoas participaram do ato, inclusive Afonso e Osébio. Todos ficaram apreensivos, pois não sabiam se iriam voltar ou não. Diva recorda que a família tinha pernoitado no portão e que tinham visto duas pessoas armadas montando guarda, mas não sabiam se tinha mais gente. As mulheres mais velhas ficaram morrendo de medo porque os maridos se obrigaram a tomar providências drásticas. Receavam que algo mais sério acontecesse e elas ficarem ao desamparo, sozinhas com os filhos pequenos.

A serraria tocada a vapor foi a primeira no local. Com o passar do tempo Afonso saiu da serraria e começou o ofício de agricultor, trabalhando na roça por muito tempo, sendo que os negócios da serraria ficaram aos cuidados do cunhado de Afonso, o Osébio.

Diva relembra que era muito mato para poucas casas na época em que chegou em Ouro Verde. A própria avenida, hoje Avenida Belo Horizonte, era praticamente um rasgo de terra.

Plantação de hortelã após 1965 onde hoje é a Linha Maripá
Acervo: Projeto Memória e História

Na época, vivia-se a febre do cultivo da hortelã. Em Ouro Verde até mesmo alambique existia, pequeno e estava localizado num lugar chamado "Rua da Lona". A família não conhecia a hortelã e por isso todos ficaram admirados como se cortava a planta, como se fervia e como se extraía o óleo.

Eles também passaram a conhecer comidas que não conheciam no Rio Grande do Sul, tais como o quiabo e o jiló, que sequer tinham ideia que existiam. Além disso, aprenderam a mexer com milho, com um pouco de dificuldade porque só sabiam comer milho cozido ou picadinho.

Diva nos conta que sua mãe Eulália sempre repreendia os filhos porque haviam adquirido o costume de pegar o prato e comer em outro local. Para ela era obrigatório sentar à mesa para tomar o café da manhã, para almoçar e para jantar. Achava escandaloso quando saíam com o prato, porque no horário das refeições tinham que comer juntos à mesa e, caso alguém estivesse dormindo, tinha que levantar porque era o horário de comer e não podia ficar dormindo.

A primeira festa da Igreja havia acontecido alguns dias antes da família chegar na vila de Ouro Verde. Foi um casamento. Depois só se realizavam festas religiosas, tais como as de Santo Antônio e de São João, oportunidades solenes em que acendiam a fogueira e rezavam o terço.

Todos participavam das festas e das rezas. Fazia-se temporada de seca e as pessoas se reuniam pra rezar para que as chuvas chegassem, era o costume na época. Quanto aos bailes eles eram aguardados com ansiedade geral. Começavam às 20h e terminavam às 23h30min, iluminados pela luz de lampiões a querosene espalhados pelo salão, sendo o repertório musical abrilhantado ao som de sanfonas e violões. E músico bom era o que não faltava!

A mãe de Diva, Eulália, foi durante muitos anos a parteira e a enfermeira da comunidade. Saía para atender a gestante qualquer hora da noite que fosse. Às vezes eram pessoas que ela nem conhecia, mas ela dizia que sempre que saía era muito bem re-

cebida. Antes de se casar com Afonso, Eulália trabalhou em um hospital de Cerro Largo, no Rio Grande do Sul, e por isso aprendeu o ofício com os médicos. Depois que se casou foi morar em um lugar pequeno e sempre trabalhou com isso.

Quem tinha dinheiro ia ao médico, mas quem não tinha tomava chás ou recebia benzimentos caseiros. Muitas crianças passaram pelas mãos competentes e seguras de Eulália. Também muitas mulheres levavam seus filhos na casa dela, muitas vezes por causa de sarampo ou outras enfermidades. Pela sua importante ação comunitária, Eulália foi convidada para ser madrinha de mais de uma dezena de crianças.

Diva já tinha estudado o antigo quinto ano primário e quando a família chegou a Ouro Verde não havia aula para ela, a não ser em Toledo. Acontece que, como a maioria dos colonos, eles eram pobres e então era muito difícil. Não tinha como ela ir a Toledo para estudar e voltar todo dia. Os pais também não tinham como pagar para ela ficar estudando e morando em Toledo. Então, a exemplo de tantas outras crianças, teve que interromper seus estudos.

Eulália relata que o padroeiro da Igreja de Ouro Verde era para ser São Sebastião. Inclusive o Batista, um dos donos da gleba, comprou uma estatueta do santo e queria colocá-la na capela. Acontece que a comunidade decidiu que a padroeira seria Nossa Senhora Aparecida. Assim foi.

A memória da família Hoffmann está presente em seus descendentes, mas também nas muitas pessoas que passaram pelas mãos experientes de Eulália, uma mulher que ajudou muitos e que ficou na história de Ouro Verde.

Carteira de Trabalho de Eulália que exercia função de Parteira Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA KLEINÜBING (1962)

Rudolfo Frederico Kleinübing e Alzira Maria Lunkes
Acervo: Projeto Memória e História

A primeira vez que Rudolfo Frederico Kleinübing (*in memoriam*) veio a Ouro Verde foi no fim de 1961. Ele já conhecia Dez de Maio, pois Tereza, irmã de sua esposa Alzira Maria Lunkes (*in memoriam*), morava lá desde 1958.

Esse descendente de alemães residia no distrito de Santa Inês, município de São Luiz Gonzaga, no Rio Grande do Sul. Em São Luiz Gonzaga, Rudolfo trabalhava como um hábil marceneiro e carpinteiro. Também se encarregava da construção de casas de madeira e material junto com seu cunhado Bruno.

Quando o Osébio Sallet veio vasculhar o Paraná para escolher um lugar para colocar sua serraria, foi parar em Toledo. Naquela cidade alguém lhe deu a dica sobre Ouro Verde. Essa pessoa era o filho de um dos donos da gleba e gerente da firma, o senhor João Batista Filho. A gleba pertencia a João Batista e Antônio Fava. Foi através do Osébio, que morava na mesma região dos Kleinübing, que Rudolfo descobriu Ouro Verde.

Há muito tempo Rudolfo tinha vontade de conhecer o Paraná, embora tenha se fixado temporariamente em São Borja, Rio Grande do Sul, para construir duas casas e uma Igreja. Depois desse tempo ele voltou para casa até o momento que o Osébio lhe chamou para montar a serraria em Ouro Verde. Em 1962, no dia 19 de março, aqui chegou. Não trouxe a mudança, pois a família ainda estava

Casa dos Kleinübing em 1968
Acervo: Projeto Memória e História

em São Luiz Gonzaga.

Rudolfo ficou quase um ano morando com Osébio e sua esposa Maria Erica Sallet enquanto sua família permanecia no Rio Grande do Sul. Nesse tempo ele ajudou o Osébio a montar a serraria e construiu sua própria casa. Era norma da colonizadora que quem comprasse um terreno ganhava outro, o que era um atraente incentivo para as famílias se mudarem para o Oeste paranaense.

Era tarde da noite e o Osébio foi até a casa do João Batista e combinou a passagem de sua mudança pelo portão. Somente assim os guardas liberavam, fato que não ocorria normalmente já que sem a prévia combinação com os donos da firma muitas mudanças tiveram que desviar-se para outras localidades ou esperar até que a passagem pelo portão fosse autorizada.

Rudolfo relata que o portão estava ali porque em São Pedro do Iguaçu havia duas famílias, os Atovan e os Canaro, que viviam brigando entre si por uma grande gleba coberta de pinheiros. Acontece que para vir de Toledo a São Pedro o caminho era o mesmo do que o usado no trecho Toledo a Ouro Verde. Então, com o intuito de proibir essa passagem, o portão foi colocado na bifurcação da estrada. Não era por causa das terras localizadas em Ouro Verde, mas sim pelas de São Pedro.

O dia em que Eulália Hoffmann chegou, Rudolfo e outras pessoas foram buscar a vaca, os porcos e as galinhas que ela havia trazido junto com a mudança. O Eliseu, sogro do João Batista, disse-lhe para falar com o José Souto para arrumar pessoal munido com foice, machado, enxadão e traçadeira para fazer um desvio para a passagem da mudança. Acontece que o José Souto pensou e decidiu que por ser dia de Santo Antônio não iria trabalhar para nenhum jagunço e decidiu que o portão seria arrancado.

Partiram com um caminhão. Ao todo eram cerca de vinte e seis homens. Lá chegando, o João Barbosa perguntou se poderia passar a mudança, mas os guardiões do portão não permitiram e então ele disse que passaria assim mesmo. Dito e feito, o portão foi arrancado e colocado no caminhão, sendo o toco maior jogado no córrego. Chegando na vila a alegria era grande.

Mas, três dias depois foram chamados à delegacia de Toledo. Dizia-se na época que quem tinha arrancado o portão era o José Souto e o Eliseu. Então reuniram todas as pessoas da vila e levaram a maior quantidade possível com o ônibus, chamado de "Gerarda", e com o caminhão do Osébio. Em Toledo o capitão de

polícia, um japonês, ficou assustado com tanta gente e disse não acreditar que todos tivessem arrancado o portão, o que confirmaram sem vacilar.

Diante disso, o capitão não pôde cumprir a promessa de abrir inquérito, mas pediu a todos para que controlassem a situação; conselho que não aceitaram e partiram para Cascavel. Chegando lá questionaram o coronel sobre o porquê de Ouro Verde constar no mapa, serem a terras legais e ter uma porteira impedindo o acesso daqueles que desejavam se fixar na região. O coronel então ligou para Curitiba e de lá recebeu a determinação que o portão deixaria de existir.

Para trazer sua esposa Alzira Maria Lunkes e os filhos foram seis dias de viagem. Na viagem, quando estava anoitecendo o Rudolfo tratava logo de montar os petrechos e iluminar o local com lamparina. Enquanto isso, Alzira mexia nas panelas, cozinhando arroz e fritando linguiça. Preparava a comida não só para eles, mas também para o motorista e para os demais passageiros que vinham no caminhão. O fato é que viajavam num aperto só. Cansados, esparramavam colchões pelo chão e adormeciam exaustos.

Da esquerda para a direita, os filhos Maria de Lurdes, Ana, Celso e Joana
Acervo: Projeto Memória e História

Além da mudança, o caminhão carregava porcos de raça a pedido do amigo Jocondo Dal Pozzo. As pessoas recebiam os novos moradores muito bem. Precisamente no dia 23 de setembro de 1962 a família Kleinübing, composta pelo casal Rudolfo e Alzira, juntamente com os filhos Joana, Celso, Ana e Maria de Lurdes se reuniram finalmente em Ouro Verde.

Os Kleinübing, os Sallet e muitas outras famílias vieram para Ouro Verde e região atraídos pela quantidade e variedade da madeira existente. Foram recompensados pelas boas reservas de peroba, cedro, marfim, ipê e cabriúva - que o povo do norte chama de óleo pardo.

Também havia muito palmito, a mistura base para todas as refeições. O palmito era apelidado de macarrão tomba. Joana

nos conta que antes do almoço ou da janta ela ia buscar palmito para misturar com a comida. Imagine só, palmito cortado na hora e fresquinho. Tinha tanto que até enjoava! Mas que não se enganem, pois já naquela época o palmito tinha valor comercial. Tanto que a região era constantemente acossada por palmiteiros.

Por aqui havia umas oito casas, na maioria pequenos ranchos. Casa mesmo era a do Joaquim Paulista. Moravam na vila o José Pedro Souto, o Joaquim Borges dos Reis, o José Eleutério, o Jocondo Dal Pozzo, o José Moraes, entre outros.

O primeiro transporte foi o jipe DKW do Antônio Torqueti, depois o caminhão do Osébio, logo em seguida a "Gerarda" e por fim a Kombi do João Leonardi.

Rudolfo também nos conta que a primeira pessoa enterrada no cemitério foi um peão chamado Ataíde. Ele foi fazer uma derrubada na Fazenda 2 Pês. Fazia-se acompanhar de outros peões que o mataram. Quando encontraram seu corpo dias depois, o enterraram no meio da rua. Conta-se que mais tarde uma mulher fez a promessa que se seu filho sarasse ela mandaria desenterrar o Ataíde e o levaria para o cemitério. Promessa cumprida.

Naquela época a estrada que ia de Ouro Verde até Toledo tinha por volta de vinte e oito quilômetros e passava por onde hoje é a Linha IRiedi.

Marcenaria do Rudolfo
Acervo: Projeto Memória e História

Em Ouro Verde, Rudolfo logo se destacou junto à comunidade, pois foi o primeiro marceneiro, o primeiro sapateiro, o primeiro fotógrafo e para alegria de todos o primeiro gaiteiro.

Celso relembra que, logo após a família ter chegado, o pouco dinheiro que haviam trazido acabou. A sorte é que se preveniram e trouxeram uma boa quantidade de madeira beneficiada e com ela o Rudolfo começou a montar cadeiras e mesas para ganhar algum extra. Algumas vezes ele fazia permutas, trocando seus móveis por madeira que era retirada do mato.

A Joana e o Celso ajudavam o pai a serrar as madeiras. Para tanto faziam uso de um traçador. De um lado o pai, do outro os filhos. Já as toras maiores eram beneficiadas na serraria do Osébio. Como o único marceneiro disponível, o Rudolfo era o encarregado de fazer até mesmo os caixões mortuários.

Rudolfo também se destacava por ser homem de muitos predicados, sempre preparado a dar mostras de sua criatividade. Exemplo disso é que recepcionava as visitas que iam à noite até sua casa com lâmpadas acesas pela energia elétrica fornecida por uma simples bateria do rádio. É claro que as tradicionais lamparinas e aladins ficavam sempre de plantão, por segurança.

Rudolfo não tinha maiores estudos, frequentara a escola apenas até o segundo ano do primário. Fato é que ele era prático, criativo, inventivo. Artesão de mão cheia, fabricava sanfona, móveis, engrenagens e violão. Aliás, ele também tocava qualquer tipo de música sem mesmo conhecer o nome das notas musicais. Até mesmo com uma folha de laranjeira dobrada ele conseguia fazer música com a boca!

Os Kleinübing ajudavam a igreja no que podiam. A arrecadação dos brindes para as festas era o Rudolfo quem puxava. Não ficava por aí, pois o jogo do aviãozinho, da roleta, do bolãozinho e a casinha dos prêmios ganhavam forma por conta de suas hábeis mãos. A esposa Alzira era quem fazia os bolos, as tortas e as cucas nessas festas. Todos os doces ficavam por conta dela e a comunidade se deliciava com suas invenções na cozinha.

Primeira missa campal em frente à Igreja
Acervo: Projeto Memória e História

Nos fundos, o primeiro barracão de festas em 15 de outubro de 1963
Acervo: Projeto Memória e História

À direita, a primeira Igreja de Ouro Verde; à esquerda, a segunda Igreja em construção
Acervo: Projeto Memória e História

Logo que a família chegou, a primeira igrejinha católica já estava construída, além da escolinha com suas duas salas de aula.

Em 1962, a escola funcionava atendendo duas turmas de alunos. Os do primeiro e segundo ano estudavam na mesma sala no horário das oito às onze horas e os do terceiro e quarto ano das quatorze às dezessete horas. No sábado todas as turmas se reuniam e tinham aulas de religião. E ai daquele que faltasse!

Apenas uma sala era utilizada para dar aula e entre as duas havia uma área onde o Celso e os demais piás se reuniam para jogar búlica. Já a outra sala servia como abrigo para as famílias que estavam chegando. Aquele povaréu todo vinha montado em pau de arara e a mudança era toda despejada na escola. Muitas vezes tinha três ou até quatro famílias morando lá dentro!

Quando tinha baile toda a família ia junto para se divertir. Joana recorda que nessas ocasiões a bebida servida era o guaraná e que era grande a animação quando passavam com a garrafinha de guaraná com uma rosa dentro. Era sinal de que era hora do leilão para a prenda do baile. Lá pela meia noite alguém passava com um litro de Cinzano e servia um copinho para cada um.

O baile era iluminado por lamparinas penduradas em volta da sala. Elas ali esfumaçando pra todo canto. Fumaça negra. Como se não bastasse, para piorar a qualidade do ar no local, se espalhava fubá no chão para deslizarem na dança. Mesmo as-

sim, tudo era muito simples e divertido. Depois chegou a Benvinda com sua sanfona de 120 baixos. A partir de então ela e o Rudolfo alternavam-se na sanfona. Enquanto ela tocava, o Rudolfo arrastava o pé com a esposa.

Na conhecida "Rua da Lona" também aconteciam bailes, que eram chamados de bailes de barraca porque o Osvaldo fincava alguns paus e colocava uma lona por cima. No chão se espalhava serragem. E era tal do pó subindo e a turma dançando a noite toda.

Quando pequeno, o Celso trabalhou como garçom no bar do Augusto Picadeiro, conhecidíssimo topógrafo que mediu a maioria das terras na região de Ouro Verde. Quanto ao bar, que tinha uma tábua e pé de caibo que serviam de balcão, a cerveja ficava armazenada embaixo do assoalho. Ali, naquela espécie de porão, ela ficava mais fresquinha, mesmo porque não tinha energia elétrica.

Para comer carne o negócio era ir para mato e caçar. Então o pessoal se armava com espingarda e descia até onde é hoje o cemitério municipal. Os alvos preferidos eram o jacu e a jacutinga e, quando tinham sorte, abatiam animais de maior porte como era o caso do veado e da anta.

A solidariedade era palavra de ordem entre aquela gente sofrida. Vem daí que quando alguém matava um porco a primeira coisa a fazer era dar um pedaço para os vizinhos, mesmo porque eles também repartiam quando tinham.

Nos sábados, o Rudolfo saía com os Janning para caçar anta. O Celso lembra que o pai carregava um quarto de anta nas costas por uns bons seis quilômetros.

Coisa boa mesmo é melância docinha! E os Janning tinham uma grande plantação de melância. Em algumas colheitas eles convidavam a cidade inteira. E não precisava convidar duas vezes. Subia todo mundo no caminhão do Osébio e quando chegavam se deparavam com uma montanha de melância.

Divertimento eram os circos, uma atração garantida que animava a população com seus palhaços e espetáculos. Os Kleinübing não perdiam um show, principalmente quando o primeiro circo armou sua tenda em Ouro Verde por volta de 1968. Era o Circo do Juquinha. Era a coisa mais simples do mundo, mas mesmo assim uma grande diversão.

Do lado da Igreja tinha o campo de futebol e a vila se reunia para assistir os jogos. Tinha até torcida, que gritava e incentivava os craques do lugar.

Primeiro time de futebol de Ouro Verde
Acervo: Projeto Memória e História

O avô do Celso, Antônio Emílio Kleinübing, tinha o sonho que seu neto fosse músico e por isso lhe deu uma gaita antes da família mudar para Ouro Verde. Com a gaita na mão ele e seus irmãos subiam no telhado da casa e ali tinham quase uma orquestra musical ao som da gaita e das panelas que levavam escondidas da mãe. No romantismo que é próprio da juventude declamavam versos até de madrugada, olhando apaixonados para uma lua cor de prata.

Primeiro campo de futebol ao lado da Igreja
Acervo: Projeto Memória e História

A atual Avenida Belo Horizonte foi palco para muitas brincadeiras das crianças da vila, que aproveitavam a descida para montar um escorregador. Com o dom de inventor, Rudolfo construiu um jipe de madeira para o Celso. Certa vez Celso e seu amigo Luiz, filho do Afonso Hoffmann, decidiram conduzir o jipe pela descida da rua, mas o brinquedo começou a embalar tanto que acabaram capotando em uma valeta. Ficaram lá um tempão, de cabeça para baixo e ninguém aparecia para tirá-los de lá.

Segundo campo de futebol em frente onde hoje fica o Centro de Convivência do Idoso
Acervo: Projeto Memória e História

Certa vez Joana ficou com muita dor de dente, daquelas de tirar o sono. A boca já estava toda cozida pela quantidade de

pinga que colocavam para anestesiar o local da dor. Como a dor não passava, Rudolfo aproveitou a carona do Osébio que iria até Toledo e levou a Joana para arrancar o dolorido dente. Depois de alguns anos chegou o Carlinhos (Carlos Riechel) que foi o primeiro farmacêutico.

Carlinhos cuidava muito bem dos pacientes necessitados. Às vezes ele ia até a casa da família quando um dos filhos ficava doente e era recebido com muito agrado e chimarrão. Só ia embora quando o doente melhorasse. Quando chegou à vila, ele morou na salinha da escola e sempre carregava seus medicamentos.

As vacinas eram apenas aquelas de campanha. O pessoal de fora trazia para as crianças um caderninho e um lápis, presente que as deixava todas faceiras. Mas Celso não gostou quando lançaram aquela vacina de pistola e tiveram que lhe segurar para poder tomar.

São muitas histórias que os Kleinübing carregam na memória. Histórias de perseverança e de luta. Uma história que foi construída com a ajuda da engenhosidade e de toda a criatividade de Rudolfo.

Igreja Santa Inês na atual Linha Santa Maria (altar feito por Rudolfo)
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA MONTANHA (1962)

Da esquerda para a direita: Narcelina, Elisa, Olga, Valmir e Hercílio no interior da segunda Igreja
Acervo: Projeto Memória e História

Em 1962, ano em que completou trinta anos, Narcelina Aurora Montanha chegou à Toledo acompanhando seu marido Hercílio Montanha (*in memoriam*). Com eles vieram também os dois filhos do casal, Olga e Valdir. Os filhos Valmir e Elisa nasceram aqui.

Durante essa permanência em Toledo, a família começou a desbravar as terras que haviam adquirido em Ouro Verde com o objetivo de dar início ao plantio de café, que era a atividade que se dedicavam antes de se mudarem para o Paraná.

O ponto de partida foi a cidade de Santa Fé, localizada no Norte do Paraná. Permaneceram em Toledo por cerca de dois anos para depois se mudarem em definitivo para Ouro Verde, em 1964.

Valdir e Olga
Acervo: Projeto Memória e História

Narcelina lembra que foi através de seu padrinho João Batista, um dos corretores da gleba, do Antônio Fava e do Geraldo Barbosa que as terras em Ouro Verde foram apresentadas para a família.

Na época, a família, de descendência italiana, imaginava que o ambiente a ser encontrado no Oeste paranaense era semelhante àquele que estavam acostumados no Norte do Paraná, mas para seu desapontamento o que viram foi bem diferente. Narcelina conta com uma pontinha de pesar que aqui em Ouro Verde o mato tinha muito cipó e

que era difícil avistar animais no local que se alojaram. De vez em quando, não sempre, eles viam alguns jacus e bandos de urus. Outra coisa que lhe chamou a atenção foi o fato que em sua propriedade quase também não tinha mais cedro ou outras madeiras de porte em razão dos mesmos já terem sido muito explorados nos anos anteriores. Conta-nos ainda que o pouco palmito nativo que existia estava sendo retirado à margem da lei.

Narcelina lembra que aproveitava para visitar a vila aos domingos, principalmente quando das festas da Igreja. Esses eram momentos em que toda a comunidade se reunia e compartilhava sonhos e experiências.

E o portão famoso? Diz-nos que passava pelo local com o coração cheio de medo, mesmo porque diante do portão, dando-lhe guarda, sempre havia alguém cheio de pose segurando uma espingarda e com ares de intimidação. A primeira vez que Hercílio veio para Ouro Verde deu de cara com o portão. Com medo de não poder passar, ele comprou uma casa em Toledo como reserva caso não pudesse entrar na terra que havia adquirido.

Tempos difíceis aqueles. Tempos de agitação agrária. Embora apoiasse, Hercílio não acompanhou o pessoal que, revoltado, foi arrancar o portão. Ele não foi, mas muitos homens da vila seguiram o João Cardoso na tarefa de botar o portão abaixo. Foi só depois desse acontecimento marcante para a história de Ouro Verde que Hercílio e Narcelina trouxeram a mudança de Toledo para o sítio. Após construir a casa, perfurou o poço e um tempo depois instalou uma bomba para recolher a água e guardar em uma caixa.

Acostumados como estavam com os lides do café ao chegar a Ouro Verde, a família Montanha pôs-se a plantá-lo de imediato. As sementes, de ótima qualidade, eles trouxeram com todo cuidado desde Santa Fé. Narcelina põe na conta da memória que o café que colhiam era o mais lindo e o melhor da redondeza, mas duas vezes a geada o queimou. Daí foi desanimando.

O café era colhido por Hercílio, Narcelina e por um parceiro. Adotaram o que era chamado de contrato de parceria, tão comum no cenário agrícola brasileiro desde meados do século XIX. A família repassava um pedaço de terras para esse parceiro que cuidava e colhia a parte a ele destinada. Então juntava seu produto com a produção da família e o total colhido era comercializado conjuntamente.

Narcelina recorda que embora a produção fosse até razoável os compradores de café vinham de longe em razão de não existir torrefadeira em Toledo e região.

Colheita de café no sítio da Família Montanha
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Torqueti)

Além do café, eles também se dedicavam à pecuária. Muitas vezes o açougueiro Zé Paraíba precisava de carne para abastecer seu açougue e recorria aos Montanha, nem que fosse para comprar um bezerro. Vem daí que o Hercílio vendia para ele repor a carne em seu estabelecimento.

As primeiras pessoas com que fizeram amizade foram os vizinhos José Ancelmo, Sebastião Virgílio e o Vicente Emídio de Almeida. Na vila de Ouro Verde tinha a Dona Libra, a Dona Ana e o Zé Moraes. Também tinha os Taraczuk que já estavam aqui.

Era comum as pessoas se visitarem, além do que vizinhos eram os parentes mais próximos. Eles iam até o sítio de Hercílio e Narcelina para passear, buscar fruta, comer requeijão e tomar café. Isso deixava todos felizes.

Um fato que também alegrou a todos foi a chegada dos missionários na pequena e primeira igreja de Ouro Verde. Após passar o dia todo trabalhando na roça Hercílio e Narcelina juntavam os filhos e iam até a Igreja à noite e quando havia palestra de dia eles largavam o serviço e iam assistir. As primeiras Missões foram um grande ensinamento até mesmo para as crianças que naquele tempo já frequentavam a escola.

A aquisição de mantimentos diversos era bem complicada naquele alvorecer de Ouro Verde. Existia tão somente o caminhão do Osébio Sallet que aproveitava a viagem para levar trigo e milho para moer em Toledo. Narcelina conta que depois de um tempo tinha um ônibus, um cacareco bem velho, que era o falecido cunhado Umberto (Berto) que dirigia. Depois chegou a Kombi do João Leonardi, que foi muito melhor e que levava até os doentes.

A vida não era muito fácil, mas a luta foi sendo vencida com muito trabalho. Nessa época, o café foi o ouro cor verde que atraiu muitas pessoas para seu cultivo no Oeste paranaense. E foi assim com os Montanha.

Narcelina Aurora Montanha
Acervo: Projeto Memória e História

Criação de animais da Família
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA RANULFO DE SOUZA (1962)

João Ranulfo de Souza e Dorcelina Maria de Jesus e filhos
José Januário de Souza e Maria Pedro do Nascimento
Acervo: Projeto Memória e História

Foi no dia 20 de janeiro de 1962 que o casal João Ranulfo de Souza e Dorcelina Maria de Jesus deixaram para trás o Município de Califórnia, no Norte do Paraná, com destino a Ouro Verde. O José Eleutério, que era vizinho da família, tinha vindo algum tempo antes. Fato é que ele gostou das terras daqui e comentou com João, que se interessou e decidiu visitar o local juntamente com seu filho mais velho José Januário de Souza. Na oportunidade ficaram hospedados na pensão do Joaquim Borges dos Reis, parada quase que obrigatória para os interessados na compra de terras em Ouro Verde. Foi o José Borges, filho de Joaquim, quem os convidou para vir morar no Oeste do Paraná.

Decisão tomada, o negócio foi arrumar as malas e acertar os últimos detalhes para a mudança definitiva. Sendo assim, os cinco alqueires que eram dedicados à plantação de café em Califórnia foram vendidos por quinhentos cruzeiros e o carro com dois bois acrescentou mais cem cruzeiros.

Foram três dias de viagem sacolejando num caminhão. Era buraco em cima de buraco! Na caravana vieram também os filhos José Januário de Souza e sua esposa Maria Laurindo de Souza, Maria Pedro do Nascimento e seu esposo Raimundo Ro-

drigues dos Reis com a filha Geralda, e Antônio Ranufo de Souza.

José Januário de Souza com 18 anos e seu irmão Antônio Ranufo de Souza Acervo: Projeto Memória e História

O caminhão com a mudança da família estacionou na metade da rua onde hoje é a Avenida Belo Horizonte porque o restante do lugar ainda não havia sido aberto. Na direção para onde hoje fica o Centro Cultural não tinha nada derrubado. Era o começo de tudo. Os troncos eram retirados em regime de mutirão. Os mais jovens cavavam ao redor do tronco e os adultos tiravam a madeira, amontoavam e colocavam fogo para assar pinhão e batatas.

Como tantos e tantos, quando aqui chegaram deram de cara com um portão todo acorrentado que impedia a passagem para Ouro Verde. Só conseguiram passar quando os proprietários da terra que haviam comprado vieram e autorizaram sua entrada.

Em Ouro Verde encontraram o Zé Souto, que morava onde hoje é a esquina da Avenida Belo Horizonte com a Rua Cuiabá. Também o Zé Borges, que tinha um pequeno armazém de secos e molhados e que foi vendido para o Zé Moraes e que depois passou pelas mãos de muitos outros donos. Quem também já estava instalado era o Jocondo Dal Pozzo e tinha a Serraria do Osébio Sallet, que estava sendo montada para funcionar no final da atual Avenida Belo Horizonte. Na pequena vila, havia tão somente nove casas, dentre casas comerciais e moradias. Na zona rural os primeiros moradores que a família Ranulfo de Souza encontrou foram o Vicente Emídio de Almeida, o José Ancelmo (Ziquinho) e os Virgílio. No restante era tudo mato.

Ao lado de onde hoje é a Casa Paroquial na Rua Amazonas ficava a escola municipal, que ainda estava em construção quando a família Ranulfo de Souza chegou. A mudança foi descarregada nessa escola que ainda nem tinha assoalho e nem acabamentos. Era apenas coberta e com algumas tábuas colocadas ao redor. Depois de somente dois dias em Ouro Verde,

João Ranulfo comprou uma casa do Joaquim Carvalho. Casa de quatro cômodos, adquirida por trinta cruzeiros.

Em sua propriedade, os Ranulfo de Souza plantavam milho, feijão e arroz. No início somente para o consumo familiar em razão da falta de mercado consumidor.

Morada de José Januário de Souza e esposa Maria Laurindo de Souza
Acervo: Projeto Memória e História

Tendo se fixado em sua propriedade, a família teve como prioridade a construção de sua casa. A derrubada do mato para a plantação das primeiras roças era feita concomitantemente. Assim, logo após derrubarem o mato da cabeceira do sítio, deram início à plantação de café.

Em Ouro Verde, quem beneficiava toda a madeira para as casas que iam sendo erguidas era o Osébio Sallet, proprietário da primeira serraria. O problema para quem chegava à vila era que não havia muita escolha de espaço, pois era puro mato. Mato e bicho!

João Ranulfo utilizava um córrego próximo ao sítio, hoje Córrego Comprido, para limpar o arroz em um monjolo e era Dorcelina que pilava o milho para fazer farinha.

Antônio lamenta até hoje a derrubada de uma peroba no sítio. A maior árvore que havia visto e que chegava a ter uns trinta metros de altura e mais de dois metros de topo. Nenhuma serraria pegou a madeira devido ao tamanho avantajado. Antônio lembra que naquela época era assim, o próprio Governo pagava para desmatar, era o "progresso", diziam.

Mais ou menos nessa época João, Dorcelina e Maria Laurindo adoeceram e era Antônio, que chegou a Ouro Verde aos doze anos, o responsável por cuidar da casa, fazer comida e lavar a roupa. E ele teve que sair da escola para cumprir com as obrigações. Nessa escola, onde estudou por dois anos, ele se lembra da professora Maria de Lurdes, mulher do Sebastiãozinho.

Quando alguém ficava doente era necessário ter um dinheiro sobrando, pois tudo era pago. Além disso, era necessário ir a Toledo, até o hospital Campagnolo e Dall'Oglio. João Ranulfo foi

tratado no Dall'Oglio quando adoeceu, sendo o jipe do João Baiano que fazia o trajeto até Toledo para atender o povo daqui.

O caminho de Toledo até Ouro Verde era diferente daquele que existe atualmente. Quem chegasse até a pequena vila tinha que voltar a Toledo, pois os rios Santa Quitéria e São Francisco impediam a passagem para outros cantos. O caminho era muitas vezes percorrido a pé porque não tinha outro meio de transporte. O pessoal saía cedo e voltava apenas de noite.

Quando a chuva era prolongada o pequeno armazém local começava a ficar sem mercadorias. Era complicado pegar emprestado do vizinho, pois o mesmo poderia acabar ficando sem também. O jeito era comer quirerinha de milho, que era o alimento mais usado, principalmente em épocas de seca quando não se encontrava arroz.

A diversão preferida eram os bailes feitos pela vizinhança e que eram animados pelo Sebastião Taborda. Os vizinhos se juntavam e era uma festa só. Arrasta pé com direito a gaita, violão, pandeiro e uma sanfoninha velha. E se dançava no chão batido mesmo! Depois de um tempo apareceu o Senhor José, cunhado do João Cardoso, que era cego de um olho. Então era ele quem animava as festas com sua sanfona.

Conversa vem conversa vai e o Antônio lembra claramente do dia em que perdeu um dedo de sua mão esquerda. Era 21 de junho de 1965, uma segunda-feira, às seis horas da tarde. Após terminar o trabalho de quebrar milho na cabeceira do sítio, ele desceu por um carreador dentro da mata. Foi quando se deparou com um bando de jacu, animal que nunca tinha visto. Preparou a espingarda e com dois tiros matou dois! Fato é que a caça ainda não eram suficiente para toda a família e, mais que depressa, começou a carregar a arma novamente. Foi então que, num descuido, a espingarda explodiu em sua mão e levou seu dedo da mão esquerda.

Na região de Ouro Verde animais eram o que não faltava. Anta, queixada, porco do mato, cateto, paca, cutia, tatu e veado, só para ficarmos em alguns exemplares. A onça era muito comentada, mas Antônio nunca viu. Ele mesmo ficava com dó de matar esses animais e caçava apenas aves como o jacu e o inhambu guaçu, além das perigosas cobras. Algumas vezes eram mortas seis cobras num dia só! Perigosíssimas como a urutu e a cascavel.

Antônio também gostava muito de pescar e vem à memória uma seca que iniciou em novembro de 1963. Durou nove meses.

O próprio Rio São Francisco podia ser cruzado a pé em qualquer lugar, pois a água estava muito rasa e em determinados locais havia apenas poças. Na pequena vila de Ouro Verde apenas duas minas de água não secaram. Uma ficava na chamada “Rua da Lona” e outra no atual Córrego Mandaguari. Maria Laurindo lembra que a água era buscada em uma mina próxima e no sítio onde a família morava era encontrada em um córrego.

Para estudar, a única filha do casal José e Maria Laurindo, Neuza Laurindo de Souza, tinha que ir a pé do sítio da família até a vila. Ônibus escolar naquele tempo nem pensar! Sendo assim, ela estudou somente até o quarto ano. Foi pouco, mas foi o bastante, mesmo porque sabendo ler e escrever ajudava a vizinha, que não sabia, a tomar conhecimento das notícias de fora que vinham pelas cartas dos parentes.

Neuza Laurindo de Souza com 4 anos
Acervo: Projeto Memória e História

Os doze alqueires que compraram foram pagos em prestações ao Geraldo Barbosa. Como negócio é negócio, era necessário pagar as prestações, mas não estava sendo fácil conseguir o dinheiro que estava faltando. Então os doze alqueires, objeto da primeira compra, foram trocados por outros doze onde hoje fica a Linha Brandão, através de uma permuta com o Senhor Antônio Rodrigues e o dinheiro que sobrou da permuta deu certinho para pagar a dívida restante com o Geraldo Barbosa.

Em meados de 1965, João Ranulfo faleceu. Cinco anos depois, Antônio vendeu o sítio, casou-se pela primeira vez e se mudou para Curitiba onde permaneceu por trinta anos. De volta a Ouro Verde, ele se alegra por morar aqui e conta que pretende findar sua vida neste pedacinho de chão. É como Antônio sempre diz: "*valeu a pena viver até hoje*".

FAMÍLIA SALLET (1962)

Maria Erica e Osébio Sallet no dia do casamento em 1958
Acervo: Projeto Memória e História

Maria Erica e Osébio Sallet
Acervo: Projeto Memória e História

Faz tempo! Foi no agora longínquo 19 de março de 1962 que a família Sallet chegou a Ouro Verde depois de amargar longa e penosa viagem que se estendeu por seis dias. Como a maioria dos demais migrantes que se fixaram no Oeste paranaense, o casal Osébio (*in memoriam*) e Maria Erica veio embarcado em um caminhão que era refém das precárias condições das estradas e caminhos. Estavam embarcados no mesmo caminhão a família de Onofre Hamersk.

Por aqui a primeira moradia foi produto das circunstâncias. Nada mais, nada menos do que uma lona estendida sobre colchões. Foi necessário, mesmo porque o portão de entrada, famoso, era guardado por seguranças armados, que impediam a passagem de pessoas ou quaisquer materiais de construção.

O amparo encontrado veio de João Barbosa, lá de Londrina. Seu filho tinha um escritório em Toledo e auxiliou a permanência dos Sallet em Ouro Verde. Apenas dezoito dias depois, a família se mudou para uma pequena casa e instalou uma modesta serraria.

Vindo de São Luiz Gonzaga, no Rio Grande do Sul, Osébio Sallet já havia visitado Ouro Verde em novembro de 1961. A ideia era comprar um pedaço de terra e instalar uma serraria. Contudo Ouro Verde não foi sua primeira opção. Num primeiro mo-

mento Osébio visitou Assis Chateaubriand[11], mas teve medo do portão que também havia no local na época. Em Toledo, ele foi ao encontro da Colonizadora Maripá que lhe apresentou as terras de Ouro Verde. Olhou, gostou e acabou por comprar dois alqueires para instalar a tão sonhada serraria.

Serraria de Osébio Sallet na atual Rua Presidente Vargas no final da Avenida Belo Horizonte Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

As ferramentas e alguns maquinários essenciais para o início do funcionamento da serraria já tinham sido instalados quando o portão ainda não fora colocado, mas a máquina a vapor tão necessária ficou encostada em Toledo até o momento em que a colonada derrubou o portão, dando acesso pleno à região litigiosa.

Chegada do segundo vapor da Serraria de Osébio Sallet Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

[11] A colonização moderna de Assis Chateaubriand teve início em 1958 quando a Colonizadora Norte do Paraná começou a lotear a região Vale do Piquiri. No dia 15 de dezembro de 1960, o pequeno povoado que pertencia ao Município de Guaíra passou a pertencer a Toledo, sendo denominado "Distrito de Tupãssi", que em Tupi Guarani significa "Mãe de Deus". O distrito de Tupãssi foi desmembrado de Toledo através da Lei nº 5.389, quando foi criado o Município de Assis Chateaubriand, em 20 de agosto de 1966 (Fonte: Prefeitura Municipal de Assis Chateaubriand).

Colonos migrantes de diversas regiões do país vinham para Ouro Verde e Osébio Sallet ajudava na passagem pelo portão. Muitas vezes, até mesmo de madrugada, seu caminhão fazia a passagem escondida de famílias e mudanças. Foi o que ocorreu com Bernardino Janning, um alfaiate. Osébio colocou sua mudança no fundo do caminhão e a cobriu com maravalha para enganar os guardas. A passagem ficou complicada quando eles perceberam as pernas de uma mesa saltando pela maravalha. No final deu tudo certo, mas foi um sufoco! Erica nos conta que foi assim que muitas mudanças conseguiram passar.

Para os primeiros moradores de Ouro Verde a aquisição regular de alimentos era prioritária, mas ao mesmo tempo era tarefa complicada já que os mesmos somente podiam ser adquiridos em Toledo. Lugar mais perto não havia. Vem daí que, previdentes como eram e não sabendo se poderiam encontrar suprimentos na região, muitas famílias traziam o que podiam na mudança. Assim, os caminhões vinham também abarrotados com carne de boi frita e mergulhada na banha, carne de porco, feijão, banha, arroz, charque, farinha, dentre outros. Não dava para arriscar.

Para os Sallet aqueles foram tempos complicados. Na vida doméstica quase não se podia contar com nenhuma comodidade. Dentre as carências as mais sentidas eram a falta de água e de energia elétrica.

Quando a família comprou três lotes em Ouro Verde ganhou um. Na nova moradia localizada mais no centro da vila havia um poço profundo, com cerca de vinte e sete metros, mas estava seco. O poço ainda permanece na sua atual residência. Erica relembra que a água era obtida com o vizinho e servia tão somente para cozinhar e beber.

Depois de quatro meses morando em Ouro Verde os Sallet conheceram a pequena Igreja em madeira onde os fiéis oravam, mas naqueles dias não podiam contar com a assistência religiosa, pois não havia padre. Então a comunidade católica se reunia e eram realizadas orações e terços todos os domingos. Isso era feito na igreja e todos participavam como se fosse uma missa. Com o tempo a Igreja foi ficando pequena devido ao aumento do número de fiéis e então os moradores se reuniram em mutirão e construíram uma nova igreja, bem maior do que a anterior. Erica puxa pela memória e diz que o primeiro padre que chegou a Ouro Verde tinha o nome de Antônio, o qual trouxe dinheiro da Alemanha para ajudar nas obras. Enquanto a nova Igreja era

construída, as missas eram realizadas em um barracão antes usado para festas da comunidade e casamentos.

Mutirão para iniciar a construção da segunda Igreja. Aos fundos, a primeira Igreja
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

As festas eram realizadas onde hoje fica a Praça Walter Bonthen, esquina da Avenida Belo Horizonte com a Rua Teresina, e havia muita dança na terra pura. A Benvinda era a sanfoneira. Ela vinha de longe tocando sanfona e avisando o povo da festa. Apesar das dificuldades e contratempo, Erica salienta que eram dias muito alegres.

Entretanto, o que colocava medo em todos os moradores eram as histórias de onças. Onde hoje se encontra o cemitério municipal, Erica tinha uma horta. Quando estava plantando tomou um grande susto, pois começou a ouvir uns gritos no meio do mato próximo à horta. Correu com medo que fosse alguma onça e os trabalhadores da serraria lhe enxergaram correndo e riram a valer da situação. Depois explicaram para ela que não era onça. Eram macacos gritando sobre as árvores!

Quando Osébio e Erica chegaram a Ouro Verde ainda não possuíam filhos. Quando a primeira filha, Rosa, nasceu em 1963, já havia a Eulália Hoffmann como parteira, mas o Osébio tinha medo, pois era a primeira filha, e decidiu levar até Toledo no hospital. A menina nasceu no domingo e na terça-feira já estava em casa. O filho do casal, Luiz Rudolfo (Dinho), foi o primeiro homem nascido em Ouro Verde. Seu parto foi realizado por uma empregada da família, Maria Melânia Boehm, irmã da Ana Darcilda Boehm.

Foi a família Sallet que auxiliou muitas pessoas a transportar suas mudanças para Ouro Verde e para fazer compras em Toledo com o seu conhecido caminhão que ficou na memória de muitos pioneiros que lembram com felicidade da grande ajuda de Osébio Sallet.

Barraco de lona (primeira morada da Família durante 18 dias)
Do lado de fora, entre o caminhão e o barraco faziam-se as refeições
Ao lado direito, a construção do rancho da Família
Acervo: Projeto Memória e História

FAMÍLIA BORTOLUSSI/THEIS/SILVA (1963)

Gilio Bortolussi e sua esposa Clementina Castoldi
Acervo: Projeto Memória e História

Gilio Bortolussi (*in memoriam*) e sua esposa Clementina Castoldi (*in memoriam*) chegaram a Ouro Verde em 18 de julho de 1963. Faz tempo. Junto vieram os filhos José (*in memoriam*), Emília, Emílio (*in memoriam*), Valdomiro, Augusto (*in memoriam*), Margarida, Luiza e Tereza (*in memoriam*).

Moravam perto de Porecatu, lá em Centenário do Sul. O sítio era próprio, mas a vontade de melhorar de situação fez com que se mudassem para o Oeste do Paraná. Dente outros, pesou o fato da família ser numerosa e a terra ser pouca. Com o dinheiro acumulado compraram vinte e um alqueires, um bom pedaço de terra para a época.

Os irmãos Bortolussi: Tereza, Luiza, Margarida, Emílio, Valdomiro, Augusto, Emília e José
Acervo: Projeto Memória e História

O José Eleutério foi amigo dos Bortolussi desde a primeira hora, pois nem bem encostaram o caminhão e ele veio com toda a sua família para ajudar na mudança. Fez muito mais. Deixou bem claro que o que precisassem podiam contar com ele. O José era assim, sempre ajudando todo mundo e quando chegava uma nova mudança era ele quem primeiro socorria. Mas que não se enganem, pois naquela época era assim mesmo, um ajudando o outro, uma mão lavando a outra. Pelo menos a maioria fazia assim.

Vem daí que quando se matava um porco, por exemplo, uma parte da carne ficava com a família e o restante era dividida entre os vizinhos. Sem energia elétrica, sem congelador. Então o jeito era fritar a carne e colocar numa lata de banha para conservar. Uma delícia!

O marido de Luiza Bortolussi, Olvidio Estanislau Theis, veio de mais longe ainda, saiu lá de São Luiz Gonzaga, no Rio Grande do Sul. Bateu de *mala e cuia* na vila de Ouro Verde em 14 de agosto de 1964. Nessa longa viagem vieram também seus pais José Osvaldo Theis (*in memoriam*) e Regina Lunkes (*in memoriam*) e seus irmãos Nelson, Cecília, Lauro (*in memoriam*), Judite (*in memoriam*), Edite, Elisa e Lauri.

Casamento de Olvidio e Luiza em 11 de dezembro de 1965
Atrás, os padrinhos: Iolanda e seu esposo Carlos Riechel, e João Batista, o corretor
Acervo: Projeto Memória e História

E aqui ele conheceu Luiza, o amor de sua vida. Casaram e tiveram os filhos Elizete Aparecida Theis e Aglimar Aparecido Theis. Também criaram uma filha adotiva, a Nelci Theis.

Os Bortolussi, os Theis e quase todas as outras famílias vieram na esperança da agricultura rentável. Café ou fosse lá o que fosse. Trabalhavam de sol a sol, mas não mandavam no clima. O Olvidio plantou seis alqueires de milho, mas quando começou a madurar, começou a chover e não parou mais! E dê-lhe chuva. E como se não bastasse, depois da chuva foi o fumo bravo que atacou a plantação e

quando o milho foi caindo os porcos do mato invadiram e praticamente devoraram o que restava! Era de largar tudo e ir embora, mas aguentaram firmes.

O Olvidio se virava no que podia. Tinha um carroção de boi e era com ele que ganhava uns trocados a mais, puxando feijão, arroz, porco e o que fosse preciso. A bem da verdade, frete era o que não faltava. Frete e solidariedade, pois sempre que ele chegava a alguma propriedade os donos já lhe ofereciam o que comer. Os bois também recebiam água e milho à vontade. É como dizem: vizinho é o parente mais próximo.

Regina Lunkes, mãe de Olvidio Theis
Acervo: Projeto Memória e História

A família Theis veio em dois caminhões: um com duas ou três cabeças de gado e o outro com a mudança propriamente dita. As vacas sentiram tanto a viagem que ao invés de oito litros diários passaram a dar somente dois litros de leite ao dia.

Quando chegaram, o tão conhecido portão que impedia a passagem dos colonos para Ouro Verde havia sido derrubado, mas ouviam as pessoas ainda falando dos guardas armados, do que o portão representava e das dificuldades para atravessá-lo.

Tão logo o Olvidio e a Luiza se casaram, ele construiu a casa própria. Naquela época trabalhava na serraria a vapor do Osébio Sallet. E olha que o trabalho era puxado, obrigando-o a pular da cama lá pelas quatro horas da madrugada, só voltando para casa lá pelas dez horas da noite, cansado e esfomeado. A correria se explicava porque tinha muita gente que queria construir casa e precisava de madeira beneficiada. Sendo assim, o negócio era pegar firme no batente.

Serviço bruto e perigoso, onde muitos se acidentaram seriamente nas lidas com a madeira. Mas, dentre tantos, descuidado e ao mesmo tempo sortudo, foi um parceiro de trabalho do Olvidio. Chamava-se Paulo e flertou com a morte por diversas vezes, mas teve sorte, muita sorte. Acontece que o Paulo andava sempre descalço e certa vez pisou em um prego que tinha ficado virado para cima. Furou o pé cabo a rabo. Outra vez um pedaço de madeira caiu em cima dele e rachou seu pé. Não parou por aí. Ele abriu, sem quaisquer cuidados, a porta da caldeira onde alimentava o fogo e acabou queimando o bigode e a sobrancelha. Em outro momento a esteira estava patinando sob o peso de pesadas toras e sua camisa enroscou e mais uma vez ele conse-

guiu escapar. Tempos depois, para finalizar, uma tora que estava em cima do caminhão se movimentou e acabou prensando-o, quebrando-lhe ambas as pernas! Aí ele deu um basta e deixou o serviço. Já não era sem tempo!

Quando os Theis chegaram a Ouro Verde havia na vilazinha, mais precisamente na atual Avenida Belo Horizonte, a chamada avenida principal, o escritório do corretor de terras Joãozinho Batista. Esse empresário, sabedor das dificuldades daqueles que chegavam, ofereceu um pedacinho de terra dentro da vila para que a família plantasse alguma coisa naqueles difíceis primeiros dias. Optou-se pelo cultivo da batata, mas como não havia quem comprasse, a produção foi distribuída entre os vizinhos.

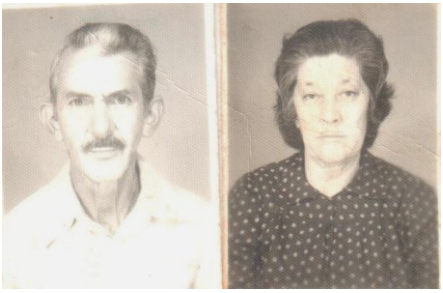
E tem mais gente querendo falar.

A esposa do Valdomiro Bortolussi, Maria da Silva Bortolussi, mais conhecida como Stela, chegou alguns meses antes de seu futuro esposo. Tinha quinze anos e veio com os pais Sebastião Inácio da Silva (*in memoriam*) e Maria Lurdes Farias Silva (*in memoriam*), que foi a primeira professora de Ouro Verde. Também vieram seus irmãos Maria Nadir (*in memoriam*), Cícero Lázaro (*in memoriam*), João Donizete, José Sebastião e Maria Geralda. O terceiro casamento realizado na vila de Ouro Verde foi de Stela e Valdomiro. Depois vieram os filhos: Lurdes, Alexandre, Angélica, Adélia e Adelino.

Casamento de Maria (Stela) e Valdomiro
Acervo: Projeto Memória e História

A família de Stela veio de Califórnia, lugarejo perto de Apucarana, onde trabalhavam com o cultivo de café. Eram dois mil pés de café que ela e seu pai tinham como arrendamento, trabalhando de empregados. Ela, desde mocinha, ajudava o pai a abanar o café, limpar, rastelar e levantar a saia do café. Também colhia o café nos ramos e de vez em quando encontrava algumas surpresas desagradáveis: cobras verdes caíam inesperadamente

dos galhos. Era um susto só! Dois passinhos para trás, mas continuava trabalhando.



Sebastião e Maria Lurdes, pais de Stela
Acervo: Projeto Memória e História

Foi com o dinheiro suado do café que conseguiram comprar seu pedaço de chão em Ouro Verde. Eram dois alqueires. Derrubaram o mato, limparam o terreno e plantaram milho, feijão e arroz na beirada do rio que hoje é conhecido como Córrego Comprido.

Stela relembra que quando aqui chegaram os Borges dos Reis foram as primeiras pessoas que os recepcionaram. Solícitos, convidaram-nos para jantar em sua pensão e nem quiseram saber de receber algo em troca. Em ato e bom tom disseram que cada família que chegava a Ouro Verde trazia consigo a expectativa de dias melhores para todos. Satisfeitos e de barriga cheia dormiram o sono dos justos. Na manhã seguinte foram à busca de um lugar para morar temporariamente. E não demorou muito essa procura.

Stela e seus familiares ficaram morando em uma casa que pertencia à família de João Cruz. Gente boa esses Cruz. Como eles ainda não haviam se mudado para Ouro Verde deixaram a ordem de que se alguém precisasse de moradia eles cederiam a casa. Era uma casinha de quatro peças onde não pagavam aluguel. Quando os donos vieram meses depois, a família se mudou para outra casa da vila.

Ali permaneceram até construir o rancho na gleba que tinham comprado. Aí é que começaram os problemas. Depois que se mudaram e começaram a roçar o mato, um suposto dono das terras chegou alegando que aquela área era sua. Foi um choque para a família que, com muito esforço, havia comprado aqueles dois alqueires. Tinha assinado o contrato, mas o que estava faltando era a escritura.

A pessoa que tinha vendido as terras para o Sebastião Inácio da Silva, pai de Stela, fez o contrato, mas não a escritura. Malandro, vendeu as mesmas terras para outra pessoa, sem as devidas divisas. Um problemão. Tiveram que medir as terras ao redor para ver qual delas estava com dois alqueires sobrando. Não foi nada fácil, pois vizinho nenhum aceitava perder parte de suas terras e não queriam discussão. Vem daí que quando medi-

ram as terras de um tal de José encontraram os dois alqueires sobrando, os quais foram repassados à família. Inconformado com a perda, o dito cujo passou a ameaçar o pai de Stela, mas sem sucesso. A coisa toda foi se acomodando e o Sebastião Inácio ficou com as terras em definitivo e novamente teve que construir um novo rancho.

E a vida foi seguindo adiante, a comunidade foi se estruturando, ganhando corpo. Havia muito ainda para ser feito, mas a igreja e a escola eram prioridades.

As missas inicialmente eram realizadas uma vez por mês. Todo mundo comparecia. Nos intervalos entre uma missa e outra os fiéis se reuniam aos domingos para rezar o terço. Dentre eles estavam a Stela, a Lurdes Gozzi, a Maria das Graças, a Aparecida e mais algumas mulheres que também davam aulas de catequese para quem se interessasse.

Quando se fala em escola, a Stela recorda que quando chegaram tinha uma ao lado de onde hoje é a Casa Paroquial na Rua Amazonas. Orgulhosa, conta que a primeira professora de Ouro Verde foi Maria Lurdes, sua mãe. Mesmo sem formação, Maria se propôs a ensinar as crianças da vila na pequena escolinha. Era uma mulher abnegada que, sem nada receber, ensinava a todos, sem distinção.

Olvidio Theis conta ainda uma história que retrata bem aqueles dias onde imperava a jagunçada. Gente braba aquela.

> *Daí um dia tinha uma festa. Naquele tempo era jagunço pra todo lado. Jagunço aqui era que nem formiga* [...] *Aquele dia bebemos muitas grades de cerveja. E aquela jagunçada ali. Aquele tempo era garrafa, não tinham essas garrafas descartáveis. E daí nós tava lá bem tranquilo assim e chegou o Tamiro, aquele jagunço lá da Jamaica. Chegou lá o Tamiro e o padre tava lá com nós dentro do balcão e ele falou: - Dá uma cerveja aí. Daí eu falei: - Dá a ficha. Porque tinha que pegar ficha né. Daí ele comprou uma ficha e me deu. Daí o padre tava assim e ele puxou o revólver, um trinta e oito, cano enferrujado, pegou o revólver e pôs a cerveja no copo, mexeu com o cano do revólver e falou pro padre assim: - Toma aí. Daí o padre bebeu. O Bastião tava perto ali, aquele manquetão assim, tava lá. Era outro jagunço. Viu aquela cena ali e não gostou. Ele saiu dali e não falou nada. Foi em*

casa, trouxe um trinta e oito cano longo, assim enferrujado. Eu tava lá e quando eu vi que ele veio assim, parece que ele já vinha meio andando mais depressa. "Esse cara, vai dar confusão". Daí eu falei pra turma: - O negócio vai pipocar fogo já já, hein". E daí eu falei: - Vocês se cuidem porque se o cara reagir vai dar morte aqui. Daí ele pediu uma cerveja pra mim. Eu também dei a cerveja. Ele entregou a ficha, arrancou o trinta e oito, colocou a cerveja no copo, mexeu com o cano e falou pro Tamiro: - Agora você bebe aí! E o Tamiro já tinha feito isso pro padre. O Tamiro se arrepiou, quis reagir, mas não deu. Bebeu também e vazou embora.

E foi assim que os Bortolussi, os Theis e os Silva foram se instalando nas terras de Ouro Verde e ajudando a construir a história deste município.

FAMÍLIA GOMES (1963)

Izabel Borges Ribeiro Gomes e Irineu Gomes
Acervo: Projeto Memória e História

Foi no dia 25 de maio de 1963 que Izabel Borges Ribeiro Gomes e seu marido Irineu Gomes (*in memoriam*) chegaram a Ouro Verde. Tinham, respectivamente, vinte e um e quarenta e um anos de idade.

O casal trouxe consigo os filhos Paulo Irineu Gomes e Sandra Aparecida Gomes, com quatro e três anos de idade. Dez anos depois nasceu o terceiro rebento: Marcos Antônio Gomes (*in memoriam*).

Dos quatrocentos alqueires da Fazenda Santa Rosa, na atual Linha Alves, apenas quarenta estavam abertos, ou seja, a família teria um grande trabalho pela frente, mesmo porque vieram com o compromisso de limpar a área restante para introdução de agricultura e pastagem.

Na mudança para o Oeste do Paraná vieram em cinco famílias, amontoadas num caminhão que partiu da cidade de Iepê, localizado no Sudoeste do Estado de São Paulo, próximo de Jaguaretê. Foram quatro dias de uma cansativa viagem em estrada de chão até todos se acomodarem numa casinha coberta de lona.

Amante de boas caçadas, Irineu ficou louco de contente logo que pisou em Ouro Verde, pois nem bem chegou e já avistou um veado. O tiro foi certeiro e a carne para o almoço estava garantida. Essa foi a primeira de muitas e muitas proveitosas caçadas.

A casa apertada para tantas pessoas foi um grande problema que a todos afetou inicialmente. Como o que não tem solução, solucionado está, tiveram que se arranjar o melhor que puderam. Mais tarde tudo foi se ajeitando.

A mudança trazida pelo casal era bem pouca. No caminhão não tinha espaço para quase nada e muitos pertences foram deixados para trás antes de partirem para o sertão – como era chamada esta região pelos colonos que vinham do Norte do Es-

tado. E como desgraça pouca é bobagem, o pouco que trouxeram acabou apodrecendo, pois chegaram numa época de muita chuva e os móveis e os outros utensílios ficaram à mercê do tempo inclemente.

Em São Paulo, trabalhavam meio que por conta própria, mas quando vieram para Ouro Verde tiveram que trabalhar como empregados na fazenda de João Alves. Izabel lembra que seu pai, Paulo Borges Ribeiro, em São Paulo, para ganhar alguns trocados a mais fazia fumo e vendia para o pessoal da fazenda em Ouro Verde.

Mas como é que a família veio para em Ouro Verde? Izabel conta que certo dia seu marido e seu pai chegaram em casa com um tal Senhor Jaime e Senhor Aires, corretores que estavam arregimentando famílias para trazer para Ouro Verde. Izabel explica que eles tinham que trazer no mínimo cinco famílias para aproveitar a viagem porque era longe e ficava caro. Então o Irineu tratou de vender os dois porcos e arrumar as malas e a bagagem para ir para Ouro Verde.

No começo, Irineu pegou cinco alqueires de roça para derrubar o mato. Pelo trato que firmara ele derrubava, plantava e não pagava a renda. Então passaram algum tempo plantando milho, feijão, arroz e com o tempo se puseram a plantar soja.

A primeira safra de milho e de algodão que plantaram foi vendida em Umuarama. Irineu ficou uns quinze dias por lá. Depois de ter vendido a mercadoria, chegou a Toledo e de lá foi andando até a fazenda com um bolo de dinheiro, resultado da venda, enrustido dentro de um saco de arroz.

Colheita de Algodão
Acervo: Projeto Memória e História

Falando a verdade, vontade de voltar para São Paulo não faltou para Izabel. Tanto que, em conversa com o patrão da fazenda onde morava, ela disse que queria muito ir embora porque estava com muita vontade de tomar sorvete com seus filhos e ali não tinha. Não era só por isso, Izabel também estava farta das dificuldades encontradas no local. Surpreso com o tom da prosa e resolvido a agradar os novos moradores, Jaime, o patrão, foi até Toledo e comprou um pote de sorvete. Para transportar a raríssima e sonhada guloseima ele a colocou dentro de uma bolsa de estopa cheia com pó de serra e encheu de gelo. Pense na alegria da Izabel e das crianças!

Na primeira vez que Izabel saiu da Fazenda Santa Rosa e visitou Ouro Verde encontrou tão somente o armazém do José Moraes, o armazém do José Souto e mais uns ranchinhos cobertos de sapé. Dava até tristeza de ver.

Era tudo tão difícil. Em Iepê, as crianças estavam acostumadas a beber leite porque a família tinha uma vaca que não puderam trazer na mudança. Veio junto apenas um cavalo que foi a salvação quando faltou o leite. O *Passo Preto*, como era chamado, levava Izabel e seus filhos até a fazenda dos paulistas, pra lá de São Sebastião, hoje Distrito de Ouro Verde, onde tinha três vacas de leite. Os cinco litros que Izabel pegava tinham que durar por uma semana inteira. Para não estragar ele era fervido antes de ser armazenado num garrafão de cinco litros, tampado com uma rolha de sabugo e pendurado por um arame dentro da água corrente do atual Rio do Ouro. A água do rio passava e resfriava o leite. Izabel lembra que o leite nunca estragou. Ela tinha muita vontade de tomar, mas controlava o desejo para que não faltasse aos seus filhos.

Uma lembrança triste e uma mágoa vêm à tona. Izabel lembra que certo dia mandou seu filho Paulo ir até a casa da vizinha Dona Áurea para emprestar um biguá, espécie de alforje, que era uma bolsa com um buraco no meio para colocar coisas dos dois lados do cavalo. Então, Dona Áurea disse para ele comprar uma vela, pois o pai de Izabel havia falecido. Surpresa total para Izabel que não sabia do acontecido, mesmo porque a notícia tinha chegado primeiro para o Senhor Aires, o gerente da fazenda, e para o Senhor Jaime. Como não poderia ter sido diferente ela ficou completamente abalada, magoada, arrasada.

A família trabalhava todos os dias na roça, de sol a sol. Rotina. E a Izabel, além disso, tinha que dar conta de socar o arroz e buscar água na mina para fazer comida no fogão à lenha. Um

dia, após buscarem água na mina, ela e Sandra estavam voltando para casa debaixo de um aguaceiro e a filha caiu em cima de uma touceira de arranha gato e uma vareta espetou-lhe em cima do rim. Quando chegaram em casa ela foi de pronto socorrida pelo senhor Aires que abriu o corte nas costas dela e encheu de pinga. E olha que o machucado nem inflamou e uma semana depois já estava curado!

A carne que se consumia era quase unicamente de caça, além da de porco e de galinha. Mas caso alguém quisesse comprar carne de gado tinha que ir até Toledo. Mas ir até lá não era nada fácil, principalmente a pé, dando de frente com os jagunços que guardavam uma fazenda próxima, nem sempre amistosos. De Toledo se trazia o mais necessário como sal, jabá (carne seca) e açúcar. Izabel, que era a encarregada da cozinha, tinha que ter sempre à mão pelo menos dez litros de arroz de reserva caso chegasse de repente o pessoal da fazenda para almoçar.

E as histórias vão se sucedendo, embaladas pelas correntezas da memória. Izabel lembra que numa tarde, ela e o marido catavam algodão. Ali próximo havia um mictório feito com troncos de coqueiro. A filha Sandra foi usá-lo e quando olhou pelo buraco viu lá dentro algo que estava se mexendo. Ela chamou o pai que constatou que se tratava de uma cobra, a qual foi imediatamente morta a golpes de foice.

Por essa região havia muitas cobras. Dentre outras, as mais perigosas eram a jararaca, a cascavel, a surucucu e a urutu, conhecida como cobra preta.

Um dia, Irineu, Izabel e os dois filhos estavam caminhando por uma picada quando ouviram um barulho alto vindo de longe. O que seria? Indagaram. Eram dezenas de porcos queixadas (porcos do mato) fazendo aquele terrível barulho com o queixo. Todos ficaram muito assustados, mas Irineu teve a ideia de subir na árvore mais próxima e então empurrou todos para cima e esperaram os porcos do mato passar em debandada. Muitas plantações de milho ficaram completamente arruinadas após grandes varas de porcos do mato investirem sobre elas à procura de alimento farto.

Antigamente o pessoal fazia a famosa *espera* para caçar paca e cutia e o Irineu e alguns companheiros se embrenharam no mato para tal. Aí aconteceu o inesperado! O Zé Alves, afoito, atirou em algo que pensou ser um animal. Ledo engano, quase tragédia! O alvo confundido era um velhinho, o Senhor Guinelo, que também estava esperando os bichos! A sorte era que as ba-

las eram tipo chumbinho e a espingarda de pouco calibre. Ferido, o Senhor Guinelo tinha que ser transportado imediatamente para um hospital. E o único existente era em Toledo. Mas ir como? O único trator que tinha na fazenda estava com problemas mecânicos. No apuro, eles consertaram o trator naquela mesma noite e se mandaram para Toledo, até o Hospital Campagnolo. Envergonhados, chegando lá eles falaram que o Senhor Guinelo ao subir numa árvore que servia de espera derrubou a espingarda que disparou acidentalmente acertando-o.

Da esquerda para a direita, Mário Amaro (pai de Áurea Viana), Zé Alves e Irineu durante caçada Acervo: Projeto Memória e História

Essa é para encerrar. Sandra conta que ninguém sabia o que era televisão. Não tinham assistido ainda. Então, tempos depois, levaram uma até a escolinha de madeira que ficava na fazenda, a Escola Rui Barbosa, e as famílias e a criançada foram para lá assistir. Fecharam as janelas e as portas e o filme começou a passar. Coisa estranha era aquilo! Os adultos ficaram boquiabertos e as crianças choravam de medo. Sandra conta também que quando teve um jogo da seleção brasileira em 1970, no tempo em que o Pelé jogava, foi ajeitado um caminhão velho sem carroceria, só com tábua, e o pessoal se reuniu para assistir o jogo pela televisão. Não é que a Sandra voltou chorando para casa porque teve medo que a bola da televisão voasse e batesse nela!

E foi assim que a família Gomes se estabeleceu nas terras de Ouro Verde, através de muito trabalho e com muitas histórias de perseverança.

FAMÍLIA LUCINDA (1963)

Vicente Joaquim Lucinda
Acervo: Projeto Memória e História

Em 1962, Vicente Joaquim Lucinda (*in memoriam*) comprou suas terras próximas à pequena vila de Ouro Verde. Veio pelas mãos de um corretor que propagandeou que eram terras boas e baratas.

Com a ajuda de alguns companheiros decidiu visitar a localidade e se agradou com o que viu. Então mandou os filhos Aledino Joaquim Lucinda e Antônio Eurípedes Lucinda (com 17 anos) para abrirem à frente. Isso foi em 1963. Ele e a esposa, Clarisse Alves Teixeira (*in memoriam*), permaneceram em Apucarana no Norte do Paraná. Continuaram se dedicando à plantação de café em consórcio com mudas de mamona.

A mudança dos irmãos Aledino e Antônio veio de caminhão. Estrada ruim, esburacada. Chão puro! A penosa viagem demorou cerca de quatro dias até que chegaram no rancho, construído na atual Linha Gozzi. Aledino e o amigo João Gregório Ferreira, que trabalhava para a família, já tinham aberto o carreador. O rancho, coberto com folhas de coqueiro, já estava construído há quarenta dias.

Clarisse Alves Teixeira
Acervo: Projeto Memória e História

As primeiras pessoas que conheceram faziam parte da família Gozzi e da família Moreira. O Arlindo e o Delfino Basso chegaram juntos com os irmãos Lucinda.

Como conta Antônio, a região era coberta preferencialmente pela mata nativa e havia muito coqueiro.

Marcou mais a mata, porque onde nós morava não tinha mata. Chegou aqui era aquele sertãozão e a gente achava bonito. Fica sempre na memória.

Clarisse Alves Teixeira
Acervo: Projeto Memória e História

Para chegar até a pequena vila tinham que atravessar o local onde hoje fica a Fazenda Santa Rosa. Caminhada a pé mato adentro.

Por aqui também havia um campo de futebol atrás da Igreja e quem tomava conta era o Zé Pedro. Na Linha Gozzi também tinha um campo de futebol feito na base da enxada. Acontece que bem no meio do dito campo estava encravado um toco de grandes dimensões. Vem daí que tiveram a ideia de explodi-lo com dinamite. Explodiram o toco com quatro bananas de dinamite. Pensa na explosão! Algum tempo depois, quando o Senhor Campagnolo era prefeito de Toledo, mandou arrumar as estradas daquela região e também deu uma ajeitada no campo da comunidade.

Para ir até Toledo fazer compras havia uma pequena estrada que passava pela Fazenda Timburí, mesmo porque a estrada que hoje é conhecida como PR 317 era apenas um picadão.

O pessoal lembra que quando chegou a Kombi do João Leonardi ficou mais fácil o trajeto até Toledo. Mas quando chovia o negócio era arregaçar as mangas e empurrar o automóvel, principalmente quando o veículo chegava na localidade onde hoje fica a Sanga Funda, pois era um barreiro só. Tinham até que colocar correntes nas rodas para saírem do lugar.

Quando precisavam fazer compras em Ouro Verde os moradores se dirigiam até a vendinha do José Moraes ou a do José Souto. Não eram somente eles, pois também havia o Joaquim

Borges dos Reis, proprietário de um hotelzinho que hospedava quem vinha comprar terras em Ouro Verde. Quanto ao Joaquim, ele já era conhecido da família Lucinda em Califórnia, no Norte do Paraná, onde seu filho, José Borges, trabalhava numa loja chamada Casa Portelinha que era frequentada por Vicente.

A esposa de Antônio, Gasparina Martins Lucinda, conta que permaneceu na pequena vila por apenas quinze dias e logo foi para o sítio morar em um rancho de coqueiro e tabuinha.

Seus irmãos estudaram na pequenina escola existente na Linha Gozzi, cuja professora era a Cleide Gozzi. Ela conta que não pôde concluir os estudos, pois seu pai sempre a retirava da escola quando chegava o final do ano para ajudar na colheita do feijão lá no Norte do Paraná. Naquela época os estudos iam até o quarto ano.

Os sábados e os domingos eram dedicados à caça. A caça servia para alimentação, não era diversão. A sorte é que na região de Ouro Verde havia muito porco, cateto, veado e anta.

Quando alguém adoecia o jeito era utilizar remédio caseiro. Depois de algum tempo apareceu o Carlinhos, que era proprietário de uma modesta farmácia. Quando a coisa apertava e os medicamentos que ele vendia não davam jeito, o negócio era apelar para os hospitais Campagnolo ou Dall'Oglio, localizados em Toledo.

Antônio conta que certa vez foi picado por uma cobra e foi curado com remédio caseiro. Para tirar o veneno, o irmão utilizou uma técnica que o salvou. Pegou um ovo, cozinhou e colocou a gema na perna onde havia a picada. Então chupou o veneno até que a gema ficasse roxa. Aledino repetiu o procedimento por três vezes até ter certeza que o veneno tinha saído todo na gema do ovo. Salvou o irmão utilizando conhecimento popular que tinha aprendido com o pai. O Paulo Fagundes também ajudou Antônio ao benzê-lo e recomendar quarenta dias de repouso.

No início não foi fácil, mas a família foi se estabelecendo nas novas terras com esforço e dedicação.

FAMÍLIA NASCIMENTO/VIANA (1963)

Antônio Ferreira do Nascimento e Dionila Viana
Acervo: Projeto Memória e História

Antônio Ferreira do Nascimento chegou a Ouro Verde com vinte e quatro anos de idade. O ano era 1963 e ele veio com sua esposa Dionila Viana e o filho Valdete. Os outros filhos nasceram em Ouro Verde, Valdecir, Roberto e Maria Aparecida.

A família tinha como origem o Distrito de Salinas, em Minas Gerais, onde se dedicava à criação de animais.

Ao migrar para o Paraná, Antônio Nascimento instalou-se inicialmente, durante um ano aproximadamente, na região de Guaraci, Centenário do Sul. Ali, como a grande maioria dos colonos, dedicou-se ao plantio do café. Já de mala e cuia em Ouro Verde, dedicou-se à plantação manual de soja, de milho e também de café. Os primeiros serviços na propriedade foram voltados à derrubada do mato para abrir espaço para a plantação. Era trabalho pesado, levado a bom termo à base do machado. As raízes permaneceriam nos lotes por mais alguns anos, até o momento em que a destoca feita por tratores de esteira munidos de grossas correntes arrancou-as e ampliou os espaços de plantio. Isso viria depois, a partir de meados da década de 1970, quando a mecanização da agricultura chegou ao Oeste paranaense.

De Minas até o Norte do Paraná foram quase oito dias de viagem de trem, passando por São Paulo. Naquele Estado, Antônio

Nascimento ficou num grande quarteirão com pessoas de diversas regiões e com diferentes destinos. Naquele centro de triagem para migrantes havia alimentação e pouso durante vinte e quatro horas. Ali ganhou as passagens e a família partiu de ônibus até Ourinhos, no Norte do Paraná. A partir de então o caminhão foi o meio de transporte para chegarem a Ouro Verde.

Desembarcaram na sua terra prometida lá por meados do mês de setembro ou outubro em meio a fortes chuvas numa região dominada pela estrada de chão.

O sogro, Antônio Viana (*in memoriam*), foi quem comprou as terras em Ouro Verde em uma visita realizada em Maripá. Contudo, assim como aconteceu com outros compradores, a mudança teve que ser adiada por vários dias em razão da existência do afamado portão montado na entrada da gleba. Ali ninguém passava!

Na chegada, toda a família ficou acomodada próxima a uma pequena Igreja de madeira, que era o local reservado para todos aqueles que chegavam a Ouro Verde e ainda não possuíam moradia. O combinado era que depois de quinze dias o local devia ser desocupado para dar espaço para novas famílias que chegavam.

Sendo assim, Antônio Nascimento e seu cunhado Arlindo construíram um pequeno rancho com troncos e folhas de palmito em uma chácara onde hoje é a Linha Maripá. Depois, se mudaram para um sítio próximo ao Rio do Ouro, na Fazenda 2 Pês. O mato tomava conta do local, imperando por toda a área grandes exemplares de peroba e de cedro, sendo que a retirada da madeira ficava a cargo do Osébio Sallet, dono da primeira serraria. Mais tarde a família Montanari começou a roçar e retirar as madeiras.

Antônio Nascimento relembra que um dos principais problemas com que os moradores se deparavam dizia respeito às doenças. Conta que o Seu Carlinhos (Carlos Riechel) era o farmacêutico que socorria os moradores em uma pequena casa improvisada como posto de primeiros socorros. Caso fosse algo mais grave havia apenas a possibilidade de ir até o hospital existente em Toledo. Mesmo assim não era para todos, pois somente aqueles que conseguiam metade do dinheiro exigido eram internados e quando recebiam alta tinham os documentos pessoais segurados até o pagamento do restante da dívida.

Certa vez, o filho pequeno Valdecir adoeceu e precisou ser levado para internação de urgência em Toledo. Foi transportado

em uma charrete. Foi o sogro de Antônio Nascimento quem pagou o hospital, pois se não houvesse pagamento teriam que voltar sem atendimento.

Quando Antônio Nascimento teve pneumonia foi o João Leonardi e o Celino Cearense que o colocaram em uma rede e o levaram pela estrada até chegar à Kombi, pois em razão do barro, o veículo não chegava até sua propriedade. Chegando ao hospital, as notícias não foram boas e a família logo tratou de acender velas para rezar por sua alma. A esposa Dionila foi quem comprou as velas e permaneceu unida ao esposo durante alguns dias no hospital, mas devido ao aumento da dívida, tiveram que retornar para casa. Para felicidade de toda a família, após seis meses, Antônio Nascimento se recuperou completamente.

Puxando pela memória Antônio Nascimento relembra que durante algum tempo havia apenas uma pessoa que transportava os moradores de Ouro Verde para Toledo. O pessoal ia na Kombi do João Leonardi. Saíam cedo e ficavam o dia inteiro para que todos pudessem fazer os afazeres necessários. Ficou na lembrança o fato de que, quando a Kombi chegava onde hoje se encontra a Sanga Funda em dias de chuva, todos tinham que descer e empurrar porque naquele trecho havia muito barro e a estrada ficava quase intransitável.

Todas essas dificuldades ficaram no passado. Hoje em dia Antônio e Dionila se orgulham de terem criado os filhos nessas terras que ajudaram a desbravar.

FAMÍLIA PASTORE (1963)

Antônio e Augusta com o filho Geraldo
Acervo: Projeto Memória e História

Os Pastore saíram de Rolândia, lá no Norte do Paraná, onde se dedicavam ao cultivado do café. Chegaram em Quarto Centenário até a balsa para atravessar o Rio Piquiri. Como havia muita chuva, o rio estava tão cheio que a balsa não poderia atravessar. Tiveram que esperar três dias para que então a família, formada por descendentes de italianos, pudesse chegar mais perto de Ouro Verde.

Em 2 de outubro de 1963, os Pastore finalmente chegaram ao incipiente vilarejo que se formava em meio do matagal. Chegaram aqui Antônio Pastore (*in memoriam*) e sua esposa Augusta Zandonade Pastore (*in memoriam*) e os filhos Geraldo (*in memoriam*), Irene, Madalena, Antônio, Augusto, Paulo, e Sueli.

Geraldo Pastore, então com vinte e cinco anos, chegou com sua esposa Aurora Gozzi Pastore, com vinte e um, e trouxeram consigo seu filho, Carlos Roberto Pastore, que na época tinha tão somente quatro meses. Em Ouro Verde nasceram o Luiz Antônio, a Maria Lúcia, o Reginaldo, o Vanderlei, o Sidnei (*in memoriam*) e o Sérgio Luiz.

Lá em Rolândia o sustento da família vinha do cultivo de café e a ideia era continuar nesse ramo em Ouro Verde. Acontece que o clima não era muito propício. Nos dois primeiros anos de estadia em Ouro Verde os Pastore tiveram suas opções de ganho reduzidas em boa medida em razão da seca. Aurora relata que a alimentação era constituída basicamente

Geraldo e Aurora no dia do casamento em 02 de junho de 1962
Acervo: Projeto Memória e História

de arroz, feijão e polenta com palmito. Tempos idos em que as dificuldades diárias se assomavam. Quando já estavam dentro da propriedade que haviam adquirido, os Pastore resolveram perfurar um poço com o objetivo de ter garantido seu suprimento de água. Quando a água jorrou, os homens começaram a construir a casa, mas quando a construção da moradia foi concluída não é que o poço secou! Vai daí que tiveram que perfurá-lo mais fundo. Tiveram que cavar bastante, pois se inicialmente ele tinha quinze metros, tiveram que aprofundá-lo em mais dez metros! O poço existe até hoje e conta com vinte e cinco metros de profundidade.

Antônio Gozzi, irmão de Aurora, havia chegado primeiro a Ouro Verde. Foi lá pelo começo do mês de junho de 1963. Instalou-se e foi atrás de alguns peões para derrubar um pedaço de mato onde iria construir sua casa. O pai de Antônio e Aurora, Ângelo Gozzi, tinha comprado cinquenta alqueires de terra para deixar de herança para seus nove filhos.

Para chegar a Ouro Verde pegava-se a estrada de São Pedro do Iguaçu porque não havia ponte no Rio São Francisco. A estrada que existe hoje em dia foi feita dois anos depois, em 1965. Já as estradas que cortavam o território de Ouro Verde foram abertas pela comunidade na base da foice e do machado.

Aurora lembra que, no início, o local onde a família morava era chamado de Linha Sol de Maio, mas com o passar do tempo o local passou a se chamar Linha Gozzi, isso depois da emancipação de Ouro Verde.

Não havia missas em Sol de Maio, pois era tão somente uma linha rural. As celebrações religiosas eram realizadas na então pequena vila de Ouro Verde. Por volta de 1966, as missas passaram a ser realizadas na escolinha perto da Serraria Brasil, de propriedade de Fioravante Dorigon, sendo que o padre vinha uma vez por mês.

Os cunhados mais novos de Aurora frequentavam a primeira escola da comunidade, a qual estava instalada provisoriamente na serraria. Quando os filhos de Aurora entraram em idade escolar foram estudar com a Lurdes Gozzi, sua irmã.

A família Pastore residiu em Ouro Verde antes da construção da sua casa em Sol de Maio. Ficaram acomodados temporariamente em uma casa que está de pé até hoje, ao lado de onde morava o Rudolfo Frederico Kleinübing na esquina da Avenida Belo Horizonte com a Rua Paraíba. Quem primeiro morou ali foi

o Antônio. Quando chegou a família de Geraldo e Aurora, Antônio foi morar no sítio e eles se alojaram onde ele estava.

O pai de Aurora, Ângelo Gozzi – sua mãe chamava-se Maria Belotti Gozzi –, tinha um caminhãozinho que trouxe na vinda para Ouro Verde. Uma vez por mês os homens iam para Toledo com o caminhão para comprar alguns produtos mais necessários, mesmo porque açúcar, feijão, arroz e sal foram trazidos em grande quantidade de Rolândia.

Aurora se lembra que em caso de doença tinha que ir até Toledo. Quando estivesse chovendo era retirado os dois pneus internos da traseira do caminhão e acorrentado os demais para rodar com mais facilidade. Ela sorri quando conta que quando sua cunhada, Therezinha esposa de Vicente, estava grávida da Angélica (a primeira que nasceu na Linha Sol de Maio) os homens enjoaram de tirar os pneus. Chovia e os homens tiravam os pneus, dava sol e o nenê ainda não havia nascido. Eles tiravam de dia porque poderia acontecer o nascimento à noite, mas a criança demorou um tempo para nascer.

A amizade entre os parentes era grande e era percebida nas alegres visitas que faziam uns aos outros. A felicidade aumentava quando havia nascimentos. Diz Aurora que tinha ano que nasciam três e até quatro crianças. Mas, em janeiro de 1964, a esposa de Antônio perdeu um filho, o que marcou muito em sua memória, pois há pouco tempo haviam chegado e teve essa má notícia. O menino faleceu com dez meses após cair do braço da irmã e ter trincado o braço. Não tinha médico nenhum e então indicaram o Doutor Campagnolo, que falou que poderia ser começo de pneumonia, mas ele não descobriu que o menino estava com o braço trincado e o mandou embora.

Após dois dias em casa o menino chorava muito e tinha muita febre. Então o levaram ao Doutor Adolfo que descobriu o braço trincado, mas já estava infeccionado. Ele foi internado e se aguentasse até o outro dia o braço seria amputado, mas naquela noite ele faleceu. Isso foi um desespero para toda a família.

Um grande medo de Aurora era de onça. Ela tinha um filho pequeno e sempre pensava nele quando ouvia o rugido da onça, mas ela nunca foi vista. Conta que também havia muitos outros animais tais como veado, cobra, tamanduá e ouriço.

Era assim em Ouro Verde, muita diversidade de animais, muita terra boa para plantação. Terra essa que os Pastore se orgulham em terem se instalado e iniciado uma vida cheia de lutas e vitórias.

FAMÍLIA RODRIGUES (1963)

Antônio Rodrigues da Silva e Ana Rita de Lima
Acervo: Projeto Memória e História

Vital e José
Acervo: Projeto Memória e História

Nivaldo e Geraldo
Acervo: Projeto Memória e História

Os irmãos José, Vital, Nivaldo e Geraldo Rodrigues da Silva chegaram a Ouro Verde no dia 03 de setembro de 1963, depois de três dias de viagem que teve como ponto de partida Centenário do Sul, cidadezinha do Norte do Paraná. Anos antes já haviam pegado a estrada em busca de novos ares, vindos de Minas Gerais. Mas era preciso seguir adiante, pois a vida segue nos levando junto com ela.

José, na época com vinte e sete anos, chegou casado com Zulmira Vieira da Silva, de vinte anos. Já Vital, com dezenove anos, conheceu sua futura esposa aqui mesmo em Ouro Verde, a também pioneira Diva Hoffmann.

Contudo, a família não viera completa e sendo assim logo depois que se assentaram não mediram esforços para convencer os irmãos Miguel, Oridia, Maria, Leonidia e Nadir para se juntarem a eles. Como não poderia deixar de ser também vieram os pais Antônio Rodrigues da Silva (*in memoriam*) e Ana Rita de Lima (*in memoriam*), em 1964.

A família veio atraída pela proposta de trabalho do João Cruz, proprietário das terras onde moravam lá no Norte do Paraná. Viriam para trabalhar, lidando com o plantio de capim e derrubada da mata.

Miguel, Oridia, Maria, Leonidia e Nadir
Acervo: Projeto Memória e História

Tempo de limpeza das propriedades, para torná-las produtivas o mais breve possível. Trabalho de sol a sol, dia a dia, que ocupava quase todo o tempo das famílias estabelecidas em Ouro Verde. José recorda que quando de sua chegada a família Taraczuk havia acabado de derrubar o mato no local onde hoje é o Centro Cultural. Lembra ainda que o Osébio Sallet também se entregava nesse trabalho de derrubada de árvores.

Outro fato que marcou a chegada dos Rodrigues a Ouro Verde diz respeito às queimadas que eram feitas para consumir o mato derrubado, inclusive as raízes das árvores, técnica conhecida como coivara. Essa prática foi amplamente usada por todo o Oeste paranaense. Os dias escureciam, impregnados pela fumaça densa de dezenas de queimadas realizadas por toda a região. A queimada era - ainda é em alguns lugares - um recurso muito usado para apressar a limpeza dos lotes.

Quando os Rodrigues chegaram encontraram poucas casas. Dentre as mais conhecidas havia a do Joaquim Borges dos Reis, a do Zé Eleutério, a do Eliseu, a do José Souto, a dos Taraczuk, a do Afonso Hoffmann, a do Osébio Sallet e a dos Janning. Num primeiro momento eles ficaram instalados em uma casa localizada onde hoje fica a Câmara de Vereadores, mas logo depois se mudaram para uma casa construída pelo senhor Gregório Janning. Ficaram ali por seis meses até o momento em que seu pai chegou em 1964 e comprou um sítio para todos morar e trabalhar.

Uma das principais dificuldades era ir até Toledo. Eles saiam às cinco horas da manhã. Estrada ruim, uma barbaridade, principalmente em dias de chuva. Então era arregaçar as mangas e ir empurrando o caminhão, desatolando. Era um tal de cortar tora de palmito, colocar debaixo das rodas e seguir em frente.

O palmito dominava, tanto que o Vital lembra que para chegar até o local que trabalhavam, onde é hoje a Linha João Cruz, era tudo mato, quase tudo palmital até chegar à propriedade. O

palmito era a carne e a mistura das refeições. Quase todo dia tinha palmito, seja no almoço ou no jantar.

A região era fértil em animais e aves das mais variadas espécies. A temida onça não foi avistada, mas foi ouvida. Já bastava. Às vezes o Pedro José, que levava marmita para os peões na fazenda do João Cruz, brincava com o pessoal e fazia com seus dedos as pegadas da onça no chão, levando os peões a acreditar que o felino tinha passado por ali. Era um comentário só! Cateto, o porco do mato, também não faltava. De vez em quando a sorte estava do lado do caçador e ele conseguia abater vários numa pegada só. Então aproveitavam a carne fazendo linguiça.

Quando ficava alguém doente era medicado com injeção na farmácia do Carlinhos (Carlos Riechel), a única que havia. O José Rodrigues lembra muito bem da vez que teve sarampo e o Carlinhos ia todos os dias na sua casa para lhe aplicar injeção. Quando seu filho mais velho, Geraldo, ficou seriamente enfermo, o único jeito foi levá-lo até Toledo e interná-lo no Hospital Campagnolo. Isso foi em 1966. Infelizmente ele acabou falecendo vítima de meningite.

As mulheres da comunidade lavavam suas roupas na "Rua da Lona" e então era um tal de quarar roupa na grama, bater na pedra e colocar para secar. Esse local é conhecido até os dias de hoje como "Rua da Lona". Mas porque esse nome? Porque logo que as famílias de migrantes chegavam para morar na vila de Ouro Verde o José Borges, que era o administrador na época, as encaminhava inicialmente para aquele local e ali elas armavam coberturas com lonas para passar a noite. Também era um lugar que tinha água perto, então ficava mais fácil.

O Vital ganhava a vida vendendo galinhas para um rapaz de Campo Mourão. Quando tinha tempo ele também se dedicava ao corte de cabelo dos moradores. Acabou que virou profissional e trabalhou como barbeiro durante trinta anos.

E foi através de muito trabalho que os Rodrigues se estabeleceram em Ouro Verde.

FAMÍLIA VIANA (1963)

Áurea dos Santos Viana e Elisio Ferreira Siqueira
Acervo: Projeto Memória e História

Áurea dos Santos Viana morava com seu marido Elisio Ferreira Siqueira em Iepê, no Estado de São Paulo. Acontece que a vida por lá não era muito fácil, pois ela já estava esperando o segundo filho e seus pais, Mário Amaro Viana e Otília Viana, já haviam se mudado para o Paraná. Vem daí que quando seu pai foi visitá-la, Áurea resolveu que queria voltar junto. Não queria mais ficar longe da família.

Ela havia acabado de ganhar o seu segundo filho, a Claudete, e mesmo assim encarou uma longa viagem de oito dias de caminhão até chegar ao seu desejado destino: a pequena vila de Ouro Verde.

Durante a viagem o caminhão ficou parado algumas vezes para não atolar devido à chuva. Viagem dura porque Áurea estava de dieta após o parto, mas estava tranquila, pois contava com a ajuda da grande amiga Izabel Borges Ribeiro Gomes, que veio no mesmo caminhão e a ajudava a cuidar de suas crianças. As famílias chegaram juntas em 1963 para trabalhar na fazenda dos Alves, onde hoje é a Linha Alves.

Logo que chegaram colheram milho e levaram até o moinho. No moinho era feito fubá e farinha. As refeições da família vinham dali e um dos pratos preferidos era a quirerinha. Também

cuidavam dos porcos que a família Alves havia adquirido. Tinham muito trabalho quando os porcos do mato se misturavam com os porcos de criação. Era tarefa difícil e perigosa separá-los.

O caminho até Ouro Verde era percorrido mato adentro e tinha-se que ficar atento aos animais. Certa vez, Áurea teve que se esconder atrás de uma palmeira, pois avistou um bando de porcos do mato vindo em sua direção. Macacos também eram comuns pela picada e lhe despertavam medo, já que nunca tinha visto um bicho daqueles em sua vida.

A água era buscada num poço que foi aberto logo quando se mudaram. Depois de um tempo o engenhoso pai de Áurea ajeitou uma mina que desaguava num córrego próximo ao sítio. A água dali não era propícia para tomar, pois o Mário aproveitava para despejar ali os resíduos do chiqueirão, mas dava para lavar as roupas quando a sujeira se dispersava.

Otília Viana e Mário Amaro Viana (pais de Áurea)
Acervo: Projeto Memória e História

Após algum tempo Áurea, Elisio e seus filhos se mudaram para a Fazenda do Macoto onde permaneceram por muitos anos.

Áurea conta que a missa acontecia a cada quinze dias. Quando estavam morando na Fazenda do Macoto iam até a Capela Santa Inês para rezar.

O local da vila que Áurea mais frequentava era o botequinho de madeira do José Moraes, onde ia comprar açúcar e café para abastecer a fazenda onde trabalhavam. As idas e vindas a esse comércio se complicavam quando o córrego enchia depois de uma chuva e transbordava suas águas pela pequena ponte, a

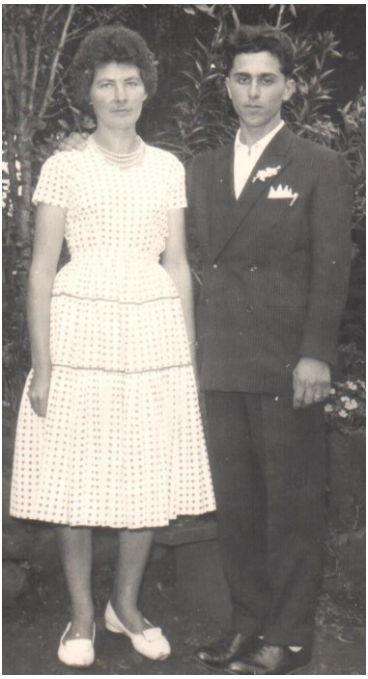
qual ficava intransponível. Não era raro, quando a chuva apertava, que ficassem dias sem café e açúcar.

Mas foi lá na Fazenda do Macoto que aconteceu um infortúnio. A casa de Áurea pegou fogo quando ela e os filhos estavam catando algodão na roça. Quando voltou, a casa estava em chamas junto com os mantimentos que haviam acabado de comprar. Muita tristeza para a família. Mas o povo ajudou muito na reconstrução da moradia, pois eram pessoas de bem, principalmente o Guerino que no dia seguinte trouxe um caminhão com tábuas. Feito isso, juntou a turma e em oito dias a casa estava em pé novamente. Até hoje ninguém sabe onde o fogo se originou. Talvez uma brasa possa ter começado o fogaréu.

Áurea é conhecida até hoje como benzedeira. E esse ofício foi aprendido com sua avó que lhe ensinou as rezas e os remédios caseiros quando tinha apenas sete anos. Era ela própria quem benzia o marido quando foi picado por uma cobra e seus dez filhos Elza, Claudete, Cláudio, Elois, Rosangela, José, Antônia, Simone, Roberto e Norberto. Assim, em sua casa, havia muitas qualidades de remédios que ajudavam a curar muitas pessoas, principalmente as crianças.

E é assim até hoje. Basta a fé e o conhecimento de Dona Áurea para curar as enfermidades das pessoas da pequena vila que foi aumentando com o tempo e se transformando na cidade de Ouro Verde do Oeste.

FAMÍLIA ZORZO (1963)



Wilma Paulina Zorzo e Nezildo Zorzo
Acervo: Projeto Memória e História

Nezildo Zorzo e Wilma Paulina Zorzo juntaram o que podiam na mudança e saíram do Distrito de Mato Queimado, município de São Luiz Gonzaga, no Rio Grande do Sul, juntamente com Antônio (*in memoriam*), irmão de Wilma. Fazia somente meio ano que eram casados.

Os cinco filhos do casal nasceram em Ouro Verde. A primeira filha foi a Lúcia; depois veio a Eleni; mais tarde uma menina que acabou nascendo com problemas e faleceu logo após; depois um menino que faleceu com três anos, pois os médicos não identificaram seu problema e então nasceu a última filha: Lurdes. E todos os partos foram feitos pela tia Eulália Hoffmann!

Quem dirigia o caminhão era um empregado do Osébio Sallet, tio de Nezildo, responsável por atrair a família para esta região.

Viagem longa por estradas de chão, em boa parte mal cuidadas. Após um dia e meio e uma noite eles pararam para repousar. Já estava escurecendo e precisavam alimentar a junta de bois e vacas que traziam. Animais indispensáveis para a nova vida que buscavam no Oeste paranaense. O local escolhido para o pernoite foi próximo a uma sanga, onde esticaram tendas improvisadas. Tranquilidade que durou pouco, pois já no início da madrugada Wilma escutou um trovão. Num repente pulou da cama e correu para acordar a todos, pois chuva pesada estava se anunciando.

Mais que depressa desmontaram o acampamento, embarcaram os animais e partiram pela estrada enlameada em meio a

um forte aguaceiro. O medo maior era atolar o caminhão que trazia a mudança.

Porém tudo correu bem e no entardecer de 19 de julho de 1963 avistaram a pequena vila envolta pelo mato, marcada por algumas poucas clareiras recém-abertas. Era Ouro Verde em seus primeiros dias.

Nem bem chegaram e o motorista logo foi avisando sobre o famigerado portão pelo qual teriam que passar. Wilma lembra que teve receio em ser barrada com toda sua mudança. Por sorte o portão estava aberto, embora guardado por um homem armado.

Nezildo soube mais tarde que os jagunços que guardavam o portão tinham terras próximas e em razão disso acabavam impedindo a passagem para Ouro Verde. História essa que não sabia ser verdadeira ou não.

No dia que chegaram, Nezildo, colono de descendência italiana, havia completado vinte e quatro anos durante a viagem para Ouro Verde e Wilma, de descendência alemã, tinha vinte e cinco.

Nezildo Zorzo em seu Carroção de Bois em Ouro Verde
Acervo: Projeto Memória e História

Quando Nezildo e Wilma chegaram a Ouro Verde eles conheciam apenas alguns parentes: o tio Osébio Sallet, a tia Eulália Hoffmann e o tio Afonso Hoffmann. Depois vieram a relacionar-se com o José Souto, que era o dono de uma loja localizada onde hoje é a esquina da Avenida Belo Horizonte com a Rua Cuiabá.

Tinha ainda o Eliseu, que tinha um boteco onde hoje é a esquina da Avenida Belo Horizonte com a Rua Teresina em frente à praça.

As compras necessárias para a subsistência da família eram adquiridas em Toledo, a exemplo do que também faziam os demais que moravam na vila. Já a água tinha que ser buscada em uma mina que nascia próxima a Serraria do Osébio ao final da Rua Amazonas hoje conhecido como Córrego Comprido. Água boa, preciosa e em quantidade, tanto que fizeram um cercado para proteger o local. Todo mundo respeitava.

A Colonizadora deliberou em dar um lote urbano para os primeiros duzentos moradores da vila. Foi desse modo que os Zorzo conseguiram o seu, localizado perto da serraria.

Sobre a sua primeira moradia, Wilma lembra que ela foi construída pelo seu tio Afonso. Nessa casa com trinta metros quadrados a família ficou acomodada por cerca de um ano para depois comprar as terras onde moram até hoje.

No Rio Grande do Sul dedicavam-se à agricultura e em Ouro Verde continuaram a mexer com a terra plantando arroz, milho e feijão.

Wilma relembra que no quarteirão onde hoje fica o cemitério municipal o Zé Eleutério tinha plantado milho, mas o fumo bravo acabou atacando e ele deu o lote para a família plantar. Nezildo emenda e diz saudoso que uma lembrança boa daquele tempo é justamente essa: as pessoas ajudavam umas às outras porque todos sabiam que conseguir dinheiro era muito difícil.

Outra atividade que também dava lucro para a família era a venda de leite. Eles tinham trazido uma vaca que tinham ganhado de presente de casamento dos pais de Wilma, Reinoldo Kuhn (*in memoriam*) e Hilda Kessler Kuhn (*in memoriam*), e o leite era muito procurado pelas pessoas, usado principalmente na alimentação da criançada.

A propriedade que moravam era coberta de mato, praticamente intocada. Havia somente uma pequena parte aberta e então tiveram que trabalhar muito mesmo para abrir espaço para as roças e para o gado. Algumas pessoas aproveitavam o tempo quente e seco da noite para queimar o mato e assim abrir novas clareiras de terra, técnica conhecida como coivara. Essa queima controlada, mas nem tanto, despertava medo em Wilma que via aquele fogo de longe e ficava temerosa que o mesmo atingisse sua propriedade em razão do vento forte.

A fauna era variada, pois nas cercanias da vila havia muito macaco, paca, porco do mato e muita anta, cuja carne era bastante apreciada.

Eles haviam trazido quatro porcos para alimentação, mas mesmo assim acabaram sofrendo com a falta de carne. Nessas horas quem salvava os moradores era o açougueiro José Pedro, que carneava um bichinho ou outro e saía avisando as pessoas que ele tinha carne disponível para vender. Vendia rapidinho, rapidinho.

Outro que prestava bons serviços à comunidade era o farmacêutico Carlinhos, o Carlos Riechel, que tinha um jipe e levava as pessoas que estavam muito necessitadas para Toledo. Quando as pessoas ficavam doentes e precisam ir para Toledo havia também a Kombi do João Leonardi. Somente em 1971 é que chegou um médico encaminhado pela Prefeitura de Toledo. Ele fazia consultas duas vezes na semana, atendendo onde hoje é a esquina da Rua Teresina com a Avenida Belo Horizonte.

Às vezes aconteciam assassinatos que deixavam a pequena população com muito medo. Certo dia tinha umas pessoas que vieram para matar o Zé Souto, mas acabaram fugindo quando avistaram a polícia de Toledo que foi chamada para o atendimento. Esse foi um fato que marcou muito a vida da família, mas também houve alegrias como a chegada das Missões religiosas. Eles faziam celebrações a semana inteira. Tinha dia que era para homem, outro para mulher, outro para casal e outro para as crianças.

Também se faziam bailes de levantar a poeira e que eram organizados pelo Osébio, que sempre comandava as festas. A sanfoneira, Dona Benvinda, vinha do sítio tocando a sanfona e atraindo o povo para a festança. Era farta a comida. Tinha churrasco da carne da caça, pão, salada e maionese.

Essas festas eram a diversão de todos que aqui viviam. Alegrias como essa ficam na memória, assim como todo o trabalho que muitas famílias tiveram para se estabelecer nessas terras onde tudo era mato e aos poucos foi dando espaço para as plantações e para as criações. Foi assim com a família Zorzo.

FAMÍLIA FERREIRA (1964)

João Gregório e Sebastiana
Acervo: Projeto Memória e História

A formiga saúva foi a grande responsável pela mudança da família Ferreira de Coluna, em Minas Gerais, para as terras de Ouro Verde. Ao perder a luta para a temida formiga, João Gregório Ferreira (*in memoriam*) decidiu conhecer esta região do Oeste paranaense.

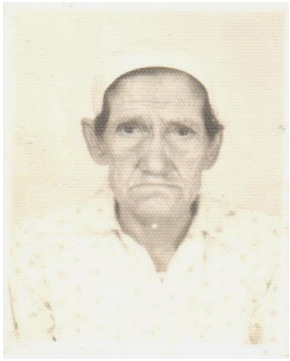
O convite veio na época em que João estava trabalhando para o Aristeu, em Apucarana. O patrão e amigo tinha terras à venda e lhe fez proposta de compra. Aceitou a oferta e comprou um alqueire por cem mil cruzeiros. Veio com a família embarcada em um caminhão pau de arara que era popularmente conhecido como "Marta Rocha", numa homenagem a então miss Brasil.

João Gregório chegou a Ouro Verde no dia 18 de setembro de 1964. Junto veio a esposa Sebastiana José de Almeida e os oito filhos do casal: Anedino Monge Ferreira, Neli Libânia Ferreira, Geroliza Emonegilda Ferreira, Gerson Ferreira de Deus, Carmelita Nunes Ferreira (*in memoriam*), Benjamin Bispo Ferreira, Anizia Ezidia Ferreira e Mário Aparecido Ferreira. A mãe de João Gregório, Maria Angélica Ferreira (*in memoriam*), também veio na viagem, depois do filho vender seu sítio em Minas Gerais e comprar seis alqueires e meio em Ouro Verde.

Mas não foi tão rápido chegar até o destino, pois o caminhão quebrou em Angatuba, no Estado de São Paulo, e os Ferreira tiveram que esperar pelo conserto da "Marta Rocha". Depois de nove dias na estrada chegaram ao rancho que João tinha preparado, mas a cobertura feita de tábua de pinheiro arrebentou devido à exposição ao sol. Vem daí que o primeiro trabalho que tiveram logo pela manhã foi refazer o telhado.

Do famoso portão sobraram muitas histórias, quase lendas. A fiscalização para passagem da mudança já não era tão rígida

quando a família desembarcou em Ouro Verde. Em aqui chegando logo fizeram amizade com a família Lucinda que deu o maior apoio para o estabelecimento dos Ferreira. Além deles, o Sebastião Virgílio também foi muito presente nesses momentos iniciais.



Maria Angélica Ferreira
Acervo: Projeto Memória e História

Ao se estabelecer em suas terras, a mãe de João, Maria Angélica, não gostou do sítio que o filho lhe tinha comprado. Bom filho que era, João assumiu as prestações do sítio da mãe e comprou outras terras do gosto da senhora. Mas, foi a partir daí que ele acabou se apurando, pois tinha que pagar o seu sítio e o sítio de sua mãe. Teve que trabalhar dobrado junto com os filhos que pegavam o machado e a foice para derrubar o mato para o pessoal da vila. Aos poucos a família foi recuperando o dinheiro com suor e muito trabalho.

Nesse meio tempo, a filha Carmelita adoeceu e tinha que ficar viajando para muitos locais em busca de tratamento. Era uma sina, indo e vindo de Curitiba, Arapongas e Apucarana. Não tinha outro jeito, pois era assim quando alguém ficava doente. Depois de diversas operações, Carmelita não resistiu e acabou falecendo aos vinte e um anos, vítima de epilepsia.

Para chegar até Toledo tinha que recorrer ao táxi: na época um jipe. Só um tempo depois é que chegou a Kombi do João Leonardi. Os moradores iam até Toledo porque ali já existia o hospital Campagnolo.

Dona Sebastiana, hoje com 92 anos, nos conta que o arroz era socado no pilão e usado para alimentar todos os seus filhos. Lembra também que na beira do Rio São Francisco havia um belíssimo laranjal. Os filhos de João e Sebastiana iam até lá montados em um burro para degustarem laranja fresquinha, direto no pé. Era uma delícia.

A própria água do rio era utilizada para cozinhar os alimentos e para beber. Mas Anizia conta que muitas pessoas que tomavam água diretamente do rio ficavam com papo e tinham que tomar iodo para curar o inchaço no pescoço.

A primeira lavoura foi plantada por Sebastiana que arrancou a taquara nos fundos do sítio e plantou amendoim, milho e fei-

jão. Eram os filhos que ajudavam a desbravar o mato para as plantações.

Anedino conta que o que mais havia por aqui era quati, macaco, tucano, jacu, macaco bugio, sagui e cobra, muita cobra. Conta o Anedino que ele chegava a matar até quatro cobras em um único dia!

Em relação à flora, peroba não faltava, pois era uma madeira muito forte. Havia também muitas árvores tais como gurucaia, canelão, jaracatiá, pinheiro, xaxim, e muito palmital, que era uma ótima reserva alimentar.

O jogo de malha era a diversão nos dias de folga. Mas como na pequena vila não tinha muitas opções de entretenimento o jeito era caçar passarinho ou pescar para o tempo passar.

Na época o povo se abastecia nas vendinhas do José Moraes e do José Souto. Além deles, o Geraldo "Balanga o Beiço", também tinha um bar onde hoje é a esquina da Avenida Belo Horizonte com a Rua Teresina. O apelido veio porque sempre que o homem ia dizer algo ele falava "balanga o beiço, balanga o beiço". E assim ficou.

A esposa de Anedino, Olindaura Conceição Ferreira, chegou a Ouro Verde um pouco antes da família Ferreira. Era 19 de junho de 1964 quando ela chegou com o pai Clemente Pereira, a mãe Celina Conceição Pereira e seus irmãos, Odécio, Olinda e Oni. Vindos de Apucarana, compraram três alqueires nessa região e ficaram durante três meses na pensão do Senhor Joaquim Borges dos Reis até a construção do rancho da família.

Dentre tantos fatos marcantes, Anedino não esquece o que marcou a chegada de sua família e o motivo que lhes fizeram mudar para Ouro Verde.

> *Agora, o que marcou mesmo nossa chegada aqui, eu fiquei maravilhado de ver esse mundão verde, que eu sou amante da natureza. Subia num lugar mais alto era tudo azulzinho. Enxergava verde até uma altura, quando as vistas não aguentavam mais virava tudo azul. Eu achava bonito demais isso daí. Eu adoro a natureza. Mas se não é a formiga saúva nós não tava aqui não.*

FAMÍLIA GURAK (1964)

José Gurak e sua mãe Ana Bernarchuk
Acervo: Projeto Memória e História

Lúcio Gurak (*in memoriam*) e Ana Bernarchuk (*in memoriam*), descendentes de poloneses, chegaram a Ouro Verde com o filho José Gurak, então com vinte e um anos, em janeiro de 1964.

Enquanto as terras que haviam adquirido eram limpas, o casal ficou hospedado no sítio de Paulo e Irene Kopiecz, situado próximo à vila de Ouro Verde. Foram quatro longos meses de idas e vindas até onde hoje é o distrito de São Sebastião, com o propósito de preparar suas terras para o cultivo e também construir a casa onde iriam morar.

A madeira para a futura residência foi comprada na Serraria Brasil e as telhas numa olaria perto do Rio São Francisco. Casa finalmente pronta com poucos vizinhos em volta e muito mato! Tanto que havia três moradores não muito próximos: o Alcino Pereira, o Bento Monteiro e o Zé Augusto. Em outro sítio morava uma mineira com três filhos, seguida pelo José Taborda e também pelo Chiquinho Mineiro. A casa construída foi levantada nas proximidades de uma mina para facilitar na coleta de água, mas depois de um tempo a família furou um poço que permanece aberto até os dias de hoje. Água boa e com fartura desde então.

Estabelecidos em Ouro Verde continuaram se dedicando à plantação de feijão, de arroz, de trigo e de milho, tal qual faziam quando moravam no município de Pitanga, no Paraná, de onde migraram. Lá também criavam porcos, essenciais às propriedades rurais.

Por aqui encontraram bastante mato que foi derrubado na mão e posteriormente queimado, técnica conhecida como coivara. Para derrubar uma árvore de grande porte primeiramente cortavam com machado num dos lados e no outro faziam uso da serra. O caminhão que transportava a madeira só levava uma tora porque as árvores eram realmente bem grandes.

José Gurak
Acervo: Projeto Memória e História

José Gurak recorda dos muitos animais que tinham seu habitat na região. Um que se via bastante era anta, que ia até o carreador da propriedade e era afugentada pelos cachorros do sítio. Também havia uma grande diversidade de pássaros, destacando-se o jacu, a jacutinga, o guru e o macuco. Beirando o rio a temida onça se escondia à espreita. Os caçadores chegavam a vir de caminhão e traziam cachorros treinados para sua presa. Lembra que certa vez os cachorros localizaram uma onça na beira de um rio, escondida atrás de uma tora. Investiram contra o felino que, acuado, mas perigoso, matou seis ou sete cães.

Na viagem para Ouro Verde a família Gurak trouxe uma carroça puxada por dois burros, a qual mais tarde foi muito útil para muitos colonos que aportavam em Ouro Verde. Quem precisava passar com mudança pela região de São Sebastião e atolava o caminhão, o que não era raro dada às condições da estrada, recorria a essa carroça para fazer o transporte da mudança. Ela também transportou as doações feitas para a construção da Igreja na vila de Ouro Verde.

O trajeto de carroça até Toledo era demorado. Eram quase dois dias para ir e voltar. Tinha vezes que José Gurak saía à tarde e chegava na beira do rio São Francisco ao anoitecer. Ali ele amarrava os burros e dormia na carroça até o amanhecer. No

dia seguinte seguia viagem a passo lento até Toledo, onde fazia as compras necessárias. Na viagem de ida ele aproveitava e levava trigo para moer.

Quando o pai de José, Lúcio Gurak, veio a falecer, ele estava batendo trigo na cabeceira do sítio e ficou muito abalado. Sua mãe queria que o caixão fosse carregado na boa e velha carroça, mas o vizinho Zé Londrina não permitiu. Ele queria que os amigos carregassem Lúcio até o cemitério. Então transpassaram duas cordas por baixo do caixão e amarraram-nas em duas varas. Em silencioso cortejo saíram de São Sebastião e foram andando até Ouro Verde.

José não se faz de recatado quando afirma em alto e bom tom que entre os anos de 1970 e 1975 a região de São Sebastião era maior que Ouro Verde. Tinha dois mercados, duas máquinas de descascar arroz, três serrarias, um posto de gasolina, um comprador de cereais e muitas casas e botecos. Com a triste geada negra de 1975 muitos se desencantaram e foram embora, deixando para trás anos de muito trabalho e a esperança de um novo recomeço.

Vila de São Sebastião em julho de 1975 após a geada
Acervo: Projeto Memória e História
(Original: Família Tessaro Alves)

Posto de combustível em São Sebastião
Acervo: Projeto Memória e História
(Original: Família Tessaro Alves)

Como muitas famílias que primeiro chegaram a Ouro Verde, os Gurak deixaram sua marca, principalmente onde hoje é a região do Distrito de São Sebastião que carrega em sua memória as histórias dessa família.

FAMÍLIA MEDEIROS (1964)

Joaquim Alves Medeiros e Placidia Gonçalves Medeiros
Acervo: Projeto Memória e História

João Batista foi um personagem citado por muitos pioneiros como o responsável pelas terras da região de Ouro Verde, pois havia comprado toda essa gleba. Pois bem, foi ele o motivador de seus parentes, Joaquim Alves Medeiros (*in memoriam*) e Placidia Gonçalves Medeiros (*in memoriam*), para a compra das terras da família.

O casal chegou aqui em 1964, trazendo consigo os filhos Moisés, Orlando, Eva e Sebastião que veio casado com Edna Aparecida Polo Medeiros (*in memoriam*), para ficarem na casa da filha que tinha vindo à frente, Tereza e seu marido Adiel, até construírem a nova moradia da família. Migraram de Jaguapitã, Norte paranaense, onde se dedicavam ao trabalho na roça.

Joaquim e Orlando
Acervo: Projeto Memória e História

A pequena vila na época tinha poucas casas e onde hoje é a Avenida Belo Horizonte era apenas descampado. Quando os Medeiros chegaram já residiam as famílias Cruz, Borges, Viana, Souto, entre outras.

Edna e Sebastião
Acervo: Projeto Memória e História

A escola tinha como professora a Dona Catarina, mulher do Luiz Contezini. Contam que Ouro Verde era um lugar muito bom para se morar. Poucas casas, muitos amigos. Todos se juntavam e cozinhavam. A aprendizagem acontecia quando as amigas se juntavam nas casas para estudar, de acordo com Neide Batista, filha de Tereza e Adiel.

Mas nem tudo era felicidade, pois havia muitos jagunços interessados na grilagem de terras. Muitas vezes eles procuravam briga na pequena vila. Como todos tinham medo deles, corriam para suas casas para se esconder. Quando tinha festa era briga na certa. Mas fora alguns mal entendidos, as festas divertiam os moradores com churrasco e muita dança.

Sebastião caçava para levar alimentos para casa. Certo dia conseguiu matar catetos que estavam passando no local onde hoje é a Praça Walter Bonthen. Lembra que tinha muitos bichos por aqui: porcos do mato, veados, quatis e antas. Além da caça para garantir a alimentação, os mais jovens se divertiam com o futebol e com a pesca.

Time de futebol de Ouro Verde do qual Sebastião fazia parte
Acervo: Projeto Memória e História

O "doutor" da época era o Carlinhos, um farmacêutico. Quando não dava pra ele resolver o problema, o jeito era ir até Toledo. Em alguns casos mais graves as pessoas acabavam falecendo. Logo que os Medeiros chegaram um homem morreu de febre amarela. Quem muito ajudou a família foi o Doutor Ivo na década de 70, que salvou o Edson, filho de Sebastião, quando ele estava muito doente.

Para ir até Toledo não era fácil. Não tinha asfalto, era tudo terra. Era pior quando chovia. Mas eles sempre contavam com a ajuda dos alemães, os Janning, que tinham um carroção, e com a família Torqueti que tinha um carro, um DKW. Depois de um tempo, o Joaquim Medeiros comprou um jipe.

Mas a estrada até Toledo não é a mesma que se tem hoje. A atual começou com a coragem de Sebastião que ajudou a abrir a picada, mesmo porque ninguém queria iniciá-la com medo de onça. Juntou seus amigos e começou a abrir a estrada.

No início não havia cemitério, então os mortos eram enterrados no meio da rua mesmo. Depois de um tempo, quando o cemitério foi construído, é que retiraram esses corpos e os puseram no local apropriado.

Tereza
Acervo: Projeto Memória e História

O cemitério era usado por Edna e Tereza para fazerem suas orações. Mas, brincalhão como era, Sebastião aproveitava o momento para assustar as mulheres que corriam de medo ao ouvirem o som que Sebastião fazia. Como conta Alice, filha de Tereza, as mulheres nem sempre iam lá só para rezar. Algumas vezes aproveitam o ambiente calmo e solitário para pegar algumas flores e enfeitar a casa.

A vida vai passando e as memórias vão viajando pelo tempo. Memórias que ficam e memórias que vão, mas memórias que deixaram marcas na história de Ouro Verde. História que foi construída com muita força e garra de um povo que queria uma vida melhor e uma terra boa para produzir.

Aos que já se foram, como Joaquim e Placidia, permaneceram as lembranças aos seus descendentes que recordam com alegria e saudade de um tempo de muito trabalho e muita determinação.

FAMÍLIA SOUZA (1964)

Laíde e Leonildo no dia do casamento
Acervo: Projeto Memória e História

Leonildo Raimundo de Souza (*in memoriam*) e sua esposa Laíde Azevedo de Souza chegaram a Ouro Verde no dia 15 de julho de 1964. Juntos vieram os filhos Claudenir (Cuca) então com cinco anos e a Claudecir com quatro anos de idade. Após vinte e oito dias desde a chegada, Laíde deu à luz o Claudelei e anos depois nasceu a caçula Claudinéia (Néia).

A família morava em Rio Bom, no Paraná, pertinho de Apucarana, e se dedicava à lavoura, tendo no plantio de capim para o pasto do gado sua principal fonte de renda.

Acontece que a família Souza, a exemplo do que acontecia com muitas outras naquela região, deparava-se com o fato de que a propriedade onde trabalhavam não ser sua. Eram tão somente simples arrendatários e tinham que pagar um percentual grande para os verdadeiros donos da terra. Sendo assim, não acalentavam maiores possibilidades de melhoria de vida para o futuro.

Os quatro filhos de Leonildo e Laíde. Da esquerda para a direita: Claudenir, Claudecir, Claudelei e Claudinéia
Acervo: Projeto Memória e História

E assim foi até o momento que ficaram sabendo que existiam terras disponíveis para a venda no Oeste do Paraná, mais

especificamente num lugar chamado Ouro Verde. Quem deu a notícia foi o Delfino Basso, que era amigo de longa data da família, inclusive fora padrinho de casamento de Leonildo e Laíde.

Leonildo em sua propriedade
Acervo: Projeto Memória e História

Como as terras eram baratas decidiram se mudar. A opção foi pela compra do sítio do cunhado do Vicente Ferreira. Ele tinha comprado boas terras, fez um rancho e até construiu um fogão de barro. Acontece que a infelicidade bateu à porta! Nem fogo colocou no fogão e teve que voltar às pressas para Laranjeiras, ali perto de Califórnia, porque um filho dele morreu.

Foram dois dias de viagem, saindo de madrugada de Rio Bom e chegando na noite do outro dia a Ouro Verde.

Passaram a noite na casa do compadre Delfino e no outro dia partiram para o sítio que haviam comprado. Laíde até lembra que o motorista que trouxe a mudança perguntou se estavam felizes por terem se mudado. Sim, disseram em coro! Vem daí que ele disse que era mil vezes melhor morar em seu próprio rancho do que dentro de um palacete que não fosse seu!

As terras do sítio foram pouco a pouco sendo limpas pelo Leonildo, que derrubava as árvores a machado e depois colocava fogo na vegetação para abrir o espaço. Nos espaços que ia abrindo a família começou a plantar milho e também criar alguns porquinhos. A água boa e em quantidade era o que não faltava, sendo coletada em uma mina próxima da casa que hoje é conhecida como Córrego Comprido. Também não faltavam cobras e passarinhos.

Leonildo e Laíde (grávida de Claudelei) com os filhos: Claudecir e Claudenir
Acervo: Projeto Memória e História

Que saudade! Laíde conta que naqueles anos tinha muitos moradores em Ouro Verde. Anos depois a maioria foi embora em razão da famosa geada negra de 1975. Pois é, muita gente foi tentar a sorte no Mato Grosso.

Ouro Verde onde hoje é a Avenida Belo Horizonte em frente à Praça Walter Bonthen em julho de 1973
Acervo: Projeto Memória e História

Nos domingos à tarde tinha missa, oportunidade que reunia muitos fiéis no grande jardim que existia defronte à igreja. Iam para rezar, conversar e namorar.

Sabe como é que é, casa nova, vida nova e novos amigos. Os primeiros foram o José Borges dos Reis, o José Moraes, o Carlinhos (Carlos Riechel), a Cacilda (Ana Darcilda Boehm), a Eulália Hoffmann, o Antônio Azarias, o Zé Eleutério e o Vicente Emídio de Almeida. O sogro de Laíde, Otávio Raimundo de Souza, também já estava morando aqui há quase um ano.

Já tinha escola e as professoras eram as filhas do Guerino, Hélia e Lúcia, e também sua nora. A escola ficava ao lado onde hoje fica a Casa Paroquial na Rua Amazonas e as crianças estudavam a partir dos sete anos.

Laíde então relembra que os cuidados com a saúde é que eram um pouco mais complicados. Só tinha médico em Toledo, nos hospitais Campagnolo e Dall'Oglio, mas tudo era pago. Para levar os moradores de Ouro Verde para Toledo tinha que recorrer ao João Leonardi, que possuía uma Kombi. Ele saía de manhã e voltava à tarde.

Com o passar dos anos as coisas foram melhorando e não poderia ter sido diferente. Todavia, Laíde insiste em recordar com nostalgia aqueles primeiros anos em sua nova terra, em sua nova casa, com seus novos amigos. Arrendatários nunca mais!

FAMÍLIA MOREIRA (1965)

Claudionor e Maria (na esquerda) com os filhos:
João, Anita, Aristides, Jair, Odete, Ieda e Julieta em 1965
Acervo: Projeto Memória e História

Em 1963, Ouro Verde era uma novidade para Claudinor Moreira (Claudionor). O jovem, com então trinta e cinco anos, já tinha as mãos calejadas pelos lides do café quando comprou seis alqueires e meio onde hoje é a Linha Gozzi. Dois anos mais tarde, em 1965, mudou-se em definitivo com a esposa Maria França de Oliveira Moreira e os filhos. Família grande: João, Anita, Aristides, Jair, Odete, Ieda e Julieta (Júlia). Os filhos Arlindo, Luzia e Edna nasceram aqui. Durante esse tempo, enquanto resolvia algumas pendências, Claudionor deixou um homem responsável por abrir as terras.

Maria França com alguns filhos
Acervo: Projeto Memória e História

Quando a família Moreira desembarcou com toda a mudança se depa-

rou com apenas dois alqueires derrubados. Para piorar ainda mais as coisas a casa que era para morarem ainda não havia sido construída. Fazer o quê? Tiveram que despejar a mudança num rancho que serviria de abrigo temporário até que o Luizinho, o Luiz Gozzi, construísse a nova casa da família.

Esses mineiros vieram de Mandaguari, perto de Maringá, lá no Norte do Paraná, onde moravam há onze anos.

Lá o Claudionor se dedicava ao cultivo do café, mas os pés haviam sido plantados num lugar baixo e sofriam com a geada. Trabalhava como empregado, muito trabalhava e pouco colhia. Daí o jeito era cuidar da lavoura branca (milho, feijão e arroz), no meio do cafezal, para tentar garantir algum lucro.

Como tinha medo de viajar de avião, Claudionor deixou de comprar terras em Palotina. Não se encabulou e como era grande a vontade de ir embora de Mandaguari e ter algo próprio, algo que era seu, o destino resolveu intervir a seu favor e ele foi parar em Ouro Verde.

A viagem em definitivo demorou três dias. No caminhão, além das pessoas, veio ferramenta, veio comida, veio cachorro, veio cavalo e veio galinha. Claudionor não se queixava, sorria à toa. Era de uma animação só em vir morar num lugar que seria só seu. Assim, não se cansava em dizer que sua mula iria morrer em uma terra que fosse sua! Dito e feito foi o que aconteceu. Claudionor perseverou e venceu!

Claudionor (à esquerda) e seu amigo Manuel Meireles durante caçada
Acervo: Projeto Memória e História

Por aqui encontrou muito porco do mato, o queixada. Pense num bicho perigoso! Com a temida e propalada onça não se deparou, mas viu rastro fresco. O que também tinha e muito era quati, macaco, cutia, paca, cobra e veado.

Maria França lembra dos enxames de borrachudos e de moscas que marcaram a chegada da família. Quando estendia o varal, preteava de mosca! Um nojo! A roupa era lavada no rio

próximo à casa que hoje é conhecido como Córrego Sanga Funda, rio que fornecia a água que a família bebia, pelo menos até que o Claudionor abrir o poço.

No primeiro ano de residência onde hoje é a Linha Gozzi o Claudionor viu a chegada de dezenas e dezenas de famílias. Era gente chegando todo dia, muitos dos quais foram embora meses depois, mesmo porque aquela vida não era para qualquer um. Os próprios filhos também quase fraquejaram, mas lembravam da fala do pai que sempre dizia que ali era bom porque estavam morando em um lugar que era deles. Sendo assim, não deram o braço a torcer.

Família Moreira reunida diante de sua primeira casa na Linha Gozzi
Acervo: Projeto Memória e História

Curioso era que quem morava na região tinha seu próprio carreador, como era o caso do Geraldo Pastore e do Antônio Gozzi. Depois de um tempo, Claudionor resolveu construir o seu, mas quando o prefeito de Toledo, na época o Campagnolo, passou pela região da Linha e viu a obra, não gostou. Não demorou e enviou patrolas para terminar o serviço, o que foi benéfico para todos os moradores.

A escola, bem, a primeira escola da Linha Gozzi teve a Cleide Gozzi como a primeira professora. Os filhos João e Anita já tinham concluído o terceiro ano escolar, o que era considerado mais do que suficiente. Da família quem iniciou os estudos na

escolinha foram o Aristides e o Jair, com onze e nove anos, respectivamente.

Certa vez o Jair chegou atrasado e o professor da época, Teodomiro que estava substituindo Cleide, não o deixou entrar na sala de aula. Ele voltou para casa para trabalhar, e durante seu ofício, uma cobra, num bote certeiro, lhe picou.

Claudionor lembra que geava e fazia muito frio. Difícil então derrubar o mato. O jeito era levar consigo alguns bolinhos de sebo de boi na bolsa. Quando a mão sangrava devido ao frio ele pegava o sebo e esfregava na mão e no machado. Fazia isso para esquentar as mãos e não sentir dor.

Maria França e Claudionor
Acervo: Projeto Memória e História

O Claudionor sofreu um bocado, mas esse sofrimento ele tirava de letra porque estava trabalhando no que era seu. A mula havia morrido, mas morrera numa terra que era sua!

Atualmente, Claudionor, com 89 anos, e sua esposa Maria França, com 88 anos, com 69 anos de casados, continuam desfrutando das terras que escolheram para serem suas.

Arquivo Fotográfico

Derrubada de árvores com machado
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Borges dos Reis)

Joaquim, César e amigos abrindo a avenida
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Borges dos Reis)

Plantio manual de milho
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Dal Pozzo)

Caminhão com ipê. Um pé de ipê resultou em 4 toras de 5 metros
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Montanari)

Caminhão dos Montanari em 1964
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Montanari)

Alzira em frente à marcenaria de seu esposo Rudolfo Kleinübing
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

Reinoldo e Amilton Janning onde hoje é a Avenida Belo Horizonte
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

Pensão de Joaquim Borges quando foi realizada a primeira missa antes de construir a Igreja
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Torqueti)

Aniversário de Araci Borges. Aos fundos, pensão de Joaquim Borges
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Borges dos Reis)

Armazém de José Moraes
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

Benvinda Barbosa na sanfona e Nelson Torqueti afinando o violão
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Torqueti)

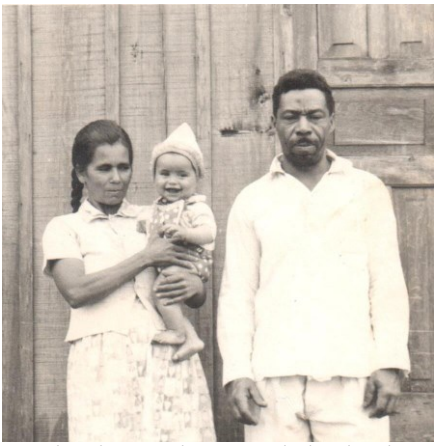
Casa de japoneses (com cobertura de tabuinha) próxima à usina de hortelã na "Rua da Lona"
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Torqueti)

Foto Erechim (de propriedade de Edvaldo Torres em 1970). No meio, Jair Montanari
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Montanari)

Foto Erechim onde hoje é a esquina da Rua Amazonas com a Rua Goiânia
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Cruz)

Família Montanari em frente ao Foto Erechim com um carro Simca
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Montanari)

Primeira Igreja de Ouro Verde após celebração
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Azarias)



Sebastião Cardoso, o embaixador da Folia de Reis
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Azarias)

Folia de Reis (Mauro Picini segurando a bandeira)
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Torqueti)

Crisma de Alceu Dal Pozzo
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Dal Pozzo)

Primeira Procissão que veio os missionários
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Torqueti)

Primeira Igreja e a segunda durante mutirão para cobertura
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Borges dos Reis)

Primeira Igreja na frente e construção da segunda ao fundo
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Borges dos Reis)

Segunda Igreja de Ouro Verde
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

Primeira escola com as professoras ao fundo
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Torqueti)

Primeiro jogo no Campo de Futebol ao lado da Igreja em 1963
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

Primeira serraria de Osébio Sallet
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Sallet)

Casamento na subprefeitura. Do lado da noiva, no primeiro degrau, José Moraes
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Moraes)

Integrantes da Família Moraes em 1949
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Moraes)

Integrantes da Família Borges dos Reis
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Borges dos Reis)

Primeira Formatura de 4º ano em Ouro Verde no primeiro Clube do Osébio Sallet
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Cruz)

Primeira fanfarra em frente ao cinema
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

Ana Beatriz Kleinübing e Antônio de Almeida em peça teatral da escola dentro do cinema, por volta de 1975
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

Primeira fanfarra em desfile de 7 de setembro de 1975
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Kleinübing)

Time de futebol da Serraria Sanga Funda
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Tessaro Alves)

Time de futebol de Ouro Verde
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Borges dos Reis)

Alambique de cana na propriedade da Família Boiko
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Boiko)

Primeira plantação de trigo em 1973
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Boiko)

Joaquim Borges dos Reis no dia em que recebeu título de cidadão honorário em Ouro Verde
Acervo: Projeto Memória e História (Original: Família Borges dos Reis)

Poço ainda existente na propriedade de Erica Sallet
Acervo: Projeto Memória e História

Poço ainda existente na propriedade de Aurora Gozzi Pastore
Acervo: Projeto Memória e História

Judith Amancio Pereira com peças antigas que preservou
Acervo: Projeto Memória e História

ENTREVISTAS

O *Projeto Memória e História* teve a intenção de reunir as narrativas de muitos dos personagens que ajudaram a construir a história de Ouro Verde do Oeste entre os anos de 1959 a 1965. Esses personagens formam um mosaico de lutas, trabalho, derrotas e vitórias numa nova terra, um novo mundo para eles.

E todas as histórias presentes no Livro *Memórias de Ouro Verde do Oeste (1959-1965)* foram relatadas por esses personagens, os pioneiros. Cada um, representando com vigor sua família, se propôs a contar sua história desde os primórdios nessas terras, hoje o município de Ouro Verde do Oeste.

Ao se posicionarem frente às câmeras, a voz que entoaram serviu para preservar a memória deste município, pois os relatos apresentados narraram como se deu a instalação dos migrantes iniciais nessas terras.

As histórias filmadas foram transpassadas em texto e transformadas nos relatos presentes neste Livro. Por isso, nenhum dos relatos apresentados foram modificados, pois nesta obra prevaleceu a verdade dos fatos contados pelos próprios pioneiros onde cada família descreveu sua história dentro de sua visão.

Foi dessa forma que o *Projeto Memória e História* buscou apresentar ao leitor a rememoração dos pioneiros de Ouro Verde do Oeste através das famílias que aqui chegaram entre os anos de 1959 a 1965. São as famílias: Almeida, Ancelmo/Pereira, Azarias, Boehm, Boiko, Borges dos Reis, Bortolussi/Theis/Silva, Cruz, Dal Pozzo, Ferreira, Gomes, Gozzi, Gurak, Hoffmann, Janning, Kleinübing, Kopiecz, Lucinda, Medeiros, Montanari, Montanha, Moraes, Moreira, Nascimento/Viana, Pastore, Ranulfo de Souza, Rodrigues, Sallet, Souza, Taborda, Taraczuk, Tessaro Alves, Torqueti, Viana e Zorzo.

FAMÍLIA ALMEIDA

Entrevista com Judith Amancio Pereira, Maria Geni de Almeida e Mariano Vicente de Almeida

FAMÍLIA ANCELMO/PEREIRA

Entrevista com Espedita Pereira e José Ancelmo

FAMÍLIA AZARIAS

Entrevista com Delmira da Costa Azarias

FAMÍLIA BOEHM

Entrevista com Ana Darcilda Boehm

FAMÍLIA BOIKO

Entrevista com Estéfica Choptian Boiko

FAMÍLIA BORGES DOS REIS

Entrevista com José Borges dos Reis, Laura Borges dos Reis, Walter Borges dos Reis e *Joaquim Borges dos Reis* (*in memoriam*, material cedido por Adélia Aparecida Silva Copetti e Lourdes Aparecida Negrini Gasparoto)

FAMÍLIA BORTOLUSSI/THEIS/SILVA

Entrevista com Luiza Theis, Olvidio Estanislau Theis, Maria da Silva Bortolussi e Valdomiro Bortolussi

FAMÍLIA CRUZ

Entrevista com José Benedito da Cruz e Pedro Ramos da Cruz

FAMÍLIA DAL POZZO

Entrevista com Libra Pelegrini Dal Pozzo e *Jocondo Domingos Dal Pozzo* (*in memoriam*, material cedido por Adélia Aparecida Silva Copetti e Lourdes Aparecida Negrini Gasparoto)

FAMÍLIA FERREIRA

Entrevista com Sebastiana José de Almeida, Anedino Monge Ferreira, Anizia Egidia Ferreira e Olindaura Conceição Ferreira

FAMÍLIA GOMES

Entrevista com Izabel Borges Ribeiro Gomes e Sandra Aparecida Braga

FAMÍLIA GOZZI

Entrevista com Aurora Gozzi Pastore, Antônio Gozzi, Nair Zanatta Gozzi, Therezinha Squarcini Gozzi e Vicente Gozzi

FAMÍLIA GURAK

Entrevista com José Gurak

FAMÍLIA HOFFMANN

Entrevista com Diva Hoffmann Silva e *Eulália Hoffmann* (*in memoriam*, material cedido por Adélia Aparecida Silva Copetti e Lourdes Aparecida Negrini Gasparoto)

FAMÍLIA JANNING

Entrevista com Hilda Steinhach, Amilton Janning, José Janning e José Renato Janing

FAMÍLIA KLEINÜBING

Entrevista com Celso Antônio Kleinübing, Joana Teresinha Kleinübing de Araújo e *Rudolfo Frederico Kleinübing* (*in memoriam*, material cedido por Adélia Aparecida Silva Copetti e Lourdes Aparecida Negrini Gasparoto)

FAMÍLIA KOPIECZ

Entrevista com Lademiro Kopiecz, Maria Ruth Kopiecz e *Irene Kopiecz* (*in memoriam*, material cedido por Adélia Aparecida Silva Copetti e Lourdes Aparecida Negrini Gasparoto)

FAMÍLIA LUCINDA

Entrevista com Antônio Eurípedes Lucinda e Gasparina Martins Lucinda

FAMÍLIA MEDEIROS

Entrevista com Orlando Medeiros e Sebastião Medeiros

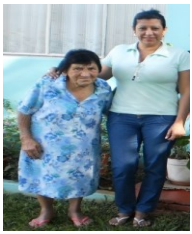
FAMÍLIA MONTANARI

Entrevista com Lires Melim Montanari, Ademir Montanari e Célia Montanari

FAMÍLIA MONTANHA

Entrevista com Narcelina Aurora Montanha

FAMÍLIA MORAES



Entrevista com Ana Castoldi Moraes, Juraci Moraes e Maria da Silva Moraes

FAMÍLIA MOREIRA

Entrevista com Claudinor Moreira, Maria França de Oliveira Moreira, Aristides de Oliveira Moreira e Julieta Moreira Pastore

FAMÍLIA NASCIMENTO/VIANA

Entrevista com Antônio Ferreira do Nascimento e Dionila Viana

FAMÍLIA PASTORE

Entrevista com Aurora Gozzi Pastore

FAMÍLIA RANULFO DE SOUZA

Entrevista com Antônio Ranufo de Souza e Maria Laurindo de Souza

FAMÍLIA RODRIGUES

Entrevista com Vital Rodrigues da Silva, José Rodrigues da Silva e Zulmira Vieira da Silva

FAMÍLIA SALLET

Entrevista com Maria Erica Sallet

FAMÍLIA SOUZA

Entrevista com Laíde Azevedo de Souza

FAMÍLIA TABORDA

Entrevista com Ana Rosa de Souza, Alzira Taborda de Souza Corveto, Antônio Taborda de Souza, José Taborda de Souza e Lauri Taborda de Souza

FAMÍLIA TARACZUK

Entrevista com Justino Taraczuk e Vitalino Taraczuk

FAMÍLIA TESSARO ALVES

Entrevista com Evaristo Tessaro Alves, Luiz Tessaro Alves e Salete Dominga Alves Cantoni

FAMÍLIA TORQUETI

Entrevista com Irma Reolon Torqueti

FAMÍLIA VIANA

Entrevista com Áurea dos Santos Viana

FAMÍLIA ZORZO

Entrevista com Nezildo Zorzo e Wilma Paulina Zorzo

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim dessa jornada, viajando pelas correntezas da memória daqueles que ajudaram a construir a história de Ouro Verde do Oeste.

Este livro faz parte do *Projeto Memória e História* e cobre os anos de 1959 a 1965. Esperamos que outros ainda virão detalhando aspectos relevantes da e para a comunidade ouroverdense em anos posteriores.

Tarefa gratificante. Foram dezenas de depoimentos, os quais trouxeram à tona aspectos relevantes da vida cotidiana da nossa gente naqueles primeiros anos. Vida difícil, repleta de desafios para aquelas dezenas de famílias que chegavam ao Oeste paranaense em busca de uma vida melhor para si e para os seus.

Mas não nos enganemos, pois as coisas eram bem mais difíceis do que supomos nos dias de hoje. Caso não tomarmos cuidado correremos o risco de vermos aqueles tempos idos tão somente sob a cortina da nostalgia, relegando a um plano romântico aqueles tempos de incerteza, onde tudo estava em jogo. Esqueceremo-nos, talvez, que as coisas mais simples somente eram obtidas com muito esforço. Nada era de graça. Nesse sentido, água encanada, energia elétrica, assistência médica, educação, alimentação, transporte e vestuário foram necessidades básicas que somente foram garantidas com o passar dos anos e com muito sacrifício.

Esperamos sinceramente que a coletânea de depoimentos apresentada neste livro seja apenas o início de um trabalho que se prolongue nos anos que virão.

Acreditamos que sim, pois para nossa alegria a comunidade de Ouro Verde deu mostras de grande maturidade ao descobrir que deve ter consigo uma permanente e renovada preocupação e valorização com a sua história. Em assim sendo o futuro que se avizinha será acompanhado pela certeza de que o que foi feito até então não foi em vão.

Encontros e Caminhos | 2017
Ações Socioambientais

OBJETIVOS

ACIOV

lindeiros

ITAIPU
Sustentável